



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
- MESTRADO PROFISSIONAL -**

**LEONORA CAVALCANTE DE LIMA**

**No Regaço do Vale: cartografias de José Lins do  
Rego no ensino de História Local**

CAMPINA GRANDE – PB  
2019

**LEONORA CAVALCANTE DE LIMA**

**No Regaço do Vale: cartografias de José Lins do  
Rego no ensino de História Local**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, *Campus I*, como parte das exigências para obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

Linha de pesquisa: Linguagens, Culturas e Formação Docente.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino

CAMPINA GRANDE – PB  
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732r Lima, Leonora Cavalcante de.  
No regaço do vale [manuscrito] : cartografias de José Lins do Rego no ensino de História local / Leonora Cavalcante de Lima. - 2019.  
151 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Dissertação (Mestrado em Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.  
"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."  
1. Ensino de história. 2. Literatura. 3. História local. 4. Identidade e cultura. I. Título

21. ed. CDD 373.89

**LEONORA CAVALCANTE DE LIMA**

**No Regaço do Vale: cartografias de José Lins do Rego no  
ensino de História Local**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, *Campus I*, como parte das exigências para obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

Linha de pesquisa: Linguagens, Culturas e Formação Docente.

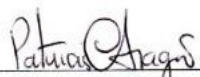
Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (PPGLI/UEPB)**  
Orientador



---

**Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão (PPGFP/UEPB)**  
Examinadora



---

**Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (PPGH/UFCG)**  
Examinador

CAMPINA GRANDE – PB  
2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, de forma única, e com muita gratidão, a DEUS, por me conduzir, iluminar e sustentar nos momentos mais difíceis desta caminhada profissional, sendo meu alicerce e meu amparo em todos os dias.

Aos meus pais, José Francisco de Lima e Riselda Cavalcante de Lima, por toda educação, incentivo, carinho e dedicação prestados para que pudesse alcançar meu objetivo.

Ao meu irmão João Antônio de Lima, prima Rosângela Ana de Lima e namorado Jamilton Ferreira da Silva, sou grata por toda ajuda, amor e por sempre acreditarem que posso ir além.

Aos professores, Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo e Dr. Iranilson Buriti de Oliveira, que compuseram a banca examinadora dessa defesa de mestrado, bem como à professora Ma. Gorette Andrade, que revisou detalhadamente este trabalho de dissertação.

Ao meu orientador, Dr. Luciano Barbosa Justino, pelas orientações ao desenvolvimento deste trabalho.

Aos alunos do 9º ano, sujeitos participantes, por toda dedicação, pelo carinho que me fora dado e por contribuírem com o êxito desta pesquisa.

À direção da Escola Municipal Salvino João Pereira, na pessoa de Ana Lúcia de Souza (gestora), aos coordenadores Clécio Jamehson e Telma Sabino, por terem contribuído para a realização desta conquista, e ao vice-gestor Erickson Amorin.

Aos amigos de trabalho da Secretaria Municipal de Educação de Juripiranga, nas pessoas de Rodrigo Matias Cavalcanti (secretário), Maria José da Silva, Severina Gomes, Jane Cleide Alves, Katiana Maria Matias, Leandro Gonçalves e Cristiane Maria (coordenadores), pelas palavras de ânimo, compreensão e flexibilidade no período de afastamento e escrita deste trabalho.

À gestão e professores que compõem a Escola de Referência em Ensino Médio Pedro Tavares, pela torcida e flexibilidade nas horas de necessidade, mesmo sendo uma profissional novata desta instituição.

Aos meus amigos Ivo, Stive, Diogo, Gabryele, Augusta, Mariana, Washington, Ednir e Ramon, que contribuíram de forma majestosa, incentivando e sendo meu porto seguro nos momentos que mais necessitei nesta caminhada, minha eterna gratidão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP), na pessoa da Prof. Dra. Simone Dália de Gusmão, pela possibilidade de formação continuada.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP), minha gratidão por todo direcionamento e ensinamentos.

À secretária do mestrado, que sempre me recepcionou de forma gentil, auxiliando-me quando necessário.

Aos colegas mestrados, que compartilharam comigo momentos alegres e difíceis, em especial, Amanda de Paula, Gercimária Sales, Jéssica Barbosa e Rosana de Sá, em quem pude confiar, dividir todos os momentos, compartilhar conhecimentos e ter o prazer de sua companhia nas viagens até Campina Grande, tornando-se minhas grandes amigas para a vida.

Aos amigos de graduação que, mesmo com a distância física, sempre torceram pela minha conquista.

Na pedra de turmalina e no terreiro da usina eu me criei  
Voava de madrugada e na cratera condenada eu me calei  
E se eu calei foi de tristeza  
Você cala por calar  
Mas e calado vai ficando só fala quando eu mandar  
Rebuscando a consciência com medo de viajar  
Até o meio da cabeça do cometa  
Girando na carrapeta no jogo de improvisar  
Entrecortando eu sigo dentro a linha reta  
Eu tenho a palavra certa  
Prá doutor não reclamar

(Avohai – Zé Ramalho)

## RESUMO

Nos últimos tempos, a interdisciplinaridade vem sendo debatida e aplicada nas escolas com o propósito de desenvolver formas de conceber o conhecimento. E ensinar História significa estabelecer relações interativas que possibilitem ao educando conhecimentos e aprendizagens no campo sociocultural. Partindo desse pressuposto, esta pesquisa busca dialogar com o ensino de História e a obra “Usina”, de José Lins do Rego, utilizada como fonte documental, no intuito de possibilitar aos alunos representações sobre o seu cotidiano e a importância do ensino da História Local para o Ensino Fundamental da Educação Básica, partindo dos seguintes questionamentos: como construir o diálogo da História com a Literatura? Como construir a identidade social e cultural do aluno? Como fortalecer a inclusão da História Local/Regional no plano de aula do professor? Para tanto, tem como objetivo geral discutir as práticas curriculares e a inclusão do ensino de História Local/Regional no plano de ensino do professor de História, a fim de analisar a formação da identidade sociocultural dos sujeitos do Ensino Fundamental – Anos Finais através da Literatura Regional. O aporte teórico está fundamentado nas contribuições de Bittencourt (2009), Guimarães (2012), Pinto (2012), Pesavento (2006), Pinky (2010) Certeau (2009), Chartier (1988), Stuart Hall (2012), Bourdieu (1982) Passeron (1982), entre outros. Em termos metodológicos, e para a realização desta pesquisa no campo da escola, utilizou-se a metodologia da pesquisa qualitativa; a etnografia como método de observação; a pesquisa-ação; entrevistas aos professores de História; e uma sequência didática, aplicada na Escola Municipal Salvino João Pereira, na cidade de Juripiranga – PB, relacionada ao ensino de História Local mediado pela Literatura. Além da sequência didática, a pesquisa teve como produto final a elaboração de um Guia para os professores de História. Com base nos resultados, foi possível verificar que o estudo da obra literária “Usina” forneceu aos alunos participantes o conhecimento e a importância da cultura açucareira que envolve nossa região, a qual também é cenário do livro.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Literatura. História Local. Identidade e Cultura.



## ABSTRACT

In recent times, interdisciplinarity has been debated and applied in schools with the purpose of developing ways of conceiving knowledge. And teaching History means to establish interactive relationships which enable the student with knowledge and learning in the socio-cultural field. Based on this assumption, this research tries to dialogue with the teaching of History and José Lins do Rego's work "*Usina*", used as a documentary source, in order to enable students representations about their daily lives and the importance of teaching Local History in Elementary School of the Basic Education, starting from the following questionings: how can one build the dialogue between History and Literature? How to build the student's social and cultural identity? How to strengthen the inclusion of Local / Regional History in the teacher's lesson plan? For this purpose, its general objective is to discuss curricular practices and the inclusion of Local / Regional History teaching in the History teacher's teaching plan, in order to analyse the formation of the socio-cultural identity of Elementary School subjects - Final Years, through Regional Literature. The theoretical support is based on the contributions of Bittencourt (2009), Guimarães (2012), Pinto (2012), Pesavento (2006), Pinky (2010) Certeau (2009), Chartier (1988), Stuart Hall (2012), Bourdieu (1982) Passeron (1982), among others. In methodological terms, and for the accomplishment of this research in the school field, the qualitative research methodology was used; ethnography as a method of observation; action research; interviews with History teachers; and a didactic sequence, applied at Salvino João Pereira Municipal School, in the city of Juripiranga - PB, related to the teaching of Local History mediated by Literature. Besides the didactic sequence, the research had as its final product the elaboration of a Guide for History teachers. Based on the results, it was possible to verify that the study of the literary work "*Usina*" provided the participating students with the knowledge and importance of the sugar culture that involves our region, which is also the book setting.

**Keywords:** History Teaching. Literature. Local History. Identity. Culture.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Competências para o ensino de História .....	26
<b>Figura 2</b> – Visão frontal da Escola Salvino .....	54
<b>Figura 3</b> – Capa do Guia do Professor .....	56
<b>Figura 4</b> – Debate inicial dos alunos associado à leitura .....	79
<b>Figura 5</b> – Professora-pesquisadora em sala.....	80
<b>Figura 6</b> – Alunos durante o debate.....	81
<b>Figura 7</b> – Aluna realizando leitura.....	83
<b>Figura 8</b> – Resposta da Aluna 5 da Atividade 1 .....	85
<b>Figura 9</b> – Resposta do Aluno 7 da Atividade 1.....	86
<b>Figura 10</b> – Atividade 2 da Equipe 1 .....	88
<b>Figura 11</b> – Atividade 2 da Equipe 2.....	89
<b>Figura 12</b> – Atividade 2 da Equipe 3.....	90
<b>Figura 13</b> – Atividade 2 da Equipe 4.....	91
<b>Figura 14</b> – Atividade 2 da Equipe 5.....	92
<b>Figura 15</b> – Aula de campo no Museu José Lins do Rego, João Pessoa-PB.....	94
<b>Figura 16</b> – Alunos observando as fotos de familiares de José Lins do Rego .....	95
<b>Figura 17</b> – Alunos dentro do museu conhecendo a história do autor .....	95
<b>Figura 18</b> – Biblioteca/Escritório da casa do Rio de Janeiro de José Lins do Rego .....	96
<b>Figura 19</b> – Foto no pátio do Espaço Cultural José Lins do Rego .....	96
<b>Figura 20</b> – Chegada dos alunos ao Engenho Corredor, Pilar-PB .....	97
<b>Figura 21</b> – Faixada da Fundação Menino de Engenho Pilar-PB .....	98
<b>Figura 22</b> – Visita com os professores da Escola Salvino.....	99
<b>Figura 23</b> – Alunos na Faixada da Fundação.....	98
<b>Figura 24</b> – Alunos dentro da Fundação .....	99
<b>Figura 25</b> – Alunas dentro da Fundação assinando o livro de visitantes.....	100
<b>Figura 26</b> – Exposição de obras do autor e quadros de artistas da cidade.....	100
<b>Figura 27</b> – Casa Rosa em 2019 .....	101
<b>Figura 28</b> – Antiga senzala pertencente ao Engenho Corredor .....	102
<b>Figura 29</b> – Casa antiga do avô de José Lins do Rego .....	103
<b>Figura 30</b> – Casa Grande do Engenho .....	103
<b>Figura 31</b> – Reservatório de açúcar no chão da casa de pulgar.....	104
<b>Figura 32</b> – Casa de purgar (armazém) .....	104
<b>Figura 33</b> – Ruínas do Engenho de açúcar .....	105
<b>Figura 34</b> – Caldeiras .....	105
<b>Figura 35</b> – Capa do Jornal.....	107
<b>Figura 36</b> – Colunas escritas pelas equipes do 9º ano A .....	107
<b>Figura 37</b> – Colunas escritas pelas equipes e pela pesquisadora.....	108
<b>Figura 38</b> – Parte final do jornal do 9º ano A.....	108

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Roteiro de aula do dia 15 de maio de 2019 .....	75
<b>Quadro 2</b> – Momento da reflexão sobre a relação Juripiranga e Pilar .....	76

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
------------------	----

### CAPÍTULO I

1	<b>PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: IDENTIDADE, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE .....</b>	<b>17</b>
1.1	<b>Trajetos da história escolar no Brasil .....</b>	<b>17</b>
1.2	<b>O ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental de acordo com os documentos oficiais .....</b>	<b>20</b>
1.3	<b>Interdisciplinaridade no ensino de História .....</b>	<b>27</b>
1.4	<b>Literatura como fonte para o professor .....</b>	<b>30</b>
1.5	<b>Cultura literária e artefatos de memória na construção identitária.....</b>	<b>34</b>
1.6	<b>Na palha da cana: História Local e Literatura Regional .....</b>	<b>42</b>
1.6.1	<b>José Lins do Rego e o Movimento Regionalista .....</b>	<b>46</b>

### CAPÍTULO II

2	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>48</b>
2.1	<b>Abordagem do tipo de pesquisa.....</b>	<b>48</b>
2.2	<b>Conhecendo o <i>locus</i> da pesquisa.....</b>	<b>53</b>
2.3	<b>Colaboradores da pesquisa .....</b>	<b>55</b>
2.4	<b>Percurso para a construção do produto .....</b>	<b>56</b>
2.5	<b>Instrumentos para coleta de dados .....</b>	<b>57</b>
2.5.1	<b>Entrevistas Semiestruturadas .....</b>	<b>58</b>
2.6	<b>Sequência Didática.....</b>	<b>64</b>
2.6.1	<b>Sequência Literária Básica: Literatura e História Local: José Lins do Rego em sala de aula.....</b>	<b>65</b>

### CAPÍTULO III

3	<b>EXPERIÊNCIA DA PESQUISA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA HISTÓRIA LOCAL, IDENTIDADE E LITERATURA REGIONAL .....</b>	<b>70</b>
3.1	<b>Narrativa da experiência.....</b>	<b>70</b>
3.2	<b>Parte I – Iniciando a Sequência: conhecendo José Lins do Rego.....</b>	<b>70</b>
3.3	<b>Parte II – Leitura dos trechos da obra “Usina” .....</b>	<b>78</b>
3.3.1	<b>Atividade de Interpretação.....</b>	<b>84</b>

<b>3.4</b>	<b>Visita ao Centro Cultural Museu José Lins do Rego .....</b>	<b>93</b>
<b>3.5</b>	<b>Visita ao Engenho Corredor, Pilar-PB .....</b>	<b>97</b>
<b>3.6</b>	<b>Jornal Escolar .....</b>	<b>106</b>

	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>110</b>
--	-----------------------------------	------------

	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>113</b>
--	--	------------

**APÊNDICES**

**ANEXOS**

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, pensar a educação escolar a partir de uma postura crítica é um ponto importante, principalmente para o ensino de História, cujas aulas devem contribuir, entre outras coisas, para que os alunos se posicionem frente às questões de seu tempo e da realidade social na qual estão inseridos. Nesse sentido, esta pesquisa surge da necessidade de se promover o ensino da História Local nas escolas, colocando, em muitos momentos, o aluno como sujeito desta história.

Para tanto, utilizamos a interdisciplinaridade com a literatura de José Lins do Rego, autor paraibano que problematizou em suas obras literárias a economia açucareira por outro olhar. As obras de José Lins do Rego são memórias que construíram uma ficção baseada no cotidiano de personagens regionais que, se fossem apresentados à História Geral, seriam descartados. Porém, a literatura tem essa proeza, ela consegue narrar histórias marginalizadas e embelezá-las com sua sensibilidade, tornando-as, para o historiador, uma fonte de busca ao passado.

Para esta pesquisa, utilizamos a obra literária “Usina”, de José Lins do Rego, como instrumento interdisciplinar na aula de História Local. O livro escolhido tem o recorte espacial que se insere no cenário da zona da mata paraibana e pernambucana, lugar de vivência dos alunos. Desse modo, esta pesquisa busca unir a literatura com a história para compreender o passado de uma região, cujo cenário serviu de inspiração para a Literatura Regional, com a qual os alunos se identificam e se tornam sujeitos da história presente. Assim, além de problematizar a inserção da História Local no ensino, também buscamos discutir elementos que contribuíssem para a formação da identidade do aluno.

Neste trabalho, analisamos os documentos oficiais da educação, mais especificamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de História, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96), para saber como deve ser trabalhada a História Local e Regional no Ensino Fundamental – Anos Finais. Sobre os professores, procuramos entender os seus posicionamentos a respeito das questões do ensino de História Local, como compreendem a perspectiva local, a inclusão da História Local no Ensino Fundamental II e o ensino de História através da Literatura, entre outras questões que interferem na prática docente. Para obtenção destas informações, aplicamos o método de entrevistas semiestruturadas com três docentes de História da escola campo de pesquisa.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Salvino João Pereira, localizada na cidade de Juripiranga – PB, situada na zona da mata paraibana. Essa cidade faz divisa com

Pernambuco e fica a 12 km de Pilar – PB, cidade natal do autor José Lins do Rego. A partir disto, conseguimos notar a influência das obras para a preservação da memória do lugar, como também para a formação da identidade cultural e social do aluno.

A população das cidades de Juripiranga – PB e Pilar – PB, pertencentes à zona da mata paraibana, fazem parte da economia açucareira do Nordeste brasileiro. Na zona da mata existem várias usinas de cana-de-açúcar que movimentam a economia local. Desde o século passado, essas cidades se sustentam e crescem com o cultivo da cana-de-açúcar. José Lins do Rego escreveu o ciclo da cana-de-açúcar baseado no cotidiano deste lugar. Suas obras não só retratam a economia, mas também a sociedade que envolve diferenças de classes sociais, o homem negro, os sertanejos, o lugar da mulher, a decadência dos engenhos e, atualmente, problemas ambientais e poderio de terras. Esse contexto social, tão próximo da vida dos alunos, estabelece um meio para a representatividade do lugar, identidade e existência na história, já que vários aspectos do livro se encontram no cotidiano atual.

O tema da pesquisa tem ligação com aspectos da história da pesquisadora, tendo em vista que sua família, assim como várias famílias da zona da mata paraibana, possui uma relação de trabalho com a cana-de-açúcar. Seus avôs eram fornecedores de cana e seu pai nasceu e se criou na Usina Olho D'Água, localizada a 6 km de Juripiranga. Desse modo, as leituras das obras de José Lins do Rego, feitas quando ainda era estudante do Ensino Médio, somadas à história de vida da pesquisadora, fortaleceram o seu desejo de pesquisar sobre o tema e o autor desde a graduação.

Esta pesquisa viabilizou a produção de um produto pedagógico, uma sequência didática que trabalhou a interdisciplinaridade entre Literatura e História. Na turma participante da pesquisa, implantamos a leitura de capítulos do livro “Usina”, do autor supracitado. Em seguida, encaminhamos um debate acerca do livro e, logo após, através de roda de conversa, fomos tirando dúvidas e dialogando sobre a experiência com o livro, aplicando uma atividade de interpretação em sala de aula.

Após isso, tivemos duas aulas de campo visitando o Museu José Lins do Rego, localizado em João Pessoa-PB, e o Engenho Corredor, na cidade de Pilar-PB, finalizando com uma produção textual para ser publicada no jornal da escola. A partir das entrevistas com os professores, observações feitas em sala de aula e aplicação de atividades, originamos um Guia Orientador para professores de História e áreas afins, como material de apoio pedagógico para a sala de aula, com sugestões de atividades relacionadas à prática da leitura literária e o fortalecimento da identidade cultural através do ensino de História Local.

O objetivo geral desta pesquisa é fortalecer a formação da identidade sociocultural dos alunos no Ensino Fundamental II através da Literatura Regional. Especificamente, pretendemos analisar a interdisciplinaridade da Literatura de José Lins do Rego na prática de ensino e aprendizagem dos alunos; introduzir no plano de ensino do professor de História a possibilidade de conteúdos locais/regionais; produzir um material pedagógico que forneça suporte didático aos professores de História e disciplinas afins.

Esta pesquisa justifica-se a partir do envolvimento da pesquisadora na coordenação das disciplinas humanas do Ensino Fundamental II na Escola Municipal Salvino João Pereira. A coordenação tem como uma de suas funções a criação de projetos pedagógicos para alunos e professores. Existe uma lacuna da história local e regional nas escolas públicas e isso torna a aula de História repetitiva e cansativa, pois os Livros Didáticos estão voltados para um ensino histórico euro-central, segundo o qual o mundo existe a partir do olhar dos europeus ocidentais.

Foi a partir da crítica de um aluno sobre “não gostar de história”, pelo fato de acreditar que os assuntos, na maioria das vezes, não influenciavam em sua vida, que surgiu a ideia trabalhar algo que representasse o aluno nas aulas e no seu cotidiano, trazendo sentido às aulas de História, de uma maneira que não interferisse nos demais assuntos obrigatórios para a série. A História Local aqui abordada processou a construção das identidades individuais e coletivas dos alunos do Ensino Fundamental II, mostrando sua importância não apenas nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, esta pesquisa se torna viável quando parte de uma ideia de investigação que visa refletir uma didática para o ensino de História Local, haja vista que há ausência de material didático para ministrar aulas dessa modalidade. Portanto, nossa proposta foi promover esse material através da Literatura Regional.

As questões-problema que conduziram a pesquisa foram: como construir o diálogo da História com a Literatura? Como construir a identidade social e cultural do aluno? Como fortalecer a inclusão da História Local/Regional no plano de aula do professor? Através destas indagações, percebemos a importância do diálogo da História com a Literatura, o que acontece continuamente. A Literatura é fonte para a História, e a Literatura Regional traz uma base de identidade cultural. Isso nos faz refletir sobre o ensino de História Local dentro do currículo escolar.

Nossa hipótese é que o ensino de História Local, ministrado uma vez por semana, contribui para a formação identitária e cultural do aluno. A Literatura Regional favorece o professor de História não apenas como instrumento de apoio para aula, mas também estimula



a leitura. O planejamento escolar de História deve ser pautado em um ensino que proporcione para o aluno o pensamento crítico e cultural, além do conhecimento de sua História Local, que conduz ao seu crescimento como cidadão pertencente ao seu lugar. De acordo com os documentos oficiais, como PCN e BNCC, o professor tem a possibilidade de trabalhar esse conteúdo no Ensino Fundamental – Anos Finais de forma transversal, a fim de realizar uma aprendizagem com conceitos de memória, lugar e identidade.

O primeiro capítulo desta dissertação intitula-se “Perspectivas para o ensino de História Local: identidade, cultura e interdisciplinaridade” e está dividido em oito tópicos, cada um contendo seus desdobramentos teóricos. O primeiro faz uma breve contextualização sobre o ensino do componente curricular História no país, apresentando suas dificuldades desde o período do Brasil colônia, passando pela Ditadura Militar, onde sofreu bastante repressão, até chegar ao fim do Regime Militar no Brasil e obter mudanças que o deixou como disciplina efetiva. O segundo trata sobre o ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental, de acordo com os documentos oficiais – PCN e BNCC. O terceiro apresenta discussões sobre questões interdisciplinares. O quarto discute a possibilidade de a literatura ser usada como fonte de pesquisa ao passado. O quinto estuda a identidade, a memória, a educação e cultura no processo de aprendizagem do aluno. O sexto traz discussões acerca da história cultural e suas representações. O sétimo discute um dos principais eixos desta pesquisa que é a História Local e a Literatura Regional. Por fim, o oitavo tópico traz uma reflexão sobre José Lins do Rego, autor estudado nesta pesquisa, e o movimento regionalista.

O capítulo dois, denominado “Caminhos Metodológicos da Pesquisa”, também é dividido em oito tópicos que discutem o tipo de pesquisa, como aconteceu o processo para a construção do produto pedagógico, uma exigência do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB, além de discutir as entrevistas semiestruturadas realizadas com os professores da escola *locus* da pesquisa. Finalizamos o capítulo com a apresentação do trajeto metodológico da construção da sequência didática.

O terceiro capítulo é intitulado “Experiências da Pesquisa: Sequência didática, identidade e literatura regional”, sendo formado por sete tópicos que consistem em analisar os dados coletados a partir das observações realizadas em sala de aula, com o auxílio do diário de campo, da leitura da obra “Usina” e das atividades que seguem a sequência didática. Neste capítulo, são feitas descrições e análises dos resultados acerca do processo de aprendizagem desta pesquisa-ação.

Em nossa pesquisa, procuramos apresentar resultados que ajudem os professores a obter aulas diferenciadas. A formação do professor é o eixo principal deste programa,

portanto, esta pesquisa culmina em um ensino que valoriza a formação do professor e as aprendizagens dos alunos frente às questões e problemáticas estudadas.

## CAPÍTULO I

### **1 PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: IDENTIDADE, CULTURA E INTERDISCIPLINARIDADE**

#### **1.1 Trajetos da história escolar no Brasil**

Neste capítulo, discorreremos sobre o ensino de História de modo geral, perpassando pelos principais desafios educacionais e críticos que ele enfrentou no Brasil. Buscamos enfatizar as perspectivas culturais e identitárias que permeiam o principal ideal deste componente curricular, de forma a expressar a importância deste ensino no cotidiano dos alunos e da sociedade em geral, com a aplicação de um ensino interdisciplinar que defenda a relação entre cultura e escola. Nesse contexto, alguns aspectos merecem nossa atenção, tais como história cultural, construção da identidade e memória do sujeito. A proposta pedagógica desenvolvida durante a pesquisa-ação, cujo foco foi ensinar a história local através da literatura de José Lins do Rego, teve como base as teorias relacionadas à interdisciplinaridade.

A trajetória escolar do ensino de História foi composta por várias mudanças marcantes ao longo dos anos. Observando até mesmo nosso trajeto escolar, direcionado à disciplina de História, pode-se dizer que era um estudo relativo apenas a memória. No início do século XIX, especialmente em suas primeiras décadas, a História ainda não era apresentada como disciplina específica. Porém, projetos eram elaborados dentro da constituição do Estado nacional brasileiro, sendo representado pela elite que integrava órgãos como a Câmara de Deputados, Senado e Conselho de Estado. Segundo Bittencourt (2018), ainda eram participantes da política desse segmento “uma oligarquia constituída por fazendeiros, comerciantes respeitáveis, filhos de portugueses que estudaram no Colégio dos Nobres ou em Coimbra, e religiosos”. Eles atuaram nas decisões parlamentares com apresentação de projetos originários de suas trajetórias educacionais, ou seja, as decisões sobre a educação e ensino de História eram estabelecidas por um grupo de pessoas da elite, conseqüentemente, os estudos ainda eram voltados para um grupo específico pertencente à sociedade, além de determinarem como se estabeleceria a educação, incluindo o ensino de História que nem existia separadamente.

Ainda no início das primeiras décadas do século XIX, o deputado Martim Francisco Ribeiro de Andrada<sup>1</sup> elaborou o primeiro projeto em que o ensino de História foi apresentado como conhecimento específico e desvinculado das letras humanísticas, ou seja, foi desprendido da Língua Pátria. De modo geral, ele propunha um sistema de educação de caráter público organizado em dois graus de ensino: “O primeiro grau, com três anos de duração para as idades entre 8 e 10 anos e o segundo grau para jovens de 12 a 18 anos organizado por disciplinas específicas que incluíam história e geografia separadas” (ANDRADA, 1945, p.104). Para o ensino de História, a proposta de Martim Francisco se estabelecia da seguinte forma:

No ensino de história o aluno deveria seguir a ordem dos tempos, e ordenar no espaço e no tempo, os fatos e observações diversas que lhe forem transmitidas. Propunha uma renovação metodológica na qual a história não seria um mero estudo dos fatos isolados que facilmente se riscam da memória, mas seu conhecimento seria fixado na memória de acordo com o que aprendeu possibilitando a construção de pensamentos dos alunos. A constituição da memória sob forma de uma disciplina autônomo incluía, portanto, nas relações entre conteúdo e método de ensino e aprendizagem. (BITTENCOURT, 2018, p.131-132)

Contudo, essa proposta não foi efetivada tão facilmente. Segundo Haidar (2008), a história organizada como disciplina a ser oferecida em cursos seriados, em estabelecimentos públicos ou privados, não foi regulada tão rápido quanto as outras disciplinas ao longo do período imperial. “Essa dificuldade foi resultante da função atribuída aos estudos secundários, encarados no Império quase que exclusivamente, como canais de acesso aos cursos superiores, que os reduziu de fato, aos preparatórios exigidos para a matrícula nas faculdades” (HAIDAR, 2008, p.45).

As propostas curriculares e os manuais do ensino de História, neste período que difundiam nas primeiras décadas republicanas, mantiveram-se com métodos catequéticos do humanismo clássico e suas práticas sempre realizadas por representantes do Estado, da Igreja ou dos grandes proprietários terras.

O ensino de história estava associado à aprendizagem da leitura por intermédio de temas articulados a um senso moral e cívico, um dever filial para a pátria e seus governantes. E esse objetivo marcou a trajetória da história do Brasil sob os currículos humanísticos e modernos. (BITTENCOURT, 2018, p.137)

---

<sup>1</sup> Martim Francisco Ribeiro de Andrada foi um deputado membro da Comissão de Instrução da Assembleia Constituinte de 1823. Sua proposta tinha sido apresentada para ser implementada na Capitania de São Paulo em 1816.

No século XX, as práticas de ensino de História como componente curricular no Brasil, de acordo com as pesquisas feitas nos últimos anos, demonstram um processo difícil. Desde a Colônia, passando pelo Império e República, a História era associada a outras disciplinas, mesmo havendo propostas curriculares para transformá-la em disciplina autônoma. No entanto, ela só foi constituída como disciplina com o fim do Regime Militar, nas décadas finais do século XX, antes disso, o lugar da história escolar era tido como um anexo inferiorizado. Como a disciplina só foi inclusa corretamente no período pós-ditadura, durante o Regime ela era inclusa no que eram chamados Estudos Sociais, EMC – Educação Moral e Cívica e OSPB – Organização Social Política do Brasil. Para entender melhor o processo histórico-metodológico, é necessário discutir a educação no período que se instalou o Regime Militar no Brasil.

O período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1984) retrocedeu os sonhos e conquistas dos profissionais da educação que almejavam uma renovação nas práticas e metodologias de ensino, que permeavam desde o início do século XX os professores das disciplinas História e Geografia. Antes, essas disciplinas, que eram ofertadas ao público de condições financeiras abastadas, mesmo voltadas a um ensino religioso, durante o Regime Militar foram retiradas do currículo das escolas, em virtude da caracterização de uma educação patriótica que refletia uma educação não reflexiva, imposta pelo regime ditatorial. O que resultou em novas disciplinas, já citadas acima, como: Moral e Cívica, OSPB e Estudos Sociais. Conforme relata Cunha (2014, p.368-369),

No início da década de 1960, o general Moacir Araújo Lopes, veio ser um dos próceres da Educação Moral e Cívica, incluindo-a na Escola Superior de Guerra [...] apoiando-se nas tradições nacionais as disciplinas como Moral e Cívica, e OSPB, tinham por finalidade o culto a pátria e seus símbolos, projeção de valores, conhecimento da organização sócio-política do Brasil, culto a obediência e preservação do cristianismo e do pensamento conservador.

A década de 1980, período caracterizado como tempos do “repensar”, foi marcada pela luta de historiadores e geógrafos em institucionalizar e redemocratizar o ensino de História e Geografia nos currículos educacionais. Os professores e pesquisadores criticavam os diversos aspectos constitutivos da educação, da história e seu ensino: a política educacional, os currículos, a gestão, a escola, o ensino e a aprendizagem, os métodos e fontes. Desse movimento, emergiram discussões acadêmicas que caracterizavam uma revalorização do ensino de História na educação brasileira (GUIMARÃES, 2012). Através dessa luta, estudos, debates e pesquisas, destacamos também a criação da Associação Brasileira de

Ensino de História (Abeh), que passa a ser, assim como a Anpuh, um importante espaço de aglutinação de profissionais de História que se dedicam ao ensino e pesquisa sobre o ensino de História.

No final da década de 1980, com o amplo debate ocorrido desde o início da década, com lutas pela democratização do país, lutas pelas eleições diretas, greves de professores, que se estenderam por todo território nacional, nas redes de ensino público e privado, e todas as experiências desta década, firmaram o importante caminho do ensino de História.

Foi um tempo de intensa mobilização dos movimentos sociais em busca da liberdade de expressão, em prol da democracia, visando assegurar direitos sociais em busca da liberdade de expressão, e efetivação de uma educação libertadora. Logo, a escola não está fora da História. Tudo isso, reafirmou a concepção que estudar história também é produção escolar. (GUIMARÃES, 2012, p.34-35)

Diante dessas breves reflexões sobre a evolução da disciplina História na educação, é notável que esta ciência percorreu diversos caminhos e tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores. Todas as mudanças, caminhos e tendências, ao longo do tempo, foram importantes para metodologias e formação dos professores de História dentro dos contextos culturais, políticos, sociais e econômicos. Discutiremos a seguir, os procedimentos do ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental de acordo com os documentos oficiais.

## **1.2 O ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental de acordo com os documentos oficiais**

Fazendo algumas leituras de grandes pesquisadores na área, conseguimos notar que existe uma certa distância entre a História que é estudada na graduação e àquela que é ensinada nas escolas de Ensino Fundamental.

Mesmo com o fim dos estudos sociais na década de 1990, após o período ditatorial, com várias transformações na disciplina de História desde sua inclusão no currículo escolar, e no que diz respeito ao próprio curso de formação dos professores nas universidades, pode-se dizer que o número de professores que se tornam pesquisadores da disciplina, dentro da realidade das escolas, é pequeno. Muitos também são os problemas envoltos em nossas escolas públicas, que sofrem com a falta de infraestruturas que dificultam ainda mais o caminhar do ensino, de forma geral, em todos os níveis da Educação Básica. Ao discorrer sobre a distância que ainda permanece entre os pesquisadores do ensino e a escola, Guimarães (2012, p.39) aponta:

No Brasil, o espaço acadêmico no campo da história caracteriza-se pela multiplicidade de leituras e interpretações, métodos, práticas de ensino e pesquisa. Entretanto, existe um espaço de produção de conhecimento acessível a um número restrito de pesquisadores, além de que, os resultados dessas pesquisas muitas vezes não ultrapassam os muros das universidades. Cabe registrar que, em algumas das instituições que ofertam os cursos superiores de História, a pesquisa é ainda incipiente ou até mesmo inexistente.

Para Guimarães (2012), a prática de ensino de História no nível fundamental deve considerar importante a análise crítica das perspectivas teóricas, metodológicas, nas práticas de ensino e pesquisa desenvolvidas no âmbito da formação inicial e continuada do professor. Embora as pesquisas estejam ainda muito restritas à universidade, é necessário evitar a tendência à redução e procurar formas dessas pesquisas chegarem às escolas e às formações dos professores de História, buscando evidenciar avanços no Ensino Fundamental de História.

Partindo para os documentos oficiais que regem o currículo da educação brasileira, como PCN, BNCC e LDB, depois de mais de duas décadas de implantação da LDB – lei n. 9.394/96 e dos PCN (1998), é possível fazer uma análise crítica que sobrepõe a política educacional e os contextos que envolvem o ensino de História nas etapas do Ensino Fundamental. Desse modo, Guimarães (2012) afirma que “[...] a história ocupa um lugar estratégico no currículo do ensino fundamental, pois, pressupõe movimentos, conhecimento e prática social”. Diante dessa reflexão, o currículo de História é uma construção social, um projeto de cultura e política criado por um grupo com determinadas concepções, que elaboram os conteúdos, os temas e problemas do ensino de História. Para os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, os PCN (BRASIL, 1997, p.36) sugerem a organização por eixos temáticos dos seguintes conteúdos:

Eixos Temáticos: I) História local e do cotidiano, subdividida em dois subitens: localidade e comunidades indígenas; II) História das organizações populacionais, organizações e lutas de grupos sociais e étnicos, e organização histórica e temporal. Para os anos finais, Eixos temáticos: I) História das relações sociais, das culturas e do trabalho, subdividida em: as relações sociais, a natureza e a terra e as relações de trabalho; II) História das representações e das relações de poder, desdobrada, também, em dois subitens: nações, povos, lutas, guerras e revoluções; cidadania e cultura no mundo contemporâneo.

Essa organização dos currículos de História por temas e problemas é fruto do intenso debate curricular ocorrido no Brasil nos anos 1980, pós-ditadura militar, em diálogos com experiências europeias. Os PCN de História para os anos finais não trazem uma possibilidade tão ampla de conteúdos de História Local como para os anos iniciais do fundamental. No entanto, a proposta aqui realizada consiste em demonstrar que a história local/regional tem

sua importância em todos os anos da etapa fundamental da Educação Básica. Em contrapartida, após pesquisas, atualmente a BNCC, documento do ano de 2018, traz em suas Competências Gerais da Educação uma brecha que possibilita o estudo de História Local não somente nos anos iniciais, mas também nos anos finais do Ensino Fundamental, viabilizando ao aluno um ensino amplo.

As competências gerais da educação permitem argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global. (BRASIL, 2018)

Como visto, essas são duas competências nas quais se enquadram a possibilidade de trabalhar a História Local/Regional em qualquer etapa do Ensino Fundamental, até mesmo do Ensino Médio. O grupo é formado por um conjunto de dez competências. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC explica essas competências da seguinte forma:

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. [...] Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. É imprescindível destacar que as competências gerais da Educação Básica, apresentadas a seguir, inter-relacionam-se e desdobram-se no tratamento didático proposto para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), articulando-se na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores, nos termos da LDB. (BRASIL, 2018, p.10-11)

O ensino nas escolas é guiado por documentos oficiais que subsidiam os docentes em seus planejamentos e orientam a organização das instituições escolares no que se refere à grade curricular. De forma geral, o Ensino Fundamental tem o uso, principalmente, dos PCN, desde a década dos anos 1990, e da BNCC, de 2017/2018.

Em suas orientações, os PCN que regem o Ensino Fundamental correspondem aos temas transversais, ou seja, assuntos que deveriam atravessar as mais diversas disciplinas. Apesar de ser um documento antigo, tais parâmetros ainda são usados como apoio pedagógico e nas discussões e pesquisas para o desenvolvimento de novos documentos como as DCN e a BNCC.

No campo da disciplina de História para o Ensino Fundamental, a proposta do PCN apresenta reflexões amplas para estimular o debate da área. Por ser um documento de âmbito



nacional, esta proposta contempla a pluralidade do campo do conhecimento histórico. A partir da criação dos PCN, quando a História substituiu concretamente os Estudos Sociais, ensinar História deixou de ser a memorização de datas e nomes. Segundo Brodebeck (2012, p.9),

A disciplina passou a oferecer ao aluno a possibilidade de construir conhecimento a partir de próprias experiências e bagagem cultural. Reforçaram-se os diálogos entre pesquisadores, o saber acadêmico e as práticas em sala de aula. Gradativamente, as propostas curriculares passaram a ser influenciadas por uma abordagem de novas problemáticas de estudos ligadas à história social, cultural, e do cotidiano, sugerindo possibilidades de rever a abordagem da história tradicional trabalhada na sala de aula.

Na atualidade, as características dos Parâmetros Curriculares que prevalecem para os alunos do Ensino Fundamental estão ligadas ao desenvolvimento de capacidades de observação, reflexão, análise e posicionamento diante da realidade social. Desta forma, a disciplina de História vem se integrando cada vez mais com outras ciências sociais como a Antropologia e Sociologia. A partir disto, o documento orienta o educador a produzir no estudante o conhecimento do saber histórico, o que é realidade e o que é representação, para a compreensão de realidades sociais.

Os diálogos entre o ensino de história e outras ciências, demonstram a importância social na formação dos estudantes. Valoriza-se a ideia diversidade cultural ao mesmo tempo que multiplicam as concepções de tempo e lugar. O aluno dos anos finais do ensino fundamental, deve ser orientado sobre diversidade e vivências culturais. (BRASIL, 1998, p.34)

Aprender e ensinar História nos anos finais do Ensino Fundamental, de acordo com os PCN, não se resume apenas ao espaço escolar. Os jovens têm acesso à diversas informações no convívio social e familiar, de caráter local, regional, nacional e mundial. Nesse contexto de Ensino Fundamental, os alunos devem participar do processo de aprendizagem de forma ativa, e os professores devem incorporar os conhecimentos que os alunos já possuem à novas abordagens e relações. Dessa forma, o ensino de História pode contribuir para formação de cidadãos conscientes. Como apontam os PCN de História, para sucesso no ensino e aprendizagem do aluno se faz necessário

Diferenciar [...] o saber que os alunos adquirem de modo informal daquele que aprendem da escola. No espaço escolar, o conhecimento é uma reelaboração de muitos saberes, constituindo o que se chama de saber histórico escolar. Este saber é proveniente do diálogo entre fontes, objetivos sociais, didáticos e pedagógicos. (BRASIL, 1998, p.38)

O papel da escola no desenvolvimento dos propósitos educativos quanto à formação de alunos críticos, autônomos e participantes, foi um dos principais debates nas três últimas décadas. Inúmeras pesquisas, propostas e debates cercaram a disciplina de História, visando a transformação dos procedimentos de ensino utilizados nesse campo do conhecimento. Segundo Brodebeck (2012, p.6),

A sala de aula não pode mais ser vista apenas como um espaço onde há transmissão de informações e conteúdos, mas como o ambiente onde a troca entre alunos pode e deve construir novos sentidos para a vida. Tornou-se, pois fundamental refletir e debater sobre objetivos do estudo da história e o seu processo de ensino e aprendizagem na escola, uma vez, ao longo do tempo, a disciplina cumpriu diferentes papéis na formação escolar. Ensinar história passa a ser, então, fornecer condições para que o aluno possa participar do processo de fazer história, principalmente pela valorização da diversidade dos pontos de vista.

Como a autora explica, o ensino vai além da sala de aula. No caso da disciplina de História, os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam que aprender história e perceber representações da memória, vai além dos Livros Didáticos em sala de aula. Faz-se necessário apresentar aos alunos a existência de objetos e lugares que guardam e preservam uma história, como museus, bibliotecas, arquivos. De acordo com os PCN (BRASIL, 1998), no processo de aprendizagem, o professor é o principal responsável pela criação das situações de trocas, possibilitando o acesso à outras áreas de conhecimento que devem promover o entendimento das concepções históricas.

Sobre os critérios de avaliação dos conteúdos referentes aos anos finais do Ensino Fundamental, orientados pelos PCN, foram pensados de forma variada. Conforme o documento, para que a história de todos os tempos e sociedades pudesse ser estudada foi necessária uma divisão para cada ano/série que forma a etapa do Ensino Fundamental. A preocupação principal se estabeleceu em propiciar aos alunos

[...] a diversidade cultural, temas históricos do presente, valorização e preservação do patrimônio histórico e sócio-cultural. É importante que aprendam a coletar informações em bibliografias e fontes documentais diversas; selecionar eventos e sujeitos históricos e estabelecer relações entre eles no tempo. (BRASIL, 1998, p.45)

No documento mais atual, já falado anteriormente no início deste tópico, a BNCC tem novos conceitos formados por competências gerais da educação, competências das Ciências Humanas, competências específicas (no caso História) e habilidades. Este documento reafirma que o desenvolvimento de competências e habilidades é necessário para a aprendizagem dos alunos de todas as etapas do ensino básico, sem desmerecer o papel dos

eixos temáticos e temas transversais pertencentes às DCN e PCN, já que a BNCC é um documento baseado nesses anteriores, porém, com mais influência das DCN. Dúvidas sobre este documento permeiam a cabeça de muitos profissionais da educação, por ser algo muito recente e com várias novidades para o ensino. Vejamos como é o funcionamento deste documento.

A BNCC e os currículos se identificam na comunhão de princípios e valores que, como já mencionado, orientam a LDB e as DCN. Dessa maneira, reconhecem que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica.

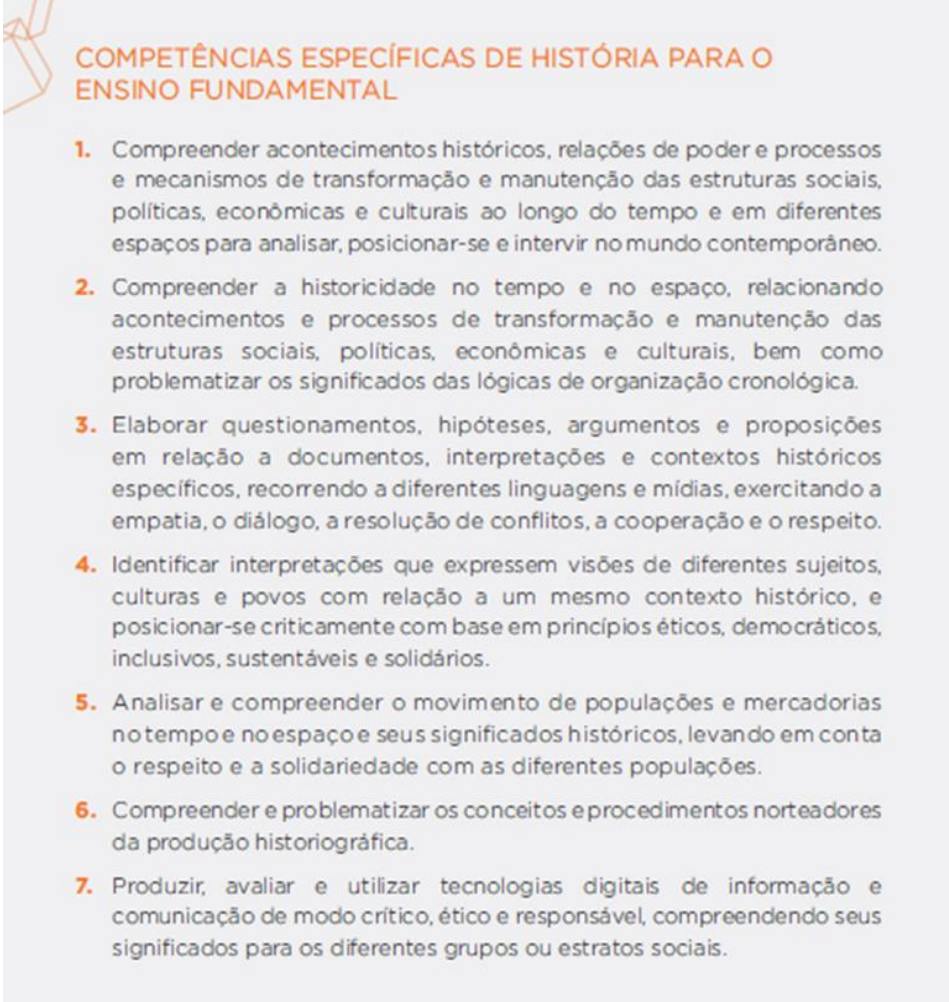
Cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/199016), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/199717), educação ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/201218), educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/200919), processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei nº 10.741/200320), educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/2009, Parecer CNE/CP nº 8/2012 e Resolução CNE/CP nº 1/201221), educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/200422). (BRASIL, 2019, p.19)

A BNCC deve ajudar a superar a fragmentação das políticas educacionais, ensejando o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo, sendo marcadora da qualidade da educação. Assim, para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, ou seja, a BNCC tem o ideal de fortalecer o ensino nacional por igual, o que se estabelece no Sudeste do país, também se estabelecerá no Nordeste. Isso, porém, está relacionado às competências específicas e competências das Ciências Humanas. No que se refere às competências gerais da educação, pode-se perceber a abertura para conteúdos regionais e locais, aplicados de forma complementar a critério do professor.

As competências foram desenvolvidas para a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Uma vez desenvolvidas as competências e habilidades para o Ensino Fundamental e a educação histórica, temos a seguinte reflexão na BNCC (BRASIL, p.403): “[...] a educação histórica requer o desenvolvimento do pensamento histórico estruturado em

pensamentos filosóficos, metodológicos e pedagógicos”. Tais competências podem ser visualizadas na Figura 1.

**Figura 1** – Competências para o ensino de História



**COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE HISTÓRIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

**Fonte:** BNCC (BRASIL, p.402)

Uma crítica, de certa forma, não deve deixar de ser feita em relação às competências específicas de História para o Ensino Fundamental. Embora haja uma abertura nas competências gerais da educação sobre ensinamentos abrangentes à sua região, deveria haver nas competências específicas de História uma competência clara sobre esse processo de ensino e aprendizagem. Sabe-se que a BNCC busca um ensino de conteúdos igualitário para todas as instituições de ensino, tanto públicas como privadas, porém, o nosso país é diverso, e existem várias culturas regionais que deveriam ser enfatizadas para o planejamento do professor.

Analisando a Figura 1, podemos notar a ausência de conteúdos que tragam representações regionais e locais. Mesmo não sendo impedidos de trabalhar em sala de aula, considerando a brecha que temos nas competências gerais, esses assuntos acabam se

distanciando do planejamento do professor que segue a BNCC restritamente, o que é um problema para temas de História Local/Regional abordados nesta dissertação. Em contraponto, o documento fortalece a dinamização e organização do trabalho docente frente a sua prática pedagógica, a partir da contextualização dos conteúdos (sociais, culturais, étnicos, políticos, econômicos entre outros).

No entanto, a BNCC reafirma que a História não emerge como um dado ou um acidente que tudo explica. O exercício do “fazer história”, de indagar, é marcado, inicialmente, pela constituição de um sujeito. Em seguida, amplia-se para o conhecimento de um “Outro”, às vezes semelhante e, muitas vezes, diferente. A produção de sentidos e significados é constantemente reinterpretada por diferentes grupos sociais e suas demandas.

Portanto, o ensino de História para os anos finais do Ensino Fundamental é orientado pelos documentos estudados, cabendo ao professor e à escola refletir e adequar as orientações de acordo com a realidade cotidiana de cada docente. Conforme analisamos, os documentos oficiais normatizam as bases de ensino da educação brasileira, possibilitando a organização coletiva dos currículos disciplinares. Esses documentos são a resistência de muitos estudiosos para que a reflexão e melhoria do ensino fossem práticas sistemáticas e contemporâneas entre disciplinas.

### **1.3 Interdisciplinaridade no ensino de História**

Fazendo um recorte histórico sobre interdisciplinaridade, destacamos as contribuições de Oliveira (2013). De acordo com a autora, o termo “interdisciplinar” é situado como uma palavra que ganhou maior notoriedade no século XX. No entanto, esta concepção já existia de forma subjacente na Filosofia Antiga, entendida como ciência unificada e integração de conhecimentos. Com o aparecimento de várias disciplinas para a formação de profissionais das mais diferentes áreas de conhecimento, permaneceram as ideias de síntese e integração, muito embora, em regra geral, o ensino tenha tomado características de conteúdos disciplinares fragmentados.

No que se refere à interdisciplinaridade como busca total do conhecimento, encontramos o exemplo de unidade do conhecimento. Sinaceur (1977) nos mostra que esse fenômeno caracterizou todas as disciplinas em seu nascedouro. A complexidade de conhecimentos das ciências em seu nascimento era fruto de seus criadores, espíritos abertos, sábios curiosos, ávidos de se aperfeiçoarem, e trabalhadores, tanto no sentido puro quanto no aplicado de suas disciplinas. Na perspectiva de Minayo (1994, p.54),

A interdisciplinaridade só obtém êxito como forma de conhecimento e prática científica na medida em que a disciplina utilizadora (e igualmente, o sujeito que a prática) se apropria da disciplina utilizada passando rigorosamente por dentro da sua problemática: Isso implica que a colaboração entre duas disciplinas exige a dupla competência e a interdisciplinaridade exige igualmente a competência nas disciplinas que ela coloca em colaboração.

De acordo com a autora, a interdisciplinaridade se destacou por organizar o saber de forma unificada. O ensino interdisciplinar é a construção de um conhecimento plural, que contribui na formação de uma melhor aprendizagem aos alunos, valorizando a inter-relação e multiplicação de linguagens e formas de aprendizagens entre conteúdos e disciplinas escolares, podendo ser visto como uma boa forma de aprendizagem e ensino para alunos e professores.

Quanto à prática interdisciplinar praticada nas escolas nos dias atuais, ainda é reduzida. De acordo com Oliveira (2013), uma pesquisa realizada nas escolas de Quebec, Canadá, por meio de um trabalho seguido de questionários e observações em sala de aula, constatou que as práticas dos professores estão longe de ajudar a esclarecer o conceito e de favorecer práticas interdisciplinares. Este relato leva-nos a pensar se, nos dias atuais, os professores e as escolas realmente conhecem e entendem o conceito interdisciplinar. Na opinião da autora, a prática da interdisciplinaridade ainda necessita de maior introdução dentro das escolas, demonstrando sua importância para a busca do conhecimento sob uma metodologia diferenciada.

O trabalho interdisciplinar objetiva-se também pela construção e compreensão de significados que contribuem para a produção de conhecimento dentro do contexto escolar, dando destaque ao ato de troca, e unidade de conhecimento. Sabemos que a interdisciplinaridade é uma forma de trabalho para integrar outras fontes de saber necessárias aos alunos e professores. Nessa perspectiva, este trabalho produz uma maior facilidade ao docente e ao aluno na compreensão de múltiplas linguagens. São várias as formas para a realização deste trabalho. Na ótica de Souza (2003, p.136),

Uma pesquisa interdisciplinar deve dar conta da particularidade e da complexidade do real, evitando o risco do olhar artificial, decorrente da visão isolada e, logo, estreita do especialista, e, ao mesmo tempo, da generalização que também obscurece a compreensão do objeto em análise e que, portanto, compromete o resultado das inferências.

Desse modo, a autora evidencia e privilegia a visão de complexidade. Para ela, apesar da união de formas de aprendizagem, as disciplinas devem manter sua essência individual do conteúdo. A interdisciplinaridade supera o método e a técnica, no sentido de que é necessária

para a produção do conhecimento fundada no caráter dialético da realidade social, e sabendo unir sem generalizar.

Relativo à interdisciplinaridade dentro das orientações dos PCN, há um problema enfrentado por alguns professores que pode confundir a proposta interdisciplinar com a junção das disciplinas. Porém, dentro do texto dos PCN, as orientações voltadas aos professores, explicam que as individualidades das disciplinas em termos de conteúdo se mantêm, devendo-se utilizar as múltiplas formas da aprendizagem e de caminhos que se relacionam através dos temas transversais elaborados pelos PCN. Seguindo isto, é importante salientar que a interdisciplinaridade deve estar atrelada aos pontos de discussões bimestrais a anuais, reuniões entre professores, e demais momentos de interação pedagógica.

De acordo com Santos (2018, p.39), “[...] o trabalho interdisciplinar deve ser visto como objeção para construção e formação da identidade do aluno”. Para que isto aconteça, é fundamental traçar os objetivos, metodologias e quais resultados se esperam do trabalho. A maioria dos projetos interdisciplinares mantêm um caráter de intervenção. As pesquisas que envolvem esses projetos devem seguir um planejamento de acordo com a realidade e espaço escolar, procurando instigar o conhecimento dos alunos. Segundo os Parâmetros Curriculares,

É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. Explicação, compreensão, intervenção são processos que requerem um conhecimento que vai além da descrição da realidade mobiliza competências cognitivas para deduzir, tirar inferências ou fazer previsões a partir do fato observado. (BRASIL, 1996, p.88-89)

Sobre a interdisciplinaridade e o ensino de História, podemos dizer ser instigantes, pois suscitam novas propostas pedagógicas. Para fazer menção a este assunto, tomamos como referencial Guimarães (2012), para quem muito se fala em interdisciplinaridade, mas pouco se faz. A ação pedagógica na prática do ensino de História supõe que os alunos sejam motivados e envolvidos. Os projetos interdisciplinares fomentam todos esses aspectos. O ensino interdisciplinar pode ser visto de várias formas, para alguns, como uma fórmula milagrosa para resolver problemas do ensino e aprendizagem, para outros, como algo difícil de executar nas escolas. Segundo Fazenda (1991, p.17), “[...] um projeto interdisciplinar de trabalho ou ensino consegue captar a profundidade das relações entre pessoas e coisas. No projeto interdisciplinar não se ensina nem se aprende, vive-se, exerce-se”. Percebemos, com isso, que

a autora enfatiza a importância de viver e exercer no cotidiano da escola uma prática interdisciplinar. Para Guimarães (2012, p. 170),

A postura interdisciplinar no ensino de história, envolve uma determinada forma de conceber os fatos e o conhecimento socialmente produzido, relacionando-o com o mundo e com os outros. A condição desta prática envolve relacionamento ativo e crítico entre professores e alunos de História. Nesta perspectiva o trabalho com o ensino de história assumindo a interdisciplinaridade entre os campos do saber, se entrelaçam em uma postura político pedagógica para a formação dos indivíduos.

Como já dito acima, apesar de apresentar uma proposta com perspectivas inovadoras para o ensino e aprendizagem, o processo da interdisciplinaridade ainda não é utilizado de forma consistente. É falado, mas pouco utilizado.

Portanto, em nossa pesquisa, conceito de interdisciplinaridade entra como chave para articular os componentes do currículo de História, dentro das perspectivas literárias, culturais, sociais, de memória e de identidade, tratando sobre questões culturais que envolvem a História Local e Regional em suas representações.

#### **1.4 Literatura como fonte para o professor**

Sobre a relação entre Literatura e História, tomamos como referência Pesavento (2006), professora da UFRGS. De acordo com a autora, para entender essa aproximação, é necessário relativizar a dualidade entre verdade/ficção. Esses dois tipos de narrativas têm duas formas de apreensão do mundo, a Literatura e a História são narrativas que têm o real como referência, para confirmá-la ou negá-la. São narrativas com representações que se referem à vida. A autora enfatiza que a Literatura é, nesse caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. E a História é a narrativa dos fatos verídicos. Hoje em dia, o que podemos ver, através das leituras realizadas, é que são os historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem sobre o uso da Literatura como acesso ao passado, justificando-a como fonte, quando a mesma retrata memórias de acontecimentos que, mesmo com personagens fictícios, podem dar possibilidades para acesso ao passado.

A nova história ou história cultural parte de pressupostos e preocupações que proporcionam uma abertura nos campos de pesquisa para a utilização de novas fontes e objetos, entre as quais se encontra o texto literário. A respeito dessa relação entre narrativas, Pesavento (2006, p.7-9) explica:



O mundo da ficção literária – ‘este mundo verdadeiramente das coisas de mentira’, dá acesso para nós historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado e que os historiadores buscam. Isso implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de real acontecido, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam. A Literatura registra a vida. É, sobretudo, impressão de vida. E com isso chegamos a uma das metas mais buscadas pela História cultural: capturar a impressão de vida presente no passado e na raiz da explicação dos seus atos.

Podemos observar que a autora destaca a importância desta relação e da possibilidade que foi estendida aos campos de pesquisa para utilização dessa fonte não apenas como leitura de passatempo, mas como busca ao passado, principalmente na ótica do contexto social, de pessoas, de vida, construindo uma representação social da realidade.

De acordo com Guimarães (2012), o trabalho interdisciplinar entre História e Literatura como fonte para o professor, pensando nos diferentes gêneros literários, tem crescido significativamente nos últimos anos. A Literatura, geralmente, é adotada pelos professores de História e por historiadores quando procuram reconstruir um passado ou um acontecimento histórico, que a perspectiva da ficção faz fluir um relato para compreensão histórica. Sendo assim, conseguimos compreender que, neste diálogo, o pesquisador deve buscar compreender o real, observando as mudanças, as transformações e as permanências. A Literatura não tem esse compromisso de explicitar o real, por isso, Pesavento (2006) explica que o historiador é atraído não pela realidade e sim pela possibilidade que a obra literária transmite, destacando o “uso” da Literatura como fonte para a História. Como já foi falado anteriormente, é necessário que se estabeleçam hierarquias de valor sobre os modos de dizer o real.

Na concepção de Guimarães (2012, p.316),

No diálogo transdisciplinar e interdiscursivo entre as duas formas de conhecimento sobre o mundo, a história pergunta e a literatura responde. Nesse caso, não devemos esquecer que tanto o discurso literário quanto o discurso histórico são formas diferentes de dizer o real, haja vista que são representações construídas sobre o mundo e que traduzem sentidos e significados inseridos em cada época.

Para discutir a Literatura como fonte de pesquisa para o professor nas aulas de História, tomamos como base as perspectivas de Pinto (2012). Para este autor, não é de hoje que a Literatura atrai os historiadores, considerando que o uso dos textos ficcionais também não é novidade nas aulas de História. Podemos verificar isso quando abrimos um Livro Didático e deparamo-nos com várias propostas de atividades que se dispõem a utilizar textos

literários nas aulas de História. Como exemplos, podemos ter José de Alencar para analisar o Brasil Império, Euclides da Cunha para conhecer a história da Guerra de Canudos na Bahia, entre outros, podemos encontrar, inclusive, trechos de “Os miseráveis”, de Victor Hugo, quando se discute a França e sua segunda república.

Esses trabalhos interdisciplinares ou transdisciplinares contribuem para demonstrar que o conhecimento não é limitado pelas barreiras de uma disciplina e se torna muito mais significativo quando as transcende. A autora Bittencourt (2009) também considera que o uso de textos literários faz parte de uma longa “tradição escolar”. O enlace da História com a Literatura é sempre desejável.

Para trabalhar a História e a Literatura juntas, é importante saber estabelecer as diferenças das duas narrativas. Como já discutido no início do tópico, a Literatura e a História têm conceitos que antes eram pensados de formas muito divergentes. Na atualidade, esses conceitos de que “a literatura não deve ser olhada como fonte ao historiador porque é ficção” foram sendo desconstruídos, afinal, o método para estudar a história presente pode ser estabelecido por uma obra literária cuja narrativa transmita um acontecimento de realidade. Muito embora essas narrativas tenham seus personagens criados, a maioria delas se espelha em acontecimentos reais, principalmente as literaturas regionais, foco desta investigação.

Para tanto, o professor historiador deve atentar para o vínculo entre veracidade e ficção, ou seja, deve compreender os conceitos ao começar a trabalhar com a Literatura como fonte documental no ensino de História, evitando, assim, o risco de associar as narrativas e acabar banalizando uma delas, por não entender o que deve ser estabelecido entre elas. Pinto (2012, p. 14) discorre sobre esses riscos:

Isso implica dizer que, por melhor que seja o diálogo, ele inclui perigos e riscos. E isso porque, a despeito da proximidade e da semelhança, história e ficção têm compromissos distintos. Da ficção se espera o uso sistemático da imaginação tendo um certo compromisso com a verossimilhança; da história se pretende o trabalho com a verdade, mesmo que saibamos que essa verdade não é plena, mas é aquela possível a partir de uma documentação disponível. Os perigos e riscos que incluem, é a possibilidade de associar as narrativas diferentes e banalizar uma delas. Dentro da didática é lícito utilizar a literatura reducionista<sup>2</sup> simplista para determinar uma certa discussão ou episódio histórico. Nesse caso uma ajuda a outra. O que não se pode é esquecer da função que cada uma exerce, ou seja, função de auxílio.

---

<sup>2</sup> Literatura reducionista, ou seja, Literatura Comparada é aquela marcada pelo teor historicista, decorrente de momentos e contextos históricos com pensamentos voltados para os estudos culturais (COUTINHO, 2012, p.68). Revista Brasileira de Literatura Comparada. Disponível em: [https://grad.letras.ufmg.br/arquivos/monitoria/Aula4\\_litcomp\\_coutinho.pdf](https://grad.letras.ufmg.br/arquivos/monitoria/Aula4_litcomp_coutinho.pdf). Acesso em: 26/05/2019.

A partir do que diz o autor, observamos que essa relação implica um aprendizado que dever ser construído em torno da leitura, que parte da base ficcional (Literatura) e chega à sua situação histórica. Os documentos escritos são os mais utilizados tradicionalmente pelos professores nas aulas de História, não somente eles como também os próprios historiadores.

Guimarães (2012) traz observações específicas para o Ensino Fundamental, fazendo-nos pensar que é possível desenvolver projetos interdisciplinares entre História, Literatura, e outras disciplinas, adequando-as ao universo dos alunos, sobre diversos temas e problemas. Vejamos como ela esclarece as possibilidades para o professor em sala de aula:

Experiências didáticas têm demonstrado como obras clássicas e contemporâneas da Literatura Brasileira e internacional possibilitam o desenvolvimento do gosto pela história, leitura, criatividade e criticidade, contribuindo para ampliação do universo cultural e para a compreensão do mundo. Trata-se de uma opção metodológica que pode ser assumida no interior do projeto pedagógico da escola, como forma de integrar professores, projetos, interpenetrar conteúdos e métodos e transpor as rígidas fronteiras das disciplinas escolares. [...] os textos literários nas aulas de história não podem, assim, ser incorporados como meros complementos ou ilustração, mas como fonte a ser problematizada por professores e alunos de forma interdisciplinar, propiciando ao aluno o acesso outras faces das linguagens e o desenvolvimento de atitudes críticas e criativas. (GUIMARÃES, 2012, p.317)

A partir dessas observações, cabe a nós, professores de História, muita sensibilidade ao trabalhar com o texto literário. Conseguimos compreender que a Literatura é uma linguagem da “realidade social” e, nesta dissertação, nossa pesquisa se estabeleceu em problematizar a realidade e a identidade social e cultural dos sujeitos, partindo da combinação entre História e Literatura. Quando a Literatura nos oferece este meio, cabe-nos explorá-la como fonte criativa no processo de ensino e aprendizagem, tanto do ensino de História quanto do ensino da Literatura. Parafraseando Sevcenko (1986), a Literatura é antes de qualquer coisa um produto artístico com raízes no social e, neste sentido, ela tem licença para ser fonte, documento ao historiador, quando percebemos que ela possui variadas significações.

Diante disto, acreditamos que ensinar História a partir da Literatura talvez seja uma das melhores formas para diferenciar as aulas. Não importa diretamente o tipo de texto, mas sim o tempo em que ele foi escrito, quando e onde, isso facilita a identificação da historicidade e sua relação com o tempo histórico. Podem ser cartas, livros de ficção, romances, que representem épocas, que retratem momentos e que tragam possibilidades.

### 1.5 Cultura literária e artefatos de memória na construção identitária

Quando ensinamos História, percebemos a relevância de estimular nos alunos o entendimento sobre cultura, identidade e memória, afinal a disciplina de História tem conceitos baseados nestes pilares. Os sujeitos alunos precisam ser formadores de pensamento, desde o Ensino Fundamental, ou até mesmo no seu processo de início na escola, deve-se trabalhar a construção de sua identidade, para isto, a memória e a cultura se fazem importante. Discutiremos a seguir questões relacionadas à formação da identidade e cultura que envolve o aluno sujeito desta pesquisa, no campo da cultura nordestina.

A fim de entender o processo de construção de identidade cultural nesta pesquisa, apontamos para discussões acerca da cultura e memória, da importância destas para a contribuição da construção identitária de um sujeito e suas representações. Isto nos revela o quanto a cultura e preservação da memória se faz importante na vida social. Dessa forma, baseamo-nos nas contribuições de estudiosos como Hall (2015), Ciampa (1987), Chartier (1988) e Bassanezi (2010), entre outros, no que tange ao contexto social e à construção da identidade e da sociedade, cada um enfatizando e defendendo suas concepções teóricas.

A identidade é algo que vem sendo muito discutido atualmente no contexto social, podemos dizer, com base nos últimos estudos pós-modernos, que a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. Porém, a pergunta que muitos se fazem hoje em dia é “quem sou eu”? E, em seguida, eles têm uma resposta: “preciso descobrir quem eu sou”. Nesse sentido, Hall (2015) nos faz perceber que há uma crise de identidade nos sujeitos da pós-modernidade, quando diz que os processos de mudanças e transformações podem influir no processo de descobrimento do “eu” do sujeito no seu lugar social.

Para Hall (2011), as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. De acordo com o autor, o sujeito pós-moderno é visto como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada cotidianamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do ‘eu’ coerente. (HALL, 2011, p.12)

Ciampa (1987) também entende identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu

contexto histórico, social e seus projetos. Já Dubar (1997, p.104) defende que a “identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re) construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável”. Essa afirmação o aproxima de Ciampa (1987), quando diz que a identidade se constrói pela atividade.

No que tange à construção da identidade do aluno, podemos dizer que está ligada ao processo inerente da formação dos sujeitos pelos indivíduos, sendo uma ferramenta significativa de descoberta social e individual no que diz respeito aos discursos, às ideologias e às formações como sujeito. De acordo com Santos (2018), os conceitos que ligam a formação da identidade e do sujeito relacionam sua própria formação através de perspectivas políticas, sociais e históricas e eles estão também ligados aos princípios da memória coletiva.

Como exemplo de luta para constituição da sua identidade, podemos citar o Nordeste brasileiro, lugar que manifesta vestígios de grande representatividade cultural, com características fortes na identificação de um povo. As representações sociais que percorrem esse grupo foram, e ainda são, por vezes, discriminadas, marginalizadas, esquecidas. O nordestino tem um perfil desenhado por outros olhares sulistas, muitas vezes, preconceituosos. É comum associarem o nordestino apenas ao sofrimento, à seca e à pobreza, oportunizando a proliferação da xenofobia. Segundo Albuquerque Jr. (2011, p.13), “deve-se estabelecer maneiras de compreender e fortalecer a identidade cultural do Nordeste não apenas por unidade econômica, política e geográfica, mas primordialmente como campo de produção cultural”.

Para esse fortalecimento de identidade, o Nordeste segue com uma riquíssima representação na Literatura Regionalista e na Literatura de Cordel, importantes instrumentos no processo identitário do Nordeste e do nordestino. A Literatura Regionalista aqui evidenciada retrata e representa formas e características de um povo rústico e forte. José Lins do Rego, autor trabalhado nesta pesquisa, em suas obras literárias, remete às dificuldades da vida nordestina, mas também explora as paisagens, a história do lugar, a memória do povo, o cotidiano.

A identidade do Nordeste é formada por relações culturais. De acordo com Santos (2018, p. 67), a conjuntura que constituiu a identidade do Nordeste e do sujeito nordestino está envolta em fatos históricos, sociais, culturais e até políticos, que envolvem as obras literárias regionais e os cordéis, os quais, mesmo sendo ficção, preservam a memória dos sujeitos.

No que se refere à memória, as questões que a envolvem estão ligadas aos processos históricos e biológicos. A memória e a história, entendidas, por vezes, como complementares,

enquanto dois modos de gestão do passado, têm estado presentes nos debates atuais da historiografia. De acordo com Berutti (2009), a diferença entre elas está no fato de que a memória se aproxima mais das emoções e lembranças, enquanto a história, embora também possa se relacionar com o emocional, fundamenta-se na razão.

A memória como conceito que envolve a identidade tem um dos seus pilares constituído pela memória coletiva, ou seja, memórias que se formam pela relação que um grupo social ou comunidade estabelece com o seu passado. Seguindo a concepção de Beirutti (2009, p.67),

Memórias coletivas são aquelas formadas pelos costumes hábitos, saberes, festas, comemorações, lugares, construções e fatos compartilhados pelos habitantes de uma determinada localidade. Esse tipo de memória ajuda a construir a identidade das pessoas que moram nessas localidades. Lugares como praças, edifícios, igrejas podem ser considerados patrimônio histórico de um determinado grupo, quando de alguma forma esses lugares ajudam a formar identidade quando os mesmos fazem parte da memória histórica do lugar.

Em nossa pesquisa, a memória está relacionada a esse conceito coletivo, ligada ao intuito de lugar, com a intenção consciente de fomentar a constituição da identidade dos alunos, partindo da busca ao conhecimento do passado do lugar e região aos quais eles pertencem. A possibilidade de obter esse conhecimento é estabelecida por fontes documentais como a Literatura Regional e monumentos. Essas fontes tem o objetivo de exaltar fatos marcantes para a história ocorridos no lugar, compondo o que chamamos de patrimônio cultural e a memória de lugares e grupos sociais.

As memórias, tanto coletivas como individuais, são recursos que os historiadores utilizam para escrever a História, sendo preciso saber que existem diferenças entre elas. Segundo Halbwaches (2013), a memória individual só existe a partir de uma memória coletiva, em que lembranças são constituídas no interior de um grupo social, ou seja, um indivíduo que lembra estar inserido na sociedade possui um ou mais grupos de referência, a memória é sempre construída em grupo, sendo que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Desse modo, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos nos quais está inserido e, conseqüentemente, é influenciado por eles, como, por exemplo, a família, a escola, igreja. Nessa ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva. Para o autor, é importante que a memória individual esteja em consonância com a memória de outros membros do grupo social.

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso. (HALBWACHS, 2013, p. 31)

A memória coletiva é compreendida e defendida pelo autor como processo de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo social. No entanto, quando partimos para a memória histórica, podemos compreender que a memória é construída pela história e pelos acontecimentos, porém a memória não pode ser história, pois a mesma não é factual, ou seja, não é da ordem do fato constatável verdadeiramente. A história é objetiva, já a memória é aquela que se enraíza dentro das comunidades sem se preocupar com os fatos, mas sim com lembranças, e isto projeta uma importância da memória para com os objetos de pesquisa que envolve história social. Desse modo, podemos observar quão importante são os fatos da história, a lembrança da memória para a representação social e a identidade a partir do tempo, espaço, local e lugar.

A palavra cultura associada ao meio social e histórico, a fim de construir as identidades dos sujeitos, pode ser definida como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade.

Quanto à cultura na pós-modernidade, Hall (2015) faz um posicionamento sobre a identidade cultural e as culturas nacionais, as quais são como um sistema de representação cultural. O autor aborda a cultura como algo que não nasce no ser humano, sendo construída, formada ao longo de sua vida, a partir do seu meio social e lugar, como também distingue o conceito de memória já discutido anteriormente. As identidades culturais estão presentes em nosso país de forma diversificada e os sujeitos de cada lugar possuem características e rituais adquiridos com o passar do tempo, a partir de sua convivência com a comunidade social na qual foi inserido, estabelecendo assim uma representação. Um exemplo a ser dado é o Nordeste do Brasil, com sua imensa cultura, marcando um povo e fortalecendo a sua identidade a partir do seu lugar, tradições e grupos sociais. Com base nessas colocações, Hall (2015, p.29) procura explicar a cultura no meio moderno e globalizado:

No mundo moderno e globalizado, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em umas das principais fontes de identidade cultural. Obviamente essas identidades culturais, não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamos pensamentos nelas como se fossem parte da nossa natureza essencial, ou seja, nós a tornamos parte de nós.

Trabalhar com cultura é um convite ao próprio conhecimento. E, nesse sentido, entendemos Hall (2015), quando nos mostra que projetar a identidade cultural é ao mesmo tempo projetar nós mesmos, pois a cultura se torna parte de nós quando internalizamos os seus significados, ou seja, os objetivos da cultura estão entranhados ao processo de construção de identidades.

Voltando-nos para a sala de aula, podemos dizer que os nossos alunos são reflexos das formações culturais, por isso, nós professores exercemos um papel fundamental na intervenção entre cultura e a construção de suas identidades. A cultura faz parte do nosso íntimo. Candau (2003) afirma que cultura é um fenômeno plural, multiforme, que não é estático, mas que está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar. Ou seja, a cultura é um componente ativo na vida do ser humano, manifestando-se nos atos mais corriqueiros da conduta do indivíduo, de modo que não há indivíduo que não possua cultura, pelo contrário, cada um é criador e propagador de cultura.

Abordar o conceito de cultura para os alunos do Ensino Fundamental não é tarefa fácil, porém, o conceito pode ser trabalhado por inúmeras abordagens e interpretações a partir das ciências. De acordo com Brodbeck (2012), a Antropologia, a Filosofia e a Sociologia têm nos mostrado que o homem é um ser predominantemente cultural. A autora destaca ainda que, graças à cultura, o homem superou suas limitações orgânicas. Com isso, podemos dizer que a cultura é a adaptação do homem aos diferentes ambientes.

Observando as pesquisas realizadas nos últimos anos, podemos perceber que os educadores consideram a cultura como aliada no processo de aprendizagem. Bassanezi (2010) ressalta que o professor do ensino básico vem tomando contato com vários termos que envolvem a palavra “cultura”, tais como: pluralidade cultural, currículo cultural, multiculturalismo<sup>3</sup>, identidade cultural, entre outros. Nesse sentido, a educação escolar demonstra uma defesa à incorporação das diversas culturas, a fim de incorporar os seus significados na constituição da identidade.

A relação entre escola e cultura foi incorporada nas políticas educacionais visando três objetivos: o reforço da autoestima dos alunos; o fortalecimento das identidades sociais; e a ampliação dos repertórios culturais. Obviamente o incentivo à cultura em todos os seus matizes e definições, é um caminho importante que deve estar paralelo às experiências culturais, dentro e fora da escola. Seguindo a perspectiva mais

---

<sup>3</sup> Sobre o multiculturalismo, de acordo com Candau (2005), é a coexistência de várias culturas num mesmo território. A autora declara que os educadores não poderão ignorar, no próximo século, as difíceis questões do multiculturalismo, da raça, da identidade, do poder, do conhecimento, da ética e do trabalho, que, na verdade, as escolas já estão tendo de enfrentar. O autor Forquin (1993) também explica sobre o assunto, para ele o termo tem sentido descritivo que reflete a realidade das várias culturas em uma determinada sociedade.



tradicional, o termo cultura está ligado às formas simbólicas de uma sociedade, que integram inclusive a memória. (BASSANEZI, 2010, p.73-74)

A definição de cultura pode ser definida a partir de sua função, como exemplifica Eagleton (2011), dizendo que a comida não é cultural, mas tomates secos são, uma vez que este é um ingrediente italiano, da gastronomia local, tornando-o cultural; o trabalho não é cultural, mas usar roupas de couro e trabalhar em cima de um animal é. O fogo não é cultural, mas no Nordeste do Brasil, a fogueira tem toda uma simbologia que marca uma das maiores festas regionais do país. É essa simbologia que Bassanezi (2010) retrata.

A partir disso, enxergamos que a cultura virou um tema privilegiado, que pode explicar temas como sociedade, política e economia nas instâncias de uma realidade histórica e social, pois, de acordo com os PCN (BRASIL, 1998), a cultura não é apenas um conjunto de manifestações artísticas e religiosas, mas vai muito além, chegando até as diversidades étnicas, construindo representações do lugar, do social e de identidades.

O termo cultura aqui apresentado trouxe relevância para o que é e como se dá a construção identitária do sujeito na sociedade, sempre atrelada à escola e à aprendizagem dos alunos.

A nova História Cultural é formada por algumas correntes. Neste tópico, iremos discutir o conceito de representação e refletir sobre a modalidade da História Cultural ligada à educação e à escola. Segundo Chartier (1990, p.16), “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Com base no aporte teórico de Chartier (1990), História Cultural se define pela relação entre estudos da Antropologia e da História, com um olhar para as tradições, cultura popular, além de se ocupar com a pesquisa de representações de determinada cultura e determinado lugar. É com esse pensamento que esta dissertação afirma a possibilidade de trabalhar a construção da identidade do aluno a partir da história do seu lugar, no que concerne à representação estabelecida pela Literatura como fonte e memória apresentadas aos sujeitos alunos na representatividade social do passado.

Nas últimas décadas do século XX, fez-se necessária uma mudança nos campos da História para a nova História Cultural, a qual trouxe um retorno de possibilidades para a História Política e Social. Podemos observar que, neste mesmo período, grande parte dos objetos historiográficos e das temáticas mais visitadas pelos historiadores mantém presença cultural, social e política em suas dimensões. De acordo com Barros (2011), em linhas gerais, a História Cultural possui uma característica relacionada ao diálogo com outras ciências de

forma interdisciplinar, envolvendo a relação da História com outros saberes, como Antropologia, Linguística e Política. Novamente, firmamos a intenção de pesquisa desta dissertação, que foi planejada entre diálogos interdisciplinares entre História, Literatura e Cultura para a formação de identidade a partir de histórias locais. Acerca dos diálogos interdisciplinares, Chartier (1990, p.39) afirma:

Foi a partir de diálogos interdisciplinares com a Antropologia de Clifford Gertz e Marshall Sahlins, que houve a contribuição para consolidar algumas das mais importantes correntes da história cultural, a 'micro-história'. Carlos Ginzburg foi o percurso desta corrente, ele proporcionou uma metodologia de 'descrição densa' como uma nova abordagem para a Antropologia. É a atenção aos detalhes e o empenho através dela para atingir as questões sociais dentro da escala da História Cultural que combina com os procedimentos micro-historiográficos.

A micro-história, citada acima como uma das correntes que formam a História Cultural, é um gênero historiográfico surgido na Itália, sob direção de Carlos Ginzburg e Giovanni Levi, no final das décadas do século XX. Numa escala de observação reduzida, a análise se desenvolve a partir de uma exploração exaustiva das fontes, envolvendo a descrição etnográfica, ou seja, descrição densa. De acordo com Vainfas (2002), dentro das escolas dos Annales, ela foi um pouco mal compreendida, confundida com história do cotidiano e até com a história das mentalidades. No entanto, o autor nos fez entender que a análise histórica, defendida pela micro-história, trata-se de uma delimitação temática extremamente específica por parte do historiador, por ser um conjunto de métodos ligados ao estudo de temáticas que envolvem microcontextos, personagens anônimos, que passariam despercebidos na multidão. São histórias pequenas, geralmente, de lugar social pequeno. Peter Burker (2005) nos mostra uma explanação sobre a micro-história e aponta porque alguns historiadores a adotaram como metodologia de pesquisa para a História Cultural.

Em primeiro lugar, a micro-história foi uma reação contra um certo estilo de história social que seguia o modelo de história econômica, empregando métodos quantitativos e descrevendo tendências gerais, sem atribuir muita importância à variedade ou especificidade das culturas locais. Em segundo lugar, a micro-história foi uma reação ao encontro com a antropologia. Os antropólogos ofereciam um modelo alternativo, a ampliação do estudo de caso onde havia espaço para a cultura, para a liberdade em relação ao determinismo social e econômico, e para os indivíduos, rostos na multidão. O microscópio era uma alternativa atraente para o telescópio, permitindo que as experiências concretas, individuais ou locais, reingressassem na história (BURKER, 2005, p.60-61).

Dessa forma, compreendemos que a micro-história traz contribuições e espaço para as pesquisas em História Local ou Regional, sobretudo, quando o autor relata que ela foi a

oportunidade do reingresso para as histórias de pequenos indivíduos ou locais no âmbito historiográfico.

Sobre o conceito de representação existente na História Cultural, sendo ele uma das correntes principais, Chartier (1990) discorre que a representação está associada ao símbolo e ao imaginário, no entanto, nesta pesquisa, as discussões que envolvem representações e símbolos foram fundamentais. Para Barros (2011), de alguma maneira, a noção de representação pretende corrigir aspectos lacunares, ou seja, as representações podem incluir os modos de pensar e de sentir, inclusive coletivos, porém não se restringe apenas a eles. Le Goff (1994, p.11) explica que o campo das representações engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida, estando ligado ao processo de abstração. O âmbito das representações também pode abarcar elementos associados aos símbolos.

Na ótica de Barros (2011), essa representação se estabelece quando a ligamos a um circuito de significados fora de si, e já bem entronizados em uma determinada “comunidade discursiva”, e começa a se avizinhar de outra categoria da História Cultural. Esta relação simbólica consiste na representação de um pouco de moral através de imagens ou propriedades naturais. Como exemplo, Chartier (1990, p.20) mostra que “[...] o leão seria o símbolo do valor; a esfera o da inconstância; o pelicano do amor paternal; e assim fica postulado entre o signo visível e o referente significado”. Deste modo, fica entendido que a forma simbólica de todas as categorias está nos processos que constroem o mundo como representações.

Símbolo é uma categoria teórica já há muito tempo amadurecida no seio das ciências humanas – seja na História, na Antropologia, na Sociedade, ou na Psicologia. Não é mais uma noção, mais sim um conceito que pode ser empregado quando objeto considerado é remetido para um sistema de valores subjacente, histórico ou ideal. (LE GOFF, 1994, p.12)

Com base no pensamento do autor, compreendemos aquilo que os historiadores da Cultura têm chamado de campo das representações produzidas ao nível individual, as representações artísticas, por exemplo, como também podem ser representações coletivas, de acordo com o modo de pensar e sentir. Como cita Barros (2011, p.53), “[...] certos elementos que já fazem parte do âmbito do imaginário e, com especial importância, são os símbolos que constituem um dos recursos mais importantes da comunicação humana que o símbolo”.

Contudo, podemos dizer que a História Cultural e suas correntes, como a representação, formadas por conceitos como micro-história, símbolos e imaginário, tem

permitido uma ótica sobre o processo de metodologias das pesquisas sociais, culturais e políticas no âmbito da historiografia e pesquisa, quando ela se relaciona com novos campos do saber.

### **1.6 Na palha da cana: História Local e Literatura Regional**

Neste tópico, comentaremos os conceitos de História e Literatura Regional, inclusive, dentro da sala de aula. Sobre esses fundamentos, usaremos Martins (2010) como aporte teórico principal. Para dissolver a importância do “regional” e do “local” como foco da vida dos grupos e indivíduos, o autor situa o Iluminismo, movimento intelectual do século XVIII, como precursor. As ideias iluministas apostaram firmemente nas sociedades. Para os iluministas, todos os povos e todas as partes da terra, num futuro não muito longínquo e a despeito das especificidades sociais e das crises históricas, convergiriam para padrões similares de instituições econômicas, políticas e culturais, ou seja, todos os espaços do mapa ficariam preenchidos com culturas e cotidianos diferentes, mas que ao mesmo tempo seriam ligados entre si. Com o século XX, a globalização chega interligando os lugares e culturas, colocando uma certa pressão sobre as culturas e tradições regionais, no entanto, o autor descreve que os historiadores afirmam que, apesar dos acontecimentos desta globalização, “fica claro que o planeta não caminha no sentido de ser libertado das originalidades regionais e locais” (MARTINS, 2010, p.138).

Em se tratando da resistência do regional e do local, na atualidade, tais referências reaparecem de mãos dadas com a revalorização da memória. As pessoas buscam encontrar continuidades nos símbolos de permanência. Martins (2010, p.139),

Valoriza os conceitos de região e local como lembrar e criar identidades. O ‘lugar’ e a ‘região’ respondem a demandas individuais e coletivas por segurança, continuidade histórica e pertencimento a algum tipo de comunidade de destino. Para novamente se sentirem sujeitos, as pessoas querem voltar a viver em lugares, entendido como espaços concretos tecidos por relações sociais que conformam cotidianamente suas experiências individuais.

As histórias regionais têm caracterizado parte da produção historiográfica de vários países, inclusive do Brasil. Bittencourt (2009) aponta que a história regional tem sido, entretanto, objeto de debates entre historiadores. Martins (2010) também acredita que, atualmente, crescem as exigências por novas narrativas e interpretação da História Local e Regional. Desde a década de 1970, o conceito de História Regional vem crescendo em razão

do esgotamento das macro-abordagens, dando lugar às micro-histórias já discutidas neste capítulo.

A História Regional passou a ser valorizada com a possibilidade de fornecer explicações sobre as transformações e a representação social dentro do espaço nacional. Um país de grande extensão como o Brasil não poderia apenas se resumir ao nacional, uma vez que a historiografia nacional ressalta as semelhanças, enquanto a regional trata das diferenças e da multiplicidade. Sobre essa relação, Bittencourt (2009, p.161) discorre:

A história regional, proporciona, na dimensão do estudo do singular, um aprofundamento do conhecimento sobre a história nacional, ao estabelecer relações entre situações históricas diversas que constituem a nação. Assim, a revisão da história nacional, tem igualmente proporcionado a revalorização da história regional. A constituição da história nacional, tem sido realizada de acordo com parâmetros regionais para compreensão do País como um todo.

Nas produções de historiografias regionais, os estudos sobre o Nordeste e Amazônia estão em produção majoritária. No Nordeste podemos encontrar uma grande concentração de estudos sobre a economia açucareira, desde o Brasil Colônia até início do século XX. O Nordeste traz uma cultura e história regional vasta, de cada estado que o forma.

Sobre a História Local que esta pesquisa aborda, a partir dos últimos estudos e leituras, podemos dizer que este assunto tem sido comum em propostas curriculares e em algumas produções didáticas, quando introduzem a história do cotidiano como opção de conteúdo para a disciplina de História. Ela faz parte da história regional, quando contextualiza o cotidiano e vivências de um determinado lugar. Para os alunos, pode-se discutir a própria história de vida deles, pois é a história individual que conceberá a história social do lugar.

A História Local, de acordo com Bittencourt (2009), tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência. Geralmente, a História Local se liga à história do cotidiano, da memória e do regional. O seu papel no ensino remete à configuração identitária dos alunos, um dos aspectos relevantes para considerar os estudos da História Local. Fernandes (1995) afirma que o ensino de História Local remete à discussão mais geral sobre o ensino de História no contexto do sistema educacional brasileiro. A partir disso, podemos dizer que, de certa forma, o ensino de História Local vem romper com esta visão tradicional em que se priorizava o estudo da chamada História Geral da civilização brasileira.

A história local tem conhecido nos últimos anos, um progressivo desenvolvimento devido ao interesse da investigação histórica atual pelo estudo das comunidades locais que se tem traduzido num crescente número de trabalhos académicos tendo por objeto a análise de realidades locais e regionais. (PROENÇA, 1990, p.139)

A História Local e Regional possui um cuidado com o conceito de espaço. A reflexão sobre o espaço é imprescindível para os estudos da história da região ou da História Local, insistem os geógrafos. De acordo com Bittencourt (2009, p.172), “cada lugar é diferente do outro, tem sua singularidade, mas é fração de uma totalidade”. Com isso, entendemos os conceitos entre regional e nacional, embora haja uma certa divisão ao longo do seu contexto, a história se totaliza.

A Literatura Regional trata de algo parecido com a História Regional. De acordo com Albuquerque Jr. (2011), o regionalismo em obras literárias já se manifestava nas décadas finais do século XIX, quando o realismo paisagístico dá lugar a uma paisagem histórica, ou seja, a escola literária do realismo descrevia o Brasil e suas paisagens, dava visão ao lugar e sua população, mais precisamente às elites.

Para Bosi (2017), o realismo abraçou com um golpe só a literatura realista-naturalista-parnasiana do cotidiano, claro que o burguês. Mesmo assim, ela estabelecia aos escritores da época mecanismos para descrever comportamentos e a vida nas cidades. Desse modo, conseguimos compreender a influência sob o romance regionalista que, no caso, trabalha com a ideia de lugar. No entanto, foi no pré-modernismo e modernismo que a Literatura Regional se firmou. Como exemplo de autor desta época, temos Monteiro Lobato, com o livro “Urupês”, publicado em 1918, no qual o personagem de Jeca representa toda a miséria e atraso econômico do país de então e o descaso do governo em relação ao Brasil rural.

A literatura regionalista brasileira possui uma grande tendência, a qual, de acordo com Sanchez (2009) apresenta-se como a tensão entre idílio e realismo, entre nação e região, oralidade e letra, campo e cidade, entre a visão nostálgica do passado e a denúncia das misérias do presente, como já foi comentado acima. O descritivismo pictorial faz alusão às imagens através de sonoridade, ritmo e modo de falar dos personagens. Sobre a Literatura Regional, Albuquerque Jr. (2017, p.65-66) discorre:

A literatura regionalista procura afirmar a brasilidade por meio da diversidade, ou seja, pela manutenção das diferenças peculiares de tipos e personagens; por paisagens sociais e históricas de cada área do país, reduzindo a nação a um simples somatório dessas espacialidades literárias diversas.

Com base nisso, conseguimos entender que a produção regionalista do início do século evidenciava uma Literatura fiel à descrição do meio. Albuquerque Jr. (2017, p.66) acredita que a “[...] nossa literatura seria diferente da fria e decadente literatura europeia, quando a própria influência que o meio e a raça firmavam nossas escrituras”. Deste modo, também compreendemos que a Literatura Regionalista, intencionalmente ou não, pode traduzir peculiaridades locais, expressando os traços do momento histórico e da realidade social; nela, o local é abordado com amplitude, podendo-se falar tanto de um regionalismo urbano quanto de um regionalismo rural.

A partir das leituras e últimas pesquisas realizadas, podemos entender que a história da literatura regional brasileira está fundamentada na transição difícil dos reajustes da nossa economia, que afetam por efeito cadeia as questões sócias. De acordo com Chiappini (1995), a nossa obra literária tem sido definida como qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades, costumes, credices, superstições, entre outros, dividindo-se em regionalismo nordestino, regionalismo gaúcho. Assim, considera-se Literatura Regional todo escrito que delimite espaço, seja urbano ou rural, mas que expresse suas particularidades linguísticas. Tendo observado isto, relacionamos esta posição de pensamento da autora com o trabalho desta dissertação, quando se refere à obra de José Lins do Rego como fonte para pesquisar o local, o espaço regional.

No tópico seguinte, discutiremos sobre o autor e o movimento regionalista. Ao fazer uma ressalva sobre essa relação, a autora Chiappini (1995, p.9) aponta o papel do autor no processo de escrita de obras regionais:

Em qualquer dos casos, o grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear; que sabe o nome exato das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas. Mas a região descrita ou aludida não é apenas um lugar fisicamente localizável no mapa do país. O mundo narrado não se localiza necessariamente em uma determinada região geograficamente reconhecível, supondo muito mais um compromisso entre referência geográfica e geografia ficcional.

A partir das ressalvas da autora, podemos observar a importância da Literatura Regional para a memória e representação de lugar, mesmo que ficcional. O espaço regional criado literalmente aponta, como portador de símbolos, para um mundo histórico-social e uma região geográfica existente, haja vista que as peculiaridades regionais alcançam uma linha que as transcende.

### 1.6.1 José Lins do Rego e o Movimento Regionalista

Neste tópico, tratamos de descrever uma breve história do autor paraibano José Lins do Rego e do movimento regionalista de Gilberto Freyre. De acordo com Coutinho (1980), o autor Zé Lins conseguiu fazer muito bem uma Literatura-tudo, coisa não comum entre os ficcionistas. O literato unia a Literatura às memórias, por muitas vezes, autobiográficas. A partir da leitura de suas obras, podemos perceber claramente sua preocupação com o meio e com os homens. Suas obras repletas de memórias e informações são um subsídio para a História.

José Lins do Rego Cavalcanti nasceu em 03 de junho de 1901 no Engenho Corredor, município de Pilar, Paraíba. Estudou na cidade de Itabaiana, e em seguida, na capital paraibana, terminando sua faculdade de direito no Recife, onde conheceu, em 1923, o escritor e sociólogo Gilberto Freyre, com quem aprendeu a dar forma artística às anotações de suas memórias dentro do conceito romance. A convivência assídua dos dois amigos perdurou por cerca de dois anos, quando José Lins se casou e resolveu se mudar para Minas Gerais, a fim de exercer a função de promotor, que não foi muito longe. Mudou-se, então, para Alagoas e lá desenvolveu a função de fiscal de bancos na capital Alagoas. Nesse período, conheceu grandes escritores da literatura regional brasileira como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, mas sempre mantendo contato com o amigo de Recife, Gilberto Freyre.

No que se refere ao primeiro livro de José Lins do Rego, intitulado “Menino de Engenho”, Coutinho (1980) afirma que, inicialmente, José Lins pensou em escrever uma biografia do avô, contando as memórias de um senhor de engenho chamado Coronel Bubu. Foi então que a veia romanesca apareceu. Durante a execução do texto, o autor supera a criatividade, valores poéticos, psicológicos e sociológicos, podendo ser considerada uma obra puramente documental de uma região e de uma época. Desta forma, conseguimos compreender que a obra de José Lins do Rego insere-se no Romance da memória e do regionalismo influenciado por Gilberto Freyre.

Sobre José Lins e o movimento regionalista de Gilberto Freyre, podemos dizer, através das leituras e pesquisas, que ele surgiu como produto direto da obra de José Lins, ou seja, o famoso Manifesto Regionalista de 1926, de Freyre, deu abertura e fundamento para as obras de José Lins, quando em seu conteúdo formava um conjunto de declarações feitas pelo grupo modernista-regionalista do Recife, no qual destacavam-se opiniões acerca da renovação cultural que o país vivenciava no período que transcendeu a Semana de Arte Moderna, de 1922. De acordo com Pagnan (2011, p.295), “[...] em suma o manifesto regionalista



expressava a necessidade de restituir a cultura regional nordestina”. A partir desse momento, a Literatura ganhou grandes nomes como Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Érico Veríssimo e o autor literato importante para esta obra, José Lins do Rego.

O regionalismo, é bem verdade, vinha de antes, como já foi falado no tópico anterior, sendo ligado a uma corrente tradicionalista de valorização da terra, na qual trabalhavam alguns romancistas do realismo. No entanto, com a chegada do modernismo, inimigo do tradicionalismo, fez-se necessário o surgimento de um novo conceito de conciliação que se tratava do “modernismo regionalista”. Coutinho (2001), em seu livro “Introdução à Literatura no Brasil”, nos fez compreender que essa ação se intensificou com os movimentos criados a partir do Manifesto Regionalista. Segundo o autor, o manifesto veio emprestar caráter ainda mais profundo às tradições regionalistas a partir da valorização, principalmente, no Nordeste e Rio Grande do Sul.

O manifesto Regionalista estabeleceu renovação literária e artística encontrada na inspiração regional, nas tradições locais nos motivos da terra, e da vida brasileira. Foi uma direção muito especial do Modernismo, e das mais fecundas em realizações felizes, segundo o antigo lema estético de que as diversidades regionais são os eternos focos de reumanização e renovação da Arte. (COUTINHO, 2001, p.274)

De acordo com D’Andrea (1992, p.46),

[...] o Regionalismo Nordestino a partir de 20 perfaz a história em sentido contrário, proclamando uma tradição incrustada no tempo, elevada a mito e à liturgia pela compensação simbólica de valores culturais tornados edificantes sob o aval da colonização.

Aristocratização e europeização, mascaramento das relações de dominação, construção e evocação de uma tradição, crise de poder de um grupo social transformada em crise nacional, busca e definição das características genuinamente brasileiras, nostalgia do passado, homogeneização das diferenças, patriarcalismo. Estes foram alguns dos valores que identificamos a partir das leituras, valores que também se encontram presentes no discurso Regionalista de uma forma geral, principalmente na sua vertente mais conservadora, representada por José Lins do Rego e Gilberto Freyre.

Neste capítulo, utilizando toda essa discussão teórica, conseguimos compreender a representação, destacando os estudos sobre o regionalismo como símbolo para o Nordeste e várias outras regiões do país, fortalecendo a identidade cultural dentro do ensino de História e áreas afins da educação.

## CAPÍTULO II

### 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para ser efetivada, uma pesquisa científica utiliza metodologias que organizam e ressaltam a eficiência do trabalho, juntamente com o aporte teórico e a parte analítica. Descrevemos, portanto, os tópicos de abordagens, natureza e procedimentos da pesquisa. Neste capítulo, tratamos do percurso metodológico da pesquisa aplicada, apresentando o local onde foi realizada, bem como a discussão acerca do tipo e da abordagem que ela enfatiza a partir das reflexões teóricas trazidas por autores que discutem a temática.

#### 2.1 Abordagem do tipo de pesquisa

A pesquisa em sala de aula pode se tornar uma grande aliada ao processo de ensino e aprendizagem para a Educação Básica. A constituição do espaço da educação como campo científico não se distanciou do contexto das preocupações relacionadas à produção de conhecimento. Azanha (2019) caracteriza a prática científica como um saber-fazer, no qual os conceitos são operacionalizados, ele ainda aponta que é preciso também ter a sensibilidade e a habilidade para discernir as condições em que sua aplicação será pertinente ou não. A pesquisa em educação tem se caracterizado pela diversidade de teorias e metodologias de pesquisa, uma vez que a pesquisa nesta área não se restringe apenas a ela, mas também à outras ciências, a exemplo da Psicologia e Antropologia, que tem gerado variadas formas de compreensão de seus problemas. De acordo com Martins (2001, p.45), a pesquisa é

[...] mais do que o ensino, a aplicação da pesquisa na educação conduz ao domínio das habilidades didáticas renovadoras pela discussão, pela leitura, pela observação, pela coleta de dados para comprovação de conjecturas sobre os fatos pela análise criativa das deduções, conclusões e, sobretudo, pela reconstrução do conhecimento a partir daquilo que os alunos já sabem.

Realizar pesquisas na área da educação é, sobretudo, buscar novos conhecimentos que levem ao entendimento de determinada realidade observada no âmbito escolar. É por este caminho que o presente estudo se dirige, tomando como base de análise o espaço do Ensino Fundamental dos anos finais, como ambiente de observação, para, a partir dele, descrever, compreender e explicar como o ensino de História Local e Literatura Regional exercem influência na construção de identidade dos alunos.

A pesquisa em educação, no espaço do Ensino Fundamental anos finais, voltada para a História Local na perspectiva da relação história e Literatura Regional, oferece possibilidades de reflexão acerca da interdisciplinaridade, levando em consideração os contextos sociais e culturais, tratando-se da representação e constituição da identidade local do aluno.

O estudo de história local e regional deve ser entendido como desenvolvimento de um campo novo, que vem sendo aberto apenas nas últimas décadas. O regional e o local têm culminado em estudos divulgadores de peculiaridades até então desconhecidos pela historiografia. A aproximação da história e literatura regional é salutar. A contribuição da literatura regional para o ensino de história tem por características ser avaliada culturalmente como na representação identitária dos sujeitos alunos. (SELONK, 2010, p.113)

Esse pensamento relacionado à representação do lugar para a constituição identitária dos alunos reflete nos espaços sociais, culturais e cotidianos de modo geral. Dito isto, elaboramos propostas cujos objetivos foram oferecer ajuda didática aos professores de História no ensino de História Local/Regional em sala de aula, através de um projeto de intervenção interdisciplinar com a Literatura, a fim de repensar e promover o conhecimento e valorização do seu local, a partir do ambiente escolar, além de gerar discussões sobre história cultural e interdisciplinaridade que englobam o espaço educacional.

Para a realização do referido estudo, utilizamos como aporte metodológico a pesquisa qualitativa-etnográfica, do tipo pesquisa-ação, obedecendo aos princípios de não se tratar de uma pesquisa que objetiva índices numéricos, mas pesquisas que busquem o porquê do acontecimento, do fenômeno, do cotidiano, através de investigações bibliográficas e documentais, além da análise de conteúdo. Segundo Gerhart e Silveira (2009, p.32), “Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível, e o conhecimento do pesquisador é parcial e limitado”. Sendo assim, a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão dos efeitos da História Local no ensino, atravessado por outro mecanismo educacional, a interdisciplinaridade, que busca formas de entender a proposta metodológica. Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Godoy (1995, p.58) afirma:

A pesquisa qualitativa [...] envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Dito isso, ao realizarmos a análise, precisamos compreender que os dados referentes aos participantes, ambiente pesquisado, o contato, através da observação, e a pesquisa de

campo, serão cruciais para o desenvolver do trabalho de observação e ação no ambiente. Foi por este caminho que a pesquisa se desenvolveu, inicialmente, partimos da observação direta do campo sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental, bem como do contato com os participantes, professores e alunos da instituição escolar, para que pudéssemos coletar as informações necessárias. A intenção inicial foi, a partir das observações de reconhecimento com a realidade do local de pesquisa, perceber as situações mais recorrentes, para poder construir uma sequência didática que se adequasse ao perfil dos sujeitos, no sentido de colaborar com o ensino e a aprendizagem daquela realidade.

Desse modo, percebemos, em nossos estudos, através da experiência e observação do cotidiano do Ensino Fundamental anos finais, com relação ao ensino de História Local, que este conteúdo não faz parte do planejamento dos professores de História, Todavia, este conteúdo é de grande relevância para o ensino, justificando-se pela importância no processo de construção e no desenvolvimento identitário do sujeito-aluno. Esse fato nos fez perceber que, a partir de uma orientação sobre o assunto, juntamente com um material de apoio, promoveríamos a reflexão sobre a temática de História Local/Regional no contexto de alunos adolescentes.

A pesquisa Etnográfica faz parte da pesquisa qualitativa que rege o caminho investigativo deste trabalho. A Etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, em particular para estudos que se interessam pela sociedade e cultura. Mattos e Castro (2011, p.51) explicam o método da seguinte forma:

Etnografia é também conhecida como observação participante. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular e pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos, por exemplo: uma escola toda ou um grupo de estudo em uma determinada sala de aula.

Nossa pesquisa possui tal característica, pois, além de toda a investigação, trata do cotidiano do professor e dos alunos, a partir da observação e de uma descrição densa no diário de campo de todas as experiências vivenciadas pelo pesquisador, como método de coleta de dados para a realização da análise. Deste modo, conseguimos entender que a pesquisa etnográfica permite que o sujeito e o pesquisador compartilhem experiências que partem das explicações que os sujeitos constroem e os processos vivenciados por eles. Castro (2015,

p.73) aponta que “[...] o relato do estudo apresenta uma leitura vívida das narrativas dos sujeitos e não apenas resultados de pesquisa”.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa relacionada à instituição educacional, Bortoni-Ricardo (2004, p.49) expõe que

O objetivo da pesquisa qualitativa [...] é o desvelamento do que está dentro da ‘caixa preta’ no dia-a-dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se “invisíveis” para atores que dela participam. Dito em outras palavras, os atores acostumaram-se tanto às suas rotinas que têm dificuldade de perceber os padrões estruturais sobre os quais essas rotinas e práticas se assentam ou – o que é mais sério – têm dificuldade em identificar os significados dessas rotinas e a forma como se encaixam em uma matriz social mais ampla, matriz essa que as condiciona, mas também é por ela condicionada.

Nessa perspectiva, segundo a autora, devemos observar em nossa rotina o que, muitas vezes, nos passa despercebido. No contexto de nossa pesquisa, o sujeito-pesquisador interpretará dados que foram criados de acordo com o andamento do estudo.

Em relação aos objetos de estudo, configura-se como uma pesquisa exploratório-explicativa, uma vez que busca explicar dados acerca de fatos a serem aplicados, necessitando-se de uma familiarização com um campo pouco explorado em pesquisas na escola. Esses objetos são História Local em sala de aula; História em diálogo com a Literatura Regional; e por fim, a História em relação interdisciplinar.

Sobre os procedimentos de análise, a nossa pesquisa se constitui como pesquisa-ação, bibliográfica e documental. No que se refere à pesquisa-ação, Fonseca (2002, p.35) afirma:

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto.

A pesquisa-ação nos concedeu subsídios necessários, quanto à investigação do contexto e às alternativas de propostas para compreender o cotidiano da sala de aula, campo observado pelo professor-pesquisador. Foi preciso vivenciar e experienciar este cotidiano a fim de elaborar as atividades pedagógicas propostas neste trabalho, cuja representação se dá a partir daquilo que foi observado na sala de aula, *lócus* da observação.

Para tanto, a pesquisa-ação foi fundamental, pois possibilitou a observação e produção, de forma colaborativa e democrática, partindo das realidades vivenciadas pelo

docente da sala de aula onde se deu o estudo. Thiollent (1997) expõe que a pesquisa-ação é um tipo de investigação com base empírica, que é idealizada e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo, e na qual os pesquisadores e participantes representantes da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Seguindo por este caminho metodológico, este estudo pretende compreender as particularidades que envolvem o ensino de História no âmbito da História Local em diálogo com a Literatura Regional, para que, dessa maneira, seja possível encontrar meios para contribuir com a realidade estudada, pois uma pesquisa só deve ser considerada qualitativa e pesquisa-ação se houver uma ação por parte das pessoas incluídas no processo investigativo, visto a partir de um objeto de estudo ou da solução de um problema relacionado a ele, estando centrada no agir participativo e na ideologia de ação coletiva.

O segundo aspecto de procedimento de análise de nossa pesquisa é o bibliográfico. De acordo com Fonseca (2002, p.32),

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meio de escritos eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o já se estudou sobre o assunto.

Nessa perspectiva, em nosso estudo, a pesquisa bibliográfica se deu através de várias pesquisas realizadas: Em Ensino de História Local e interdisciplinaridade, utilizamos Bittencourt (2012), Guimarães (2012), Selonk (2010), entre outros; nas questões de representação, memória, cultura e identidade, procuramos as teorias de Chartier (1990), Burke (2005), Le Goff (1994), Hall (2015), entre outros; referente à literatura e regionalismo, utilizamos Pesavento (2006), Bosi (2017), Coutinho (2001), entre outros; além de autores com contribuições acerca de temas educacionais.

Nessa conjuntura, a pesquisa bibliográfica tem como função explicitar ideias advindas de diversos autores que tratam dos temas discutidos, mas também de guiar as ideias do pesquisador para planejar, montar e realizar a pesquisa.

Em se tratando da pesquisa documental, o terceiro tipo de procedimento de análise exploratória trabalhado nesta pesquisa, Fonseca (2002, p.32) destaca:

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos

científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

No que compete à parte documental, usamos a prática da fotografia como método para coleta e ação de registrar os passos da pesquisa. Este método nos possibilitou uma análise mais esclarecedora sobre como estávamos procedendo. A foto apresenta a riqueza da facilidade e possibilidades que a imagem tem como forma de expressão, independente do discurso oral ou escrito. Do ponto de vista conceitual, Monteiro (2006, p.12) afirma:

A fotografia é um recorte do real. Primeiramente, um corte no fluxo do tempo real, o congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos. Em segundo lugar, ela é um fragmento escolhido pelo fotógrafo pela seleção do tema, dos sujeitos, do entorno, do enquadramento, do sentido, da luminosidade, da forma etc. Em terceiro lugar, transforma o tridimensional em bidimensional, reduz a gama das cores e simula a profundidade do campo de visão.

Constatamos que a pesquisa documental constitui a técnica da pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. Sendo assim, em nossa pesquisa, buscamos os documentos publicados pelo Ministério da Educação, Governo Federal, a saber: Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1996; 1998), direcionados à disciplina de História, e a Base Nacional Comum Curricular (2017), também direcionada à História no Ensino Fundamental anos finais. Tendo também a obra literária “Usina”, do autor regionalista José Lins do Rego, pesquisado no acervo da Biblioteca Municipal de Juripiranga-PB.

## **2.2 Conhecendo o *locus* da pesquisa**

Este tópico apresenta o espaço de realização da pesquisa, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Salvino João Pereira, situada na cidade de Juripiranga, estado da Paraíba, mesorregião da Zona da Mata e microrregião de sapé, fazendo fronteira com os municípios de Pilar-PB, a quem pertencia quando ainda era vila, Itabaiana-PB e Itambé-PE. A cidade fica localizada a 54 km da capital João Pessoa-PB, possuindo 10.237 habitantes, de acordo com os dados do IBGE (2010).

Juripiranga tem parte de sua economia voltada para a cana-de-açúcar, assim como as demais cidades citadas acima, e o comércio com feiras livres, sendo considerada,

economicamente, carente. Outras rendas de emprego se estabelecem em funcionários públicos municipais e estaduais, efetivos e contratados.

A escolha da instituição educacional Escola Municipal Salvino João Pereira se deu devido à familiarização da professora-pesquisadora com a escola, uma vez que ela faz parte da Secretaria Municipal de Educação, na condição de coordenadora, desde 2016, o que lhe permite ter acesso e convivência diária com o ambiente escolar. A Escola, com registro no INEP, sob nº 25088919, localiza-se na Rua Espírito Santo, nº 72, Centro, Juripiranga-PB, fazendo parte da 12ª Regional de Ensino do Estado da Paraíba, com sede localizada na cidade de Itabaiana. Atualmente, funciona nos turnos manhã e tarde, atendendo alunos da zona urbana e rural do município de Juripiranga, como também do distrito de Ibiranga, que faz divisa com a cidade, pertencendo à cidade de Itambé-PE. Estudam na escola cerca de 501 alunos do Ensino Fundamental anos finais, distribuídos em 17 turmas divididas entre 10 classes pelo turno da manhã e 07 no turno da tarde. Na Figura 2, encontra-se a faixa da escola.

**Figura 2** – Visão frontal da Escola Salvino



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

A referida Escola foi fundada em 1973, sob a nomenclatura de Escola Reunida Municipal de Juripiranga, tendo esta designação por ser a única escola municipal da cidade. Em 1974, a escola muda seu nome para Grupo Escolar Municipal Salvino João Pereira, até o ano de 2003, quando muda novamente para Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Salvino João Pereira. Em 2015, a escola deixou de atender a Educação Infantil e



sua clientela passou a ser alunos do Ensino Fundamental II, segundo os dados do Projeto Político-Pedagógico da escola (PPP, 2018).

Com relação à estrutura física, a escola possui uma área de, aproximadamente, dois mil metros quadrados, dispondo de 11 salas de aulas, 01 sala para a direção, 01 secretaria, 01 sala dos professores, 01 sala de coordenação, 01 cozinha, 01 almoxarifado, 04 banheiros (02 coletivos e 02 para funcionários), 01 pátio coberto, 01 sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), 01 campo de futebol e vôlei de areia, 01 laboratório de Informática e 01 sala de leitura.

### **2.3 Colaboradores da pesquisa**

Os contribuintes desta pesquisa foram 03 professores de História que lecionam na instituição, com os quais buscamos informações acerca das práticas de ensino no geral, sobre familiarização com o ensino de História Local, interdisciplinaridade e vivências em sala de aula. Também tivemos a contribuição de 20 alunos da turma do 9º ano da escola. Os colaboradores possuem formação em Licenciatura Plena em História, pela Faculdade de Formação de Professores de Goiana – FFPG, com 20 anos de atuação, lecionando entre 10 e 15 anos na escola *locus* da pesquisa.

Quanto à professora-pesquisadora, é formada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Exerceu a função durante 01 ano e 03 meses na Escola Estadual Demétrio Toledo, quando foi transferida para a Secretaria Municipal de Educação de Juripiranga no cargo de Coordenadora, no qual atua há três anos.

Com base na descrição dos sujeitos, traçamos o perfil dos professores e adolescentes. Na coleta destes dados, pudemos observar alguns aspectos importantes. Algumas variáveis ou marcadores culturais foram de grande importância para a análise e compreensão dos dados coletados. O sujeito-aluno foi considerado de acordo com as seguintes variáveis: a) local de habitação e b) assiduidade nas aulas. Quanto ao sujeito-professor, destacamos: a) formações e b) grau de escolaridade.

Esses aspectos (as variáveis) do sujeito-aluno correspondem às seguintes análises: o local de habitação é imprescindível no processo de aprendizagem dos alunos, haja vista que o propósito desta pesquisa está relacionado ao ensino de História Local e se faz importante que os alunos sejam pertencentes ao lugar; a assiduidade nas aulas é importante, pois reflete no processo de aprendizagem, alunos que frequentam assiduamente as aulas propendem a ter uma aprendizagem significativa.

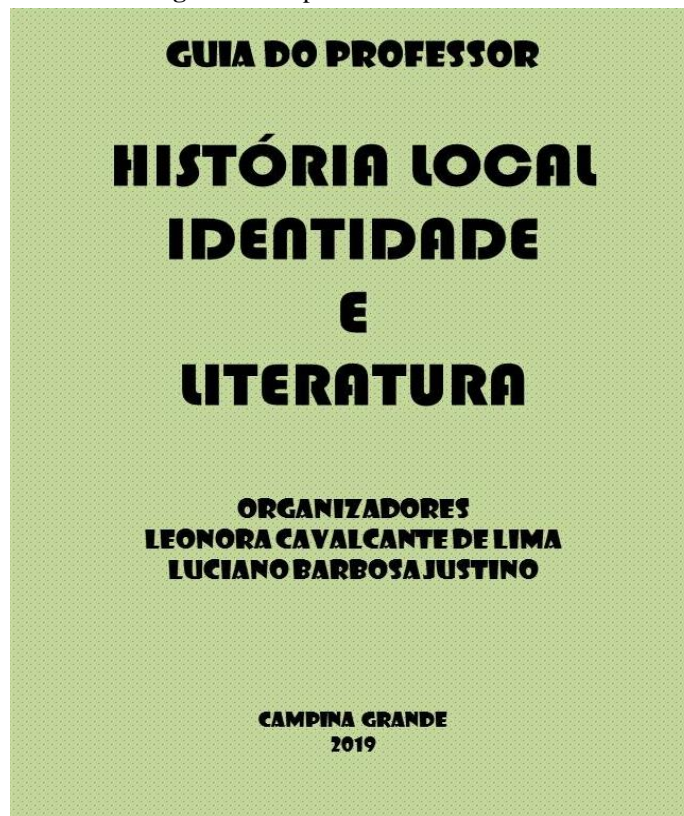
No entanto, a prioridade desta pesquisa diz respeito à condição de aprendizagem de acordo com todo o processo de construção de conhecimento no período de aplicação de nossa pesquisa-ação, condicionando o uso da Literatura Regional como fonte para a História Local, bem como a compreensão acerca da identidade, memória e cultura dos sujeitos.

#### **2.4 Percurso para a construção do produto**

A partir das observações feitas em sala de aula e entrevistas com os professores de História, além de uma sequência didática aplicada em sala, conseguimos criar um produto que se classifica como um projeto didático para o professor, um guia com orientações para o professor trabalhar a História Local de modo interdisciplinar com os alunos. O guia do professor contém 04 etapas com o texto principal, texto de apoio e sugestões de atividades.

Na Figura 3, verifica-se a imagem da capa confeccionada para o Guia do Professor.

**Figura 3** – Capa do Guia do Professor



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Para a confecção e constituição do material didático, seguimos os princípios do ensino de História, observando as definições teóricas de autores que estudam o ensino de História e suas propostas pedagógicas.

Até concluir o produto da nossa pesquisa, tivemos como trajetória o estudo bibliográfico sobre Ensino de História, Interdisciplinaridade, História Local e Literatura Regional, o aproveitamento das disciplinas estudadas no Mestrado, além de leituras e releituras de artigos e livros que possuem relação com o tema da pesquisa. Também utilizamos documentos oficiais, como PCN e BNCC, como também a leitura do livro “Usina”, de José Lins do Rego, adaptado em forma de uma sequência didática, além de visitas ao Centro Cultural José Lins do Rego, ao Engenho Corredor e à cidade de Pilar-PB. Por fim, a montagem dos textos de apoio e atividades complementares que constituem este guia.

## **2.5 Instrumentos para coleta de dados**

Para escolher o método ou técnica mais adequada para realização da coleta de dados de uma pesquisa, deve-se levar em consideração o tema a ser pesquisado, a delimitação do assunto, a revisão bibliográfica, a definição do objetivo e a formulação do problema, pois isto requer tomadas de decisões e planejamento.

Os procedimentos de realização de uma pesquisa exigem escolhas motivadas por diversos fatores, principalmente no que se refere às pesquisas qualitativas que envolvem os sujeitos sociais. De acordo Gallefi e Macedo (2009), a seleção do objeto de estudo, a metodologia, os instrumentos de coletas de dados, os sujeitos envolvidos e as formas de análise, desenvolvem-se em caminhos a serem percorridos com rigor científico necessário às pesquisas na atualidade.

Sobre o nosso procedimento de coleta de dados para análise do nosso objeto de estudo, no caminho da investigação da História Local/Regional guiada pela Literatura, mais precisamente, em uma sala de aula do Ensino Fundamental anos finais, utilizamos o diário de campo como um dispositivo de anotações de nossas observações, constando nossas descrições do cotidiano da sala de aula do 9º ano A da escola campo de pesquisa.

Compreendendo a utilização do diário de campo como instrumento metodológico, Zabalza (2004, p.43) ressalta:

Além de ser utilizado como instrumentos reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista.

Além do uso deste material para auxiliar na compreensão da realidade estudada, utilizamos a técnica da observação participante e entrevista, uma vez que tais instrumentos possibilitaram a abrangência do objeto de estudo. No tópico seguinte, buscamos refletir sobre o método da entrevista através da sua realização durante o processo de coleta de dados.

### 2.5.1 Entrevistas Semiestruturadas

Para a compreensão de nossa abordagem no *lócus* de pesquisa, colocamos em evidência três professores da mesma escola, a E.M.E.F. Salvino João Pereira, situada em Juripiranga-PB. Em nossa pesquisa, o método da entrevista é justificado pelo cenário de representação que os professores colaboradores compõem nesta pesquisa.

O gênero entrevista representa uma técnica de coleta de dados na qual o pesquisador tem um contato mais direto com a pessoa, no sentido de se inteirar de suas opiniões acerca de um determinado assunto. De acordo com Dencker (2000), a entrevista é uma comunicação verbal entre duas ou mais pessoas com um nível de estruturação previamente determinado, com a intenção de obter informações de pesquisa. É uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas no processo de trabalho de campo. Do ponto de vista metodológico, Ribeiro (2008, p.141) trata a entrevista como “A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto”. Segundo Bauer e Gaskell (2000), a compreensão em maior profundidade oferecida pela entrevista qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa para explicar alguns achados específicos.

Os questionamentos da entrevista se relacionam com o nosso objeto de pesquisa, o ensino de História Local mediante a Literatura Regional e seus componentes identidade, memória e cultura. Os professores colaboradores desta pesquisa são de etnia parda, dois do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades entre 45 e 48 anos, exercendo apenas a função de professor, um reside na cidade de Camutanga, estado de Pernambuco, e as outras residem em Juripiranga, estado da Paraíba. São formados em Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Formação de Professores de Goiana, localizada na cidade Goiana-PE.

O professor 1 concluiu a graduação em 2006, em seguida, cursou especialização em História do Brasil na mesma instituição da graduação. É professor há 13 anos, sendo que há 10 anos atua na escola *lócus* da pesquisa. A professora 2 concluiu a graduação em 1994, cursando especialização em psicopedagogia pela CBPEX, em 2014. É professora há 25 anos e atua na escola *lócus* da pesquisa também há 25 anos. A professora 3 concluiu a graduação em

1996, cursou especialização em Teoria e Metodologia do Ensino de História no ano de 2001 pela UEPB e Mestrado em Ciências da Educação pela FURNE, em 2015. É professora há 23 anos sendo 11 destes na escola *locus* da pesquisa. Todos os professores lecionam na etapa do Ensino Fundamental anos finais, tendo uma carga horária semanal de 20 horas – o professor – e 40 horas – as professoras. O professor 1 e a professora 3 possuem vínculo com outra escola no estado de Pernambuco.

Quanto ao planejamento das suas aulas, os três professores afirmaram fazê-lo bimestralmente, de acordo com o plano estabelecido pela Secretaria Municipal de Educação de Juripiranga-PB, que está de acordo com o currículo do Estado da Paraíba. A proposta da carga horária curricular é a mesma que segue nacionalmente para a Educação Básica, no caso 3 horas/aulas semanais no ensino regular.

Durante nossas entrevistas, semiestruturadas, observamos o ponto de vista dos professores sobre questões que envolvem o ensino de história no geral. A entrevista semiestruturada é aquela em que o pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.

A estruturação das perguntas da professora-pesquisadora foi colocada de forma objetiva, evitando, dessa forma, possíveis fugas às temáticas das questões em pauta. A objetividade foi atendida por todos os professores colaboradores. Nesse momento, as questões foram fundamentadas sobre o ensino de História Local, interdisciplinaridade, planejamentos e questões pedagógicas, além da relação entre professor e aluno.

Abaixo, apresentamos a transcrição das entrevistas realizadas por gravação de áudio com os professores, os quais serão denominados por numeração.

**Professora-pesquisadora:** Para você professor... quais finalidades tem o Ensino de História?

**Professor 1:** O ensino de história tem várias finalidades... A primeira... é a gente conhecer o que aconteceu no passado... Mas não apenas conhecer... por conhecer... mas sim a partir dele compreender como ele pode nos ajudar entender a configuração no mundo hoje... História não é só passado... ela é presente e futuro... Nos torna cidadãos pensantes.

**Professora 2:** A finalidade é para o aluno ter conhecimento do passado no geral inclusive o seu... Além de ajudá-los a entender o pensamento crítico através de estudos políticos e sociais.

**Professora 3:** Ensinar história para mim é primordial... Uma de suas finalidades que acho interessante... é dela poder fazer relações com política... economia cultura... Ela tem o poder de nos transformar em cidadãos pensantes... Desde já sendo muito importante para a formação e aprendizagem do aluno.

Os professores colaboradores afirmam que as finalidades para o ensino de História são de grande relevância para a construção crítica do aluno, para o conhecimento do seu passado, do seu país, de sua cultura. Frisando sempre o poder intelectual que a disciplina fornece para a formação dos alunos. Estabelecendo, assim, a sua importância como disciplina efetiva.

**Professora-pesquisadora:** Você já realizou estudos sobre a história local? Se já... de que tipo?

**Professor 1:** Sim... Já trabalhamos sobre fatos que aconteceram na Paraíba e sua relação com a história nacional... Como exemplo... o assassinato de João Pessoa relacionando fatos políticos da Paraíba naquele momento da Primeira República.

**Professora 2:** Ainda não tive a oportunidade de trabalhar este tema... espero em breve realizar.

**Professora 3:** Já realizei... Na minha turma trabalhamos com a construção de uma linha do tempo da nossa cidade Juripiranga-PB... na qual contava a história... principalmente política da cidade... seu surgimento e relação com a cidade de Pilar-PB.

Através das respostas dos professores, podemos perceber que o trabalho com História Local não é tão efetivado como deveria. Dois dos três professores afirmam já terem trabalhado com métodos que se aproximam da temática, no entanto, o Professor 1 e a Professora 3, muito sucintos em suas palavras, não explicaram de forma mais ampla a realização dessas aulas em suas turmas. A Professora 2 afirmou não trabalhar, mas deixou claro o desejo de utilizar com seus alunos a História Local. De início, nestas entrevistas, já podemos detectar a dificuldade que os professores de História enfrentam para trabalhar com seus alunos um assunto mais conterrâneo, pois, pelo que vimos, eles se restringem à história política do lugar e da região, havendo outras maneira e formas de trabalhar a História Local.

Em seguida, a professora-pesquisadora indagou aos professores colaboradores sobre o que eles acham do método da interdisciplinaridade.

**Professora-pesquisadora:** Você considera importante o trabalho interdisciplinar em sala de aula?

**Professor 1:** Acho muito importante sim... A história não se constrói apenas por ela... necessita-se de outras disciplinas e outros ramos de conhecimento... trabalhar em grupo para compreender um fato histórico... A interdisciplinaridade é um bom método de ensino e aprendizagem.

**Professora 2:** Considero importantíssimo... A interdisciplinaridade está na nossa vida o tempo inteiro... E na sala de aula... especificamente nas aulas de história acho que tem grande relevância... pois torna a aula mais interessante... Por exemplo... a história e a geografia são duas disciplinas que eu e o professor de geografia trabalhamos muito em conjunto... Isso já é interdisciplinaridade.

**Professora 3:** Para mim o trabalho interdisciplinar é de suma importância... Inclusive vamos trabalhar em um agora... espelhado na sua pesquisa... onde vai envolver todas as disciplinas a partir da literatura de José Lins do Rego.

No tocante à questão interdisciplinar, os professores colaboradores demonstraram considerar o método muito importante para o ensino e aprendizagem dos alunos. Quando eles dizem “trabalhar em grupo”, “a interdisciplinaridade está em nossa vida” e “envolver várias disciplinas”, percebemos que, de fato, eles devem trabalhar, em algum momento, a interdisciplinaridade. Nossa pesquisa enfatiza bem essa questão quando toma a Literatura Regional como fonte documental para a história, dessa forma, a aula torna-se interdisciplinar. No entanto, percebemos que ainda falta um pouco mais de impulso aos professores, para que eles utilizem esse método com mais continuidade em suas aulas, inclusive, utilizando ferramentas diferentes, não apenas o envolvimento de duas ou mais disciplinas juntas.

Continuamos a entrevista adentrando na relação entre Literatura e História em forma de ensino:

**Professor-pesquisador:** Você já utilizou a literatura como apoio para aulas de História? Se já... quais obras?

**Professor 1:** Sim... já utilizei a literatura em minhas aulas... Não a literatura nacional... mas utilizei o livro ‘O Príncipe’ de Maquiavel... quando estávamos estudando o período do Renascimento... Infelizmente os meninos não possuem o hábito da leitura... então não foi fácil.

**Professora 2:** Nunca utilizei sozinha em minha sala de aula... Apenas nos projetos da escola, que envolvem todas as turmas... Inclusive teremos um agora baseado na sua pesquisa com José Lins do Rego... Será a minha oportunidade... na minha sala do 6º ano... ficamos com a obra menino de engenho... Será minha primeira experiência.

**Professora 3:** Trabalhei com poesia... acredito ser um gênero literário... Usamos em sala de aula... poemas de Jessier Quirino... poeta da cidade vizinha Itabaiana-PB... Foi muito bom... foi em um projeto de resgate da cultura nordestina.

Observando as respostas dos professores da mesma instituição escolar, vemos algumas divergências, um diz que trabalhou em um projeto da escola, outro diz que trabalhou, mas não com literatura nacional, e a outra afirma nunca ter utilizado, de modo que o projeto interdisciplinar que a escola desenvolveria em parceria com a professora-pesquisadora seria sua primeira experiência. A partir da fala da professora 2, podemos perceber alguma mudança decorrente da nossa pesquisa, o que reafirma ainda mais sua importância. A Professora 2 ressaltou que será a oportunidade de ela trabalhar com Literatura e, desta forma, adquirir conhecimento para trabalhar com outras obras mais adiante.

De volta ao assunto de História Local e Regional, a professora-pesquisadora conversou com os professores colaboradores sobre as dificuldades de trabalhar esse tema:

**Professora-pesquisadora:** Quais dificuldades você identifica no trabalho com história local/regional?

**Professor 1:** A principal dificuldade para mim em trabalhar história local... é a falta de fontes... os documentos são raros... não temos material didático nem da história da Paraíba... Isso dificulta bastante... O que temos geralmente é testemunhos ou relatos de pessoas mais antigas que vivenciaram os momentos.

**Professora 2:** A maior dificuldade é a falta de apoio material para pesquisas... Não temos se quer incentivo para planejar a história local na programação de nossas aulas.

**Professora 3:** Material didático... a falta deles. Além de fontes mesmo para pesquisar.

Nesse questionamento realizado pela professora-pesquisadora, os professores colaboradores apontaram as suas dificuldades e problemas para trabalhar a História Local/Regional em sala de aula. Entre as três respostas, podemos observar que “falta de material didático” e “incentivo de planejamento escolar” com a temática são os que mais dificultam este ensino. No entanto, em resposta às dificuldades dos professores, mudar a metodologia por si próprio e buscar novas formas que possibilitem o ensino de História Local está praticamente em suas mãos.

Sabemos que os Livros Didáticos não possuem História Local, no entanto, podemos utilizar as atividades indicadas pelo livro, reformulando-as para esse fim. Esta colocação diz respeito a uma possível flexibilidade, o professor deve ter consciência e procurar maneiras de adaptar o seu trabalho. As mudanças nas metodologias de ensino de História, focalizando em parte a História Local, também prevê adaptações às Tecnologias da Informação. A criação de blogs, fotografias, filmagens e a Literatura, muito embora não tenham sido citados por nenhum dos professores colaboradores, estão sendo discutidos de forma bastante expressiva no meio acadêmico e escolar. Portanto, mesmo com a falta de material didático voltado para a História da Paraíba, existem outras ferramentas e métodos que podem ajudar na assimilação.

Nessa parte da entrevista, a professora-pesquisadora voltou-se para questões do planejamento do professor e o currículo utilizado pela Secretaria Municipal de Educação para as escolas:

**Professora-pesquisadora:** De que forma você elabora o planejamento de aula?

**Professor 1:** Faço o planejamento bimestral... mas raramente o sigo... Trabalho com aquilo que eu acho interessante aos alunos... É um planejamento flexível... Não é aquela coisa seguida de cabo a rabo como está no papel... Acho impossível ser assim.

**Professora 2:** Meu planejamento é feito bimestralmente... como de todos professores na escola... Gosto de seguir um plano e saber o que vou trabalhar com os alunos... Aqui na escola, estamos começando a usar a BNCC.

**Professora 3:** Planejo de acordo com a orientação dos coordenadores da escola... de forma bimestral... Inclusive... este ano estamos engatinhando com a BNCC... aos poucos... achei um pouco complicado no início do ano... principalmente porque os nossos livros didáticos ainda não estão de acordo com ela.



O professor 1 afirma fazer o seu planejamento bimestralmente, no entanto, admite não o seguir, quando fala “raramente o sigo”. Ele diz que seu “planejamento é flexível” quando não segue à risca o que foi escrito e planejado, e que, para ele, isso é impossível. Dessa forma, podemos entender que, na visão do professor, isto poderia até ser prejudicial aos alunos, haja vista que o professor deve trabalhar com aquilo que se torne mais interessante ao aluno.

Sobre tais afirmativas, apoiamo-nos no que apontam os PCN (BRASIL, 1998), na perspectiva de que o professor deve ser mediador. A proposta de mediação, portanto, não diz respeito à exclusão de conteúdo, mas de mediação, de aproximação entre o conteúdo e o aluno, na construção do conhecimento na efetivação da aprendizagem. Desta forma, o planejamento se faz necessário sim ao professor, muito embora ao decorrer das aulas ele inclua novas metodologias. Isso não diminui a autonomia do professor. As professoras 2 e 3 afirmaram o uso do planejamento de uma maneira leve e até satisfatória, a não ser pela professora 3 que admitiu ter dificuldades com a BNCC.

Continuando sobre questões pedagógicas, a professora-pesquisadora indagou aos professores sobre o currículo que lhes são propostos:

**Professora-pesquisadora:** Como reorganizaria o currículo de História da Rede Municipal de Juripiranga para ter uma melhor abordagem das relações entre aspectos locais e culturais?

**Professor 1:** Como você sabe o nosso currículo é o mesmo do Estado... Eu basicamente não mudaria nada... ao meu ver está bom... Eu acrescentaria apenas o estímulo a história local e regional... Acho que se o Estado incrementasse essa temática... provavelmente forneceria material... E nós da rede municipal seguiríamos.

**Professora 2:** O nosso currículo é bom... está alinhado ao nível nacional... acredito. Eu só incluiria aspectos mais regionais... a história local por exemplo... Seria bom essa abertura para nós professores.

**Professora 3:** Para mim o currículo está bom... Só acrescentaria na parte do fundamental 2 conteúdos de história local e regional com ênfase em cultura.

A partir dessas respostas, vemos que os professores demonstram uma certa preocupação com a História Local e a cultura, o que é bastante positivo, em se tratando de ensino de História. Sabemos que dentro dos PCN e BNCC, como já foi discutido no primeiro capítulo, estes documentos oficiais mostram abertura para essas temáticas e suas importâncias para a formação identitária do alunado. O ensino de História, na atualidade, vem com uma conjuntura cultural e política muito forte. Os currículos de História, assim como das demais disciplinas, consideram estratégias para dar um salto na qualidade do ensino. O currículo de História, de acordo Guimarães (2012), faz-se importante para evitar inadequações dos temas à faixa etária e excesso de repetições de conteúdo.

Conforme os comentários dos professores colaboradores, o nosso currículo Municipal, que está de acordo com o Estado, deveria trazer estratégias e possibilidades para os professores trabalharem a História Local e Regional, em uma conjuntura que não interfira nos demais assuntos, também de grande importância. Essa colocação é feita sobre a etapa do Ensino Fundamental anos finais.

Ao final das entrevistas, foi possível perceber que as questões voltadas para o ensino de História Local e Regional necessitam de mais exploração entre os professores colaboradores, mas, por outro lado, também percebemos que os elementos, materiais didáticos e o apoio pedagógico da escola são primordiais para a valorização desta temática. Desta forma, focamos a nossa sequência didática nessa área, a fim de inovar as práticas e teorias acerca da História Local em diálogo com a Literatura Regional, em prol do ensino de História do Ensino Fundamental nos anos finais da Educação Básica.

## **2.6 Sequência Didática**

A sequência didática é um procedimento simples que compreende um conjunto de atividades conectadas entre si e que prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa ou atividade para trabalhar conteúdos disciplinares e interdisciplinares de forma integrada para melhor dinâmica no processo ensino-aprendizagem. De acordo com Oliveira (2013), é fundamental a efetiva participação dos alunos durante o processo da sequência didática. Essa participação vai desde o planejamento inicial, informando aos alunos o real objetivo da realização da sequência no contexto da sala de aula, até o final da sequência para avaliar e informar os resultados.

Atualmente, a técnica da sequência didática já vem sendo utilizada nas diferentes áreas de conhecimento, adotando alguns passos básicos como: escolha do tema a ser trabalhado; questionamentos para a problematização do assunto a ser trabalhado; planejamento dos conteúdos; e objetivos a serem atingidos no processo de ensino-aprendizagem, divididos em etapas para obtenção da avaliação dos resultados.

Na nossa pesquisa, utilizamos a sequência literária básica, constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Essa escolha se deu por se tratar de uma aula de História em diálogo com a Literatura. Segundo Cosson (2018), esse encaminhamento da sequência literária básica e didático-metodológico propõe a compreensão de que o texto literário no ambiente escolar busca reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico. Esses quatro passos que formam a sequência básica

se justificam da seguinte forma: motivação (preparar os leitores), introdução (apresentar leitor e obra), leitura (contato com o texto) e interpretação (inferências). Cumprida cada uma das etapas, foi possível acrescentar a produção textual do gênero artigo de opinião, bem como compartilhar tais experiências com a organização de um jornal para a publicação no Jornal Escolar da instituição *locus* da pesquisa. Ao estabelecer os passos das sequências, as práticas possibilitam a fruição da leitura literária em sala de aula, fundamental ao processo educativo. A sequência básica, aqui descrita como uma pesquisa-ação, é, portanto, uma das inúmeras possibilidades de leitura motivadora do texto literário nas escolas brasileiras, além de ser um método conciliador para nossa aula de História usando a Literatura como fonte documental.

Diante da relevância do trabalho com a sequência didática em sala de aula, sendo elaborada pelo próprio professor, neste plano, traçamos todas as estratégias, metodologia e avaliação que são necessárias para sua execução.

O principal mediador entre os conteúdos desta sequência didática é a Literatura Regional, a partir da obra “Usina”, do paraibano José Lins do Rego. Os objetivos da aplicação e análise visam, portanto, o conceito interdisciplinar de ensino. De acordo com Paviani (2005), a interdisciplinaridade é, dessa forma, uma maneira de inter-relacionar as diferentes áreas da ciência e do conhecimento, superando a fragmentação de conteúdo. Os PCN (BRASIL, 1998, p.31) afirma que, por si só, a interdisciplinaridade transcende seus limites conceituais, buscando parcerias com novas ciências, mas mantendo sempre a afirmação de sua identidade.

Sucedido de uma pesquisa em Mestrado Profissional, este projeto visa, através das colocações anteriores, a realização de um produto final. Na nossa pesquisa, concluímos este produto a partir de um Guia do Professor que servirá de ajuda para as aulas de História Local e Regional. A seguir, veremos como a sequência literária básica foi desenvolvida para ser aplicada em sala de aula.

#### 2.6.1 Sequência Literária Básica: Literatura e História Local: José Lins do Rego em sala de aula

##### ○ **Justificativa**

A proposta deste trabalho justifica-se mediante a importância de aulas de História Local e Regional que propiciem aos alunos a aprendizagem significativa, a partir da obra literária “Usina”, do escritor regionalista José Lins do Rego, que dialoga com a realidade do

lugar dos estudantes, a partir da identificação da descrição do lugar, da paisagem na narrativa. Desta forma, os alunos aprenderão conceitos da História Local no ensino escolar, diferenciando a rotina de aulas e dos Livros Didáticos que não privilegiam a cultura local, além de atribuir caráter interdisciplinar através do conteúdo e atividade aplicada, advinda da relação da História com a Literatura.

A Literatura Regional possibilita a aptidão pela leitura, identificação com a própria cultura e a percepção em descobrir aspectos históricos dentro dela. Portanto, História Local e Regional, Literatura, a cultura, a região Nordeste, a identidade e memória, são aspectos relevantes a serem discutidos em sala de aula, a fim de propiciarmos aos alunos um ensino atual. De acordo com Santos (2018, p.107), “a sala de aula e o cotidiano dos alunos devem ser oportunizados no ensino das disciplinas perante a perspectiva cultural”.

#### ○ **Objetivo geral**

Promover o conhecimento da história regional para fortalecimento da identidade cultural dos alunos, a partir da obra “Usina”, de José Lins do Rego.

#### ○ **Objetivos específicos**

- Verificar a percepção dos alunos, na ligação dos textos das narrativas, com o social e a paisagem da região da zona da mata paraibana e pernambucana;
- Observar, por meio da roda de discussões, se houve representação identitária dos alunos a partir da leitura do livro;
- Promover reflexões sobre a importância das representações via Literatura, cujas narrativas remontam representatividades do cotidiano de vida dos alunos;
- Fomentar a importância da interdisciplinaridade no ensino de História.

#### ○ **Procedimentos metodológicos**

Tendo em vista a perspectiva de trabalho interdisciplinar sugerida nesta sequência didática, que trabalha com a História Local e Regional em diálogo com a Literatura, dividimos os momentos de acordo com as orientações de uma sequência básica literária, a partir da motivação, introdução, leitura e interpretação.

### **1º Momento: Motivação**

O primeiro encontro consiste em preparar o aluno para adentrar ao texto. O sucesso inicial do leitor com a obra depende da motivação. De acordo com Cosson (2018), as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que será lido. A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação. Desta forma, a professora-pesquisadora trouxe para a sala de aula a leitura da poesia “O açúcar”, de Ferreira Gullar, como gancho para a conversação sobre o tema da aula de História Local e as atividades que se seguiram na sequência didática. A escolha do gênero poesia justifica-se pela leveza que o texto transmite, mesmo que a poesia escolhida retrate um cotidiano sofrido, o que faz parte da obra literária que servirá como documento de investigação do cotidiano passado da região dos alunos. A poesia trazida pela professora retrata como o açúcar chega às nossas mesas e todo o processo referente às pessoas que estão envolvidas em sua fabricação.

### **2º Momento: Introdução**

Titulamos de introdução a etapa da sequência que estabelece a apresentação do autor e da obra. Segundo Cosson (2018), a introdução, apesar de ser uma atividade relativamente simples, demanda do professor alguns cuidados. O primeiro é que a apresentação do autor não se transforme em longa e expositiva aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam apenas a pesquisadores. É suficiente que, neste momento da introdução, se forneçam informações básicas sobre o autor e o texto que será lido. Independente da estratégia usada para introduzir a obra, o professor deve sempre apresentá-la fisicamente aos alunos. Sendo assim, a professora-pesquisadora trouxe para a sala de aula um breve relato sobre o autor, contando sobre sua relevância para a cultura local, além da importância de suas obras para a preservação da memória do lugar. Dentro desse relato, foram apresentadas fotos do autor e o próprio o livro físico, que foi passado pelas mãos dos alunos.

### **3º Momento: Leitura**

Esta etapa da sequência é uma das mais importantes e, até mesmo, difícil para o professor. A maioria dos alunos não possui o hábito da leitura e quando ela é um pouco

extensa, torna-se ainda mais difícil haver a obtenção de uma leitura completa da obra feita por todos. Para Cosson (2018), a leitura precisa de um acompanhamento, uma direção, um objetivo a cumprir. O professor deve auxiliar o aluno, ajudando-o em suas dificuldades, preparando uma forma que faça com que essa leitura seja prazerosa, e isso acontece no primeiro momento que se chama motivação. Cosson (2018) informa ainda que, ao lermos um texto literário, obtemos informações sobre a história narrada e, muitas vezes, sobre autor da obra. É neste gancho que a professora-pesquisadora se segura.

No ambiente da sala de aula organizada em círculo a professora-pesquisadora proporcionou o primeiro contato dos alunos com a leitura de trechos do livro “Usina”. Estabelecer a leitura por trechos foi uma orientação do professor ministrante da disciplina de Literatura durante as aulas do mestrado, justificamos essa escolha pela extensão da obra, de modo que não daria tempo sua leitura completa. Portanto, seguiu-se desta forma, sem nenhum problema de compreensão por parte dos alunos. A professora-pesquisadora dividiu os trechos que se completavam e que traziam o conteúdo a ser estudado e discutido durante as aulas de História Local, além do que, outros conhecimentos, como visitas aos lugares pertencentes ao autor José Lins do Rego que influenciaram a escrita de suas obras, ajudaram a entender os conceitos do livro. Contudo, nesta etapa da sequência, a leitura foi feita pelos alunos e debatida em sala juntamente com a professora-pesquisadora.

#### **4º Momento: Interpretação**

Esta etapa depende muito do alinhamento dos momentos anteriores, ajudando o leitor na construção do sentido do texto. Cosson (2018) explica que esta etapa é composta por dois momentos, o interno e o externo. O interno é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, ou seja, é o encontro do leitor com a obra; nele, o resultado que se espera é sobre o que a experiência com a leitura trouxe de representatividade. A história do leitor-aluno, as relações familiares, e tudo aquilo que constitui o contexto da leitura, são fatores que vão contribuir para o momento interno de interpretação. Apegando-se a essa perspectiva, a professora-pesquisadora se atém ao objetivo de que o texto literário servirá de apoio para a aula de História Local, quando o mesmo retrata o lugar dos sujeitos-alunos, resultando em uma interpretação. O segundo momento, chamado externo, é a concretização, ou seja, a materialização da interpretação. Esta etapa consiste no falar sobre a nossa experiência sobre a leitura da obra, é o momento em que a professora-pesquisadora, através de debates e atividades, colhe os resultados de interpretação dos leitores-alunos. As atividades

realizadas pela professora-pesquisadora consistiram em um exercício de interpretação textual e na escrita de pequenos artigos de opinião ou resenha para publicação no Jornal da escola.

Cada etapa descrita nas ações da sequência didática fora previamente planejada para a realidade dos alunos, com aulas e atividades que desenvolvam a interdisciplinaridade da História, da Literatura, da Língua portuguesa, inclusive, da Geografia, pelo conceito de lugar e espaço. Aulas que contribuam para a reflexão dos alunos sobre sua identidade cultural e memórias coletivas que estão dentro da História Local, Regional e Social.

## CAPÍTULO III

### **3 EXPERIÊNCIA DA PESQUISA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA HISTÓRIA LOCAL, IDENTIDADE E LITERATURA REGIONAL**

#### **3.1 Narrativa da experiência**

Neste capítulo, discorremos, de maneira detalhada, a experiência vivenciada durante a aplicação da sequência didática instruída a partir de uma metodologia interdisciplinar que tem como eixo principal o ensino de História Local, os conceitos de identidade e memória, cultura nordestina, com base na Literatura Regional, sendo mais precisa na obra “Usina”, de José Lins do Rego. Para tanto, utilizamos as observações participantes e as anotações feitas no diário de campo, ao longo da pesquisa, a fim de que pudéssemos perceber as particularidades e necessidades existentes na turma pesquisada para, a partir disto, criar o Guia Orientador para o professor.

A aplicação desta sequência aconteceu entre os meses de maio e junho de 2019. Desta forma, a experiência resulta em um trabalho interdisciplinar nas aulas de História na Escola Municipal Salvino João Pereira, no município de Juripiranga-PB, com os alunos da turma do 9º ano A do Ensino Fundamental anos finais, no turno da manhã. As atividades foram realizadas através de uma sequência didática de 5 aulas, construída pela professora-pesquisadora, que originou o produto desta pesquisa. Esta sequência está baseada no espaço vivido dos alunos e contextualizada com aulas lúdicas, desfrutando da leitura de capítulos do livro “Usina” e promovendo aulas de campo. A seguir, descrevemos as ações das aulas ocorridas neste período de aplicação.

#### **3.2 Parte I – Iniciando a Sequência: conhecendo José Lins do Rego**

O momento em que uma história é contada pode provocar diversas reações entre crianças e adultos, tais como desenvolver curiosidades, representatividades, a partir da leitura em sala de aula. Considerando a importância do trabalho interdisciplinar e da constante busca de melhora das práticas docentes, procuramos pensar as aulas de História por meio de novas metodologias de ensino da atualidade.

A sequência didática, que recebeu o título de “Literatura e História Local: José Lins do Rego em sala de aula”, foi aplicada em um mês, sendo dividida em 5 aulas em sala e duas aulas de campo, e contribuiu para o reconhecimento e construção da identidade dos alunos



diante das memórias vividas e significadas na voz de José Lins do Rego em sua obra “Usina”. O livro formou a ponte de diálogo entre História e Literatura, estabelecendo a possibilidade de ser documento para a investigação do passado local.

Em procedimento inicial, houve uma conversa com o professor efetivo da sala de aula, pedindo a permissão para aplicação desta sequência como coleta de dados para a pesquisa de mestrado da instituição Universidade Estadual da Paraíba. Durante a conversa, a professora-pesquisadora mostrou a sequência ao professor que cedeu a turma, explicando a quantidade de aulas necessárias para a realização. Havido este momento, o professor efetivo chamou a professora-pesquisadora até a sala de aula e a apresentou aos alunos que, até então, não a conheciam, dando a oportunidade para ela explicar sua presença nas próximas aulas e sobre as atividades que seriam realizadas com eles. Foi explicado aos alunos que eles estariam participando de uma pesquisa e que seria necessária a assinatura dos pais deles para concordância em suas participações, entregamos o termo de concordância para ser devolvido no primeiro encontro de aula.

No dia 08 de maio de 2019 aconteceu a primeira aula da sequência com os alunos do 9º ano A. No primeiro encontro, a professora-pesquisadora preparou um roteiro constando o título da sequência didática, os objetivos e o que seria trabalhado na respectiva aula. Com os alunos em sala, teve início o primeiro momento da sequência literária básica referente à motivação, com o intuito de estimular, chamar a atenção do aluno para a leitura que será feita.

Logo no início da aula, a professora-pesquisadora iniciou realizando algumas indagações aos alunos<sup>4</sup>:

**Professora-pesquisadora:** Quem aqui presente nesta sala... já ouviu falar sobre José Lins do Rego?

**Aluna 9<sup>5</sup>:** Nunca ouvi... Não sei nem quem é. (risos)

**Aluna 5:** A professora de português já falou sim dele pra gente.

**Aluno 10:** Eu também não sei quem é.

**Professora-pesquisadora:** Vocês já tiveram aula com algum conteúdo de história local?

**Aluno 10:** Também não.

**Aluno 1:** Até hoje não.

**Aluna 5:** Não que eu lembre.

**Aluno 10:** Porque a pergunta professora, vai dá aula pra gente desse assunto?

**Professora-pesquisadora:** Sim (sorrindo)... darei aulas para vocês de história local e teremos ajuda da literatura desse autor que acabei de perguntar a vocês se conheciam... e que pelo visto... a maioria não conhece.

<sup>4</sup> Durante a aplicação da sequência didática, a professora-pesquisadora anotava, em seu diário de campo, as falas e comportamentos dos alunos conforme o decorrer das aulas. Além do diário de campo, a professora-pesquisadora também gravava em áudios as aulas, pelo aparelho celular.

<sup>5</sup> Para preservar as identidades dos alunos, elegemos o critério de enumerar cada um, a partir da ordem alfabética na lista de chamada da turma.

Após esse diálogo inicial, a professora-pesquisadora constatou que boa parte da turma não tinha conhecimento de quem era o autor da obra que seria trabalhada. Assim como defende Cosson (2018), em relação à parte de motivação de uma sequência didática, a professora-pesquisadora achou por bem deixar os alunos curiosos sobre o que realmente seria trabalhado. Assim, após o pequeno diálogo com a turma, entregou uma poesia como leitura de introdução, o poema “O Açúcar”, de Ferreira Gullar, por ter relação com o contexto do cotidiano de muitos alunos. A obra literária “Usina” retrata o cotidiano de uma região que é baseada na economia e cultura canavieira, e a proposta dessa motivação a partir da poesia “O açúcar” consistiu em estreitar os laços com o texto principal, lido nas aulas seguintes.

**Professora-pesquisadora:** Alguém se propõe a ler?

**Aluna 5:** Eu professora.

Abaixo, podemos visualizar a poesia escolhida pela professora-pesquisadora como método motivacional para iniciar uma explanação sobre o que se seguiria durante a sequência. Ferreira Gullar, escritor desta poesia, possui uma obra voltada para retratação do social do país. A escolha da referida poesia se justifica, principalmente, pela reflexão de vida e do cotidiano, assim como a obra literária “Usina” também representa. O contexto social é algo predominantemente trabalhado em nossa pesquisa.

### **O Açúcar**

O branco açúcar que adoçará meu café  
 nesta manhã de Ipanema  
 não foi produzido por mim  
 nem surgiu dentro do açucareiro por  
 milagre.  
 Vejo-o puro  
 e afável ao paladar  
 como beijo de moça, água  
 na pele, flor  
 que se dissolve na boca. Mas este açúcar  
 não foi feito por mim.  
 Este açúcar veio  
 da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,  
 dono da mercearia.  
 Este açúcar veio  
 de uma usina de açúcar em Pernambuco  
 ou no Estado do Rio  
 e tampouco o fez o dono da usina.  
 Este açúcar era cana  
 e veio dos canaviais extensos  
 que não nascem por acaso  
 no regaço do vale.  
 Em lugares distantes, onde não há hospital nem escola,

homens que não sabem ler e morrem de  
fome aos 27 anos  
plantaram e colheram a cana  
que viraria açúcar.  
Em usinas escuras,  
homens de vida amarga e dura  
produziram este açúcar  
branco e puro  
com que adoço meu café esta manhã em  
Ipanema.

(Ferreira Gullar)

Após a leitura da Aluna 5, a professora-pesquisadora iniciou novamente um diálogo acerca da poesia:

**Professora-pesquisadora:** Depois que acompanhamos a leitura junto à colega... gostaria de saber o que vocês acharam do conteúdo da poesia?

**Aluna 5:** Professora... acho que ele quer dizer como o açúcar é feito.

**Aluno 7:** É isso... Ele quer mostrar que tem sofrimento na fabricação do açúcar?

**Aluna 3:** Professora... também acho que ele quer dizer isso... Ele ainda diz que o açúcar é fabricado aqui em Pernambuco.

**Professora-pesquisadora:** Sim... Esta poesia busca mostrar como realmente o açúcar que chega a nossa mesa é fabricado... E o mais interessante... que a Aluna 3 acabou de dizer: Ele diz que o açúcar veio de uma usina de Pernambuco... Isso nos é semelhante?

**Aluno 7:** Acho que sim.

**Professora-pesquisadora:** Porque você acha que nos é semelhante?

**Aluno 7:** Eu acho que nos é semelhante porque aqui perto tem uma usina de açúcar.

**Professora-pesquisadora:** Sim. Temos aqui na nossa região uma usina de açúcar. Vocês sabiam que boa parte da economia da nossa região Nordeste é baseada na cana-de-açúcar?

**Aluna 9:** Não professora.

**Aluna 5:** Não professora.

**Professora-pesquisadora:** Pois fiquem sabendo que sim... Inclusive nossa localidade... As aulas que vou estar com vocês serão voltadas para a história local e regional e vamos estudar o cotidiano do lugar e a representatividade da cultura canavieira para nós.

**Aluno 1:** Ahh professora... então por isso trouxe essa poesia de açúcar?

**Professora-pesquisadora:** Isso mesmo! Vou fazer mais uma pergunta a vocês... quem aqui conhece alguém que já trabalhou na usina... ou trabalha?

**Aluna 4:** Meu pai trabalha.

**Aluno 1:** Oxe! Meu pai mesmo é cortador de cana.

**Aluno 11:** Meu vizinho trabalha lá.

**Aluno 8:** O que mais tem é gente que trabalha na usina. Não tenho ninguém na minha família, mas conheço um bocado na minha rua que sim.

**Professora-pesquisadora:** Então gente... isso é só uma prova que nosso cotidiano de hoje ainda tem alguns aspectos do passado... mas só vamos ter certeza quando lermos alguns capítulos do livro Usina que vou trazer no nosso próximo encontro.

A partir desse diálogo, observamos que os alunos não possuem um conhecimento sobre História Local e Regional, o que implica dizer que sua identidade cultural também não é formada. É importante ressaltar a importância de iniciar a aula com o momento da motivação como um tipo de preparação. Foi perceptível que os alunos ficaram mais envolvidos. Sob a

perspectiva de Geraldi (2018, p.83), entendemos a importância de uma aula começar com a inferência de significados, como um ritual que prescreve o momento da aula ministrada pelo professor. Percebemos que, durante a aplicação da sequência, os alunos foram adquirindo uma carga de conhecimento da História que ainda era pouco desenvolvida na escola. Isso resultou a partir de perspectivas de conhecimentos diferentes e da interdisciplinaridade.

No discurso do Aluno 1, podemos observar a identificação com o símbolo (poesia) que a professora-pesquisadora trouxe para a aula. Ao dizer “Oxe! Meu pai mesmo é cortador de cana”, o aluno identifica o cotidiano levado até o ambiente escolar. Percebemos, em seu depoimento, tranquilidade e naturalidade nas palavras ao relacionar sua história familiar ao que está sendo debatido em sala de aula. Isso demonstra que os contextos de vida estão entrelaçados com a escola, e cabe aos professores estabelecer uma relação entre os conteúdos curriculares e o contexto social de cada sujeito-aluno.

Freire (1996, p.41) defende que “ensinar exige apreensão da realidade; a prática educativa demanda da existência dos sujeitos e suas respectivas histórias”. Desta forma, entendemos que a existência de objetos e conteúdo a serem ensinados e aprendidos envolve o uso de métodos e técnicas que mantenham relação com as vivências ou que instiga essa relação.

No segundo encontro desta sequência didática, a professora-pesquisadora planejou a aula conforme a base teórica da sequência literária básica. Neste momento, foi estabelecida aos alunos a etapa da Introdução, que consiste em debater sobre o autor e o livro que será trabalhado. De acordo com Cosson (2018), “uma simples e breve apresentação do autor e da obra pode ser a atividade mais adequada”. Esse momento é a entrada temática que toma a motivação como eixo. O livro foi apresentado como uma reflexão sobre o lugar e a microrregião da zona da mata paraibana, buscando no livro representatividades entre o passado e o presente.

A professora-pesquisadora iniciou a aula entregando um roteiro com algumas fotos de José Lins do Rego e imagens de edições do livro que fora trabalhado. A professora-pesquisadora contou aos alunos, que seguiram acompanhando no roteiro, um breve relato da vida do autor paraibano que preservava a memória do lugar em suas obras literárias. O roteiro, disposto no Quadro 1, ilustra as orientações planejadas pela professora-pesquisadora.

**Quadro 1** – Roteiro de aula do dia 15 de maio de 2019**2º Encontro** (1 aula de 50 min)**Introdução**

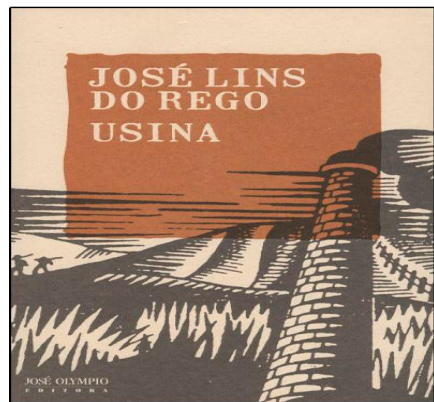
Neste momento haverá a apresentação do autor e da obra que será trabalhada nas aulas de História Local. Inicialmente, a professora apresentará o livro com duas edições diferentes. Será explanada a história de vida e obra do autor paraibano José Lins do Rego para o conhecimento dos alunos.

**Vida e Obra de José Lins do Rego:**

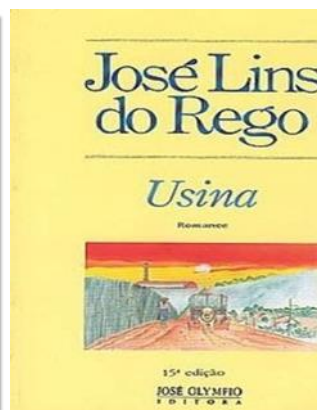
Nasceu em 03 de junho de 1901 no Engenho Corredor pertencente à Pilar na Paraíba. O mundo rural canavieiro do Nordeste lhe serviu de inspiração. No ano de 1957, na cidade do Rio de Janeiro, o Brasil perdia um de seus maiores escritores, já representado na Academia Brasileira de Letras. Suas obras foram traduzidas na Alemanha, Espanha, Estados Unidos, Itália, entre outros. Seu primeiro livro publicado foi Menino de Engenho, em 1932, a partir desse momento criou-se o ciclo da cana-de-açúcar na literatura com as obras Doidinho (1933), Banguê (1934), Moleque Ricardo (1935), Usina (1936) e Fogo Morto (1943). Além de livros José Lins do Rego também escreveu crônicas.



Autor paraibano José Lins do Rego



Livro “Usina” (1936 – 20ª edição)



Livro “Usina” – 15ª edição

**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Como pode ser visualizado no Quadro 1, a professora-pesquisadora planejou esta etapa da sequência didática baseando-se em Cosson (2018), a introdução se fez importante

para que os alunos se aproximassem mais do autor e compreendessem o intuito da pesquisa que eles estavam participando. A seguir, podemos ver um questionamento realizado por um aluno:

**Aluno 1:** Professora... quer dizer que há mais de cem anos atrás esse homem existiu em Pilar e escreveu vários livros? Ele saiu daqui de Pilar... pertinho da gente? Será que meu vô conheceu? (Risos)

**Professora-pesquisadora:** (sorriu) Sim... Realmente ele existiu aqui bem perto... só não sei se seu avô conheceu (risos)... E suas obras literárias são muito importantes para a história do estado paraibano... como também da região Nordeste... É um orgulho para nós paraibanos... não é mesmo?!

**Aluno 1:** Se a senhora tá dizendo deve ser sim. (Risos)

Neste questionamento feito pelo Aluno 1, constatamos um certo tipo de surpresa em descobrir que alguém tão importante nasceu e se criou em um ambiente tão próximo ao deles. Ainda nesta aula, para uma melhor introdução, a professora-pesquisadora fez uma breve relação com a cidade natal do ator, Pilar-PB, e a cidade dos alunos, Juripiranga-PB. Nos tempos de infância de José Lins do Rego, Juripiranga era uma vila que pertencia a Pilar.

O Quadro 2 ilustra essa etapa do planejamento da aula sobre História Local, quando apresentada a relação histórica entre Juripiranga e Pilar.

**Quadro 2** – Momento da reflexão sobre a relação Juripiranga e Pilar

<b>A HISTÓRIA DE JURIPIRANGA<sup>6</sup></b>
<p>O Município de Juripiranga teve início por volta de 1777 quando Braz Gomes Tavares e outros membros de sua família localizaram-se num lugar conhecido por Serrinha de baixo, que hoje está distante 01 quilômetros da atual sede Municipal. Pouco tempo depois ali foram instaladas suas moradas, Francisco Félix e a família Chagas. No lugarejo foi construído um “Cruzeiro” em volta do qual eram realizadas as festas religiosas.</p> <p>Juripiranga foi mencionada na divisão administrativa do Brasil em 1911 como sendo pertencente ao Município de Pilar, o mesmo acontecendo nas divisões correspondentes a 1936, 1937 e 1938 e no quinquênio 1939-43, com a denominação de Serrinha. Já no quinquênio 1944-48 estabelecido pela Lei nº 520 de 31 de janeiro de 1943, o nosso Distrito “Serrinha” é mencionado com o topônimo de Juripiranga. Nome que representa o significado de AVE QUE CANTA, já que na região era muito comum um número elevado de passarinhos cantarolarem ao nascer e ao pôr do sol. Sua emancipação política teve no então Prefeito de Pilar, Caio Correia de Araújo, o seu grande artífice. Ela foi alcançada através da Lei nº 2.673, de 22 dezembro de 1961, ocorrendo sua instalação oficial no dia 04 de janeiro de 1962, desmembrada de Pilar e integrada por um único distrito, o da sede.</p> <p>Segundo fontes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população total em 2010 no município de Juripiranga, incluindo a zona rural, é de 10.240 habitantes, divididos entre 5.131 homens e 5.109 mulheres. O clima é predominante na cidade é temperado, com inverno começando geralmente em maio e terminando em setembro, as principais atividades econômicas estão voltadas para plantações de: milho, feijão, mandioca, inhame, fava, atividade está, exclusiva</p>

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.juripiranga.pb.gov.br/historia/>. Acesso em: 07 de maio de 2019.

com base na economia familiar de subsistência sem fins lucrativos, porém com uma predominância marcante da cultura de cana-de-açúcar, fonte de sobrevivência temporária e principal de toda região, tendo como manipuladora da produção e exploração, como também grande proprietária de terras no município a indústria denominada “USINA CENTRAL OLHO D’ÁGUA” pertencente ao “GRUPO TAVARES DE MELO”, localizada no município de Camutanga, município do Estado de Pernambuco, e distante de Juripiranga, aproximadamente, 5 Km.

**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Nesse momento, a professora-pesquisadora trouxe para a sala de aula um pouco da história de Juripiranga-PB, cidade dos alunos, com o intuito de promover uma reflexão sobre a economia da cidade, o tempo de sua existência etc. Antes de entregar o texto aos alunos, indagou:

**Professora-pesquisadora:** Alguém aqui já leu sobre a história de Juripiranga?

**Aluno 17:** Eu não.

**Aluna 5:** Também não professora.

**Professora-pesquisadora:** Pois bem... vocês vão ler agora... Vou entregar a vocês um texto que resumo um pouco essa história e em seguida discutiremos... Quero que também sublinhem as partes que acharam interessante.

Nesse ponto, a professora-pesquisadora percebeu como é bom utilizar textos complementares antes da leitura oficial. Neste caso, o texto ajudou a centralizar os alunos no trabalho. Mais uma vez, também detectamos o quanto os alunos desconhecem seu lugar, a partir do momento que são indagados pela professora-pesquisadora se conhecem a história da cidade, e eles respondem que não. Os alunos fizeram uma leitura silenciosa do texto complementar em sala de aula e, em seguida, a professora-pesquisadora iniciou o debate reflexivo.

**Professora-pesquisadora:** Depois de nossa breve leitura, o que vocês acharam do conteúdo lido? Teve algo que desconheciam?

**Aluno 17:** Professora... sim... Eu não sabia que aqui teve início por volta... Cadê o ano hein?! Aqui...1777... Então quer dizer que faz tempo!

**Professora-pesquisadora:** É o seguinte... ela existia como povoado não pertencia politicamente a ninguém ainda.

**Aluna 3:** Professora... aqui também diz que tipo... a renda das famílias é feita com algodão... Até hoje ainda é? Por que nunca ouvi falar.

**Professora-pesquisadora:** Hoje em dia a plantação de algodão diminuiu muito... Mas sim a economia da cidade também era voltada para o algodão... se você observar o brasão da cidade pode notar que do lado esquerdo é um galho de algodão e no lado direito de cana-de-açúcar.

**Aluno 7:** Sim... professora. E no texto também fala da usina Olho-d’água e diz que ela é dona das terras daqui... Não sabia.

**Professora-pesquisadora:** Não exatamente dona das terras da nossa cidade (risos). Ela é dona de uma parte das terras ao redor da cidade.

**Aluna 5:** Esse cruzeiro que fala é a cruz da Igreja que fica do lado de fora?

**Professora-pesquisadora:** É sim... Antes ficava em frente à igreja.

Após a leitura e debate com os alunos, é notória a curiosidade sobre o a história do lugar. A ideia de pertencimento começa a aparecer nos alunos, passando a facilitar a compreensão da leitura literária. Nas falas dos alunos existem muitos questionamentos, trazer um texto que resume a história da cidade deles estabeleceu um norte, justamente, uma introdução de forma diferenciada às aulas. De acordo com Santos (2002, p.106), “[...] a história do lugar se faz importante nas últimas décadas como metodologia de ensino”.

Observando esses diálogos, podemos notar que a curiosidade dos alunos está em entender a história do lugar deles. Martins (2010, p.139) explica que a história do lugar traz importância à vida dos grupos e indivíduos de determinada sociedade, revalorizando a memória. Neste momento da sequência didática, a professora-pesquisadora se utiliza dessas metodologias para integrar historicamente uma reflexão, partindo dos papéis e condições econômicas, políticas, sociais e culturais vividas pelos alunos.

### **3.3 Parte II – Leitura dos trechos da obra “Usina”**

Nesta etapa, como sugestão do professor da disciplina “Literatura na Sala de Aula”, ministrada durante o mestrado, a professora-pesquisadora decidiu separar as leituras por capítulos e não do livro completo. Por ser um livro extenso, que não é infanto-juvenil, o foco esteve na leitura de trechos que se completam e que trazem o conteúdo preciso para investigação ao passado local.

A leitura na sequência básica literária é uma das etapas mais significativas, talvez a mais importante. Neste momento, a professora trouxe para a sala de aula os trechos do livro impressos para cada aluno. De acordo com Cosson (2018), as leituras devem ser extraclasse com um tempo determinado pelo professor para a discussão em sala. A professora deu um limite de tempo de 15 dias para a primeira discussão das leituras. Como o livro foi resumido, a leitura de alguns capítulos foi suficiente para estabelecer um diálogo acerca da obra.

A Figura 4 ilustra o momento do primeiro diálogo com os alunos sobre a obra literária regional “Usina”, de José Lins do Rego.



**Figura 4** – Debate inicial dos alunos associado à leitura



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Como podemos visualizar na Figura 4, a professora-pesquisadora conduziu o debate junto a uma nova leitura em sala do mesmo texto lido pelos alunos anteriormente. Ela iniciou estabelecendo espaço para que os alunos começassem suas indagações. A Aluna 5 começou o debate da seguinte forma: “Professora... posso começar? Quero dizer o que achei logo... É o seguinte achei interessante que no meio da leitura ele fala sobre Itabaiana e Itambé... Eu me senti como se tivesse lendo algo de verdade”. A aluna 5 demonstrou, em sua postura, um primeiro momento de identificação com a obra.

Em sequência, os alunos 13 e 15 reclamaram, dizendo que não gostavam de ler isso, e que já imaginavam que seria chato. A professora-pesquisadora perguntou, então, se ao menos eles tinham iniciado a leitura em casa para poder criticar. A resposta foi o silêncio. A professora-pesquisadora sugeriu que eles fizessem a leitura do primeiro parágrafo em sala, para que pudessem seguir a discussão do texto. Esse fato revela a falta de costume com a leitura. A maioria dos alunos não gostam, não se interessam e não são incentivados ao gosto pela leitura, seja ela qual for.

Durante as entrevistas com os professores, conseguimos perceber que as literaturas regionais praticamente não são trabalhadas por eles. Durante a aplicação da sequência, logo no início, como está sendo descrito, percebemos que a própria escola estimula pouco o hábito da leitura nos alunos. O comentário dos alunos 13 e 15 nos fez perceber que, além de não serem estimulados à leitura de obras literárias regionais, nem a nenhuma outra, eles possuem preconceito com literatura popular. Como vimos, eles sequer tentaram ler, já foram

discriminando. Isso mostra que as escolas comumente não trabalham a cultura de massa, a História Local e artistas locais de cunho regional.

Continuando o debate em sala, após a leitura do primeiro parágrafo feito pelo Aluno 13, a professora-pesquisadora conduziu a discussão com a seguinte reflexão:

**Professora-pesquisadora:** Eu gostaria que agora refletíssemos sobre o que lemos e observássemos a paisagem da nossa região em pensamento... E assim conversaríamos mais.

**Aluno 1:** Professora... eu estava indo pra Timbaúba esses dias com meu pai e no caminho vi a usina Olho d'água... na mesma hora lembrei do livro... José Lins do Rego fala muito sobre a Usina Bom Jesus... Ela realmente existiu?

**Aluna 5:** Realmente professora... Ele fala muito sobre o rio paraíba também... é o mesmo rio que chamamos de paraibinha?

**Aluna 2:** Professora... essa história é passada em que tempo?

**Aluna 4:** Eu acho que é no início do século passado né professora? Se ele nasceu em 1901 tem que ser do século passado.

**Professora-pesquisadora:** Ótimas observações! Isso nos vai render um bom diálogo... José Lins do Rego é um autor memorialista... ou seja... tudo que ele escreve reflete memórias dele mesmo... memórias do que ele viu e ouviu na sua infância. A usina Bom Jesus é fictícia... mas provavelmente existia alguma usina na época com outro nome... E sobre o rio... sim ele é o mesmo... O recorte temporal é das três primeiras décadas do século passado sim.

A partir do momento que a professora fez a reflexão alguns alunos começaram a se pronunciar, os alunos 1 e 5 fizeram boas observações acerca da paisagem do lugar, mostrando que a obra escolhida ainda traz semelhanças com o presente. Um dos objetivos desta sequência consistia em estabelecer uma aproximação do aluno com a História Local de alguma forma, para isso, a Literatura foi usada como possibilidade de aprendizagem dos alunos.

Podemos perceber que a leitura dos trechos do livro despertou um reconhecimento identitário dos alunos, ainda que pequeno. Mas, o fato deles associarem o texto a símbolos da paisagem atual, já é notória a representatividade. A leitura também despertou curiosidades sobre o autor e em que período se passa a história. Essa curiosidade pode se tornar criticidade, ou seja, quando um aluno questiona, ele supera a curiosidade tornando-se um aluno crítico. Esta reflexão está baseada em Freire (1996, p.31):

Não há para mim diferença e distância entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber e a pura experiência, e o que resulta dos procedimentos metodológicos. Quando um aluno supera a curiosidade ingênua e questiona o seu professor, ele se critica. Ao criticizar-se, ele se aproxima do objeto e conota seus achados com maior exatidão.

Diante da importância de despertar nos alunos a curiosidade, focando no processo de criticidade que irão construir a partir da mediação do professor, dispomos de um trecho que trouxe muita reflexão em sala de aula.

A várzea era só cana. Tudo era cana, tinham botado à baixo os cajueiros. E foi indo, assim, até o dia de hoje. Não morava mais ninguém na várzea. Até no cemitério velho, que diziam que fora dos caboclos, plantavam cana. E as caldas fedorentas da usina se despejavam no rio. Fedia de longe. Aquela porcaria se embebia na areia e os urubus passavam o dia em cima. Ia fedendo de rio a baixo. Ninguém podia mais tomar banho com o rio seco. (REGO, 2010, p.201)

Neste momento da sequência, a professora-pesquisadora leu em voz alta o trecho acima e sugeriu que os alunos começassem suas reflexões sem que ela intervisse no início. As Figuras 5 e 6 ilustram esse momento.

**Figura 5** – Professora-pesquisadora em sala



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

**Figura 6** – Alunos durante o debate



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

O trecho da obra “Usina”, anteriormente citado, retrata um drama vivido pelas cidades e povoados estabelecidos em torno de uma usina açucareira. A professora-pesquisadora o escolheu pelo fato de ter semelhança com os dias atuais. Após ler em voz alta na sala, ela indagou os alunos com a seguinte pergunta:

**Professora-pesquisadora:** Sobre esta citação do livro... vocês percebem algo semelhante em nossa região?

A indagação foi proposital, a professora-pesquisadora quis aguçar e verificar se os alunos compreenderam as questões sociais e econômicas do livro. Vejamos abaixo as respostas dos alunos:

**Aluno 8:** Professora vou começar... O mais claro nesse pedaço é quando fala das caldas fedorentas... nossa! Temos demais aqui por conta da usina.

**Aluna 3:** Isso mesmo... Uma vez quando eu e minha família íamos para Itambé... essa calda tava aguando as canas e meu pai reclamou porque ia batendo no carro... ele mandou a gente fechar os vidros... E ainda disse que elas iam pra os açudes mesmo.

As respostas vieram de imediato, pois o trecho relata algo que acontece continuamente em torno do cotidiano da cidade dos alunos. Esse trecho gerou muitas indagações feitas pela professora-pesquisadora aos alunos. Isso nos mostra o quanto é importante que a comunidade e seus aspectos sociais, culturais e econômicos sejam trabalhados na escola. Como ressalta Giardinetto (2008, p.9), “[...] no cotidiano, o conhecimento é regido por raciocínios que servem eficazmente para dar respostas às tarefas do cotidiano. O conhecimento aí se manifesta regido por uma lógica essencialmente prático-utilitária, própria desse âmbito da vida humana”.

A professora-pesquisadora continuou o debate questionando:

**Professora-pesquisadora:** Vimos no trecho que a usina Bom Jesus do dr. Juca tomou conta das terras... Lá... ninguém mais plantava roçado... tudo era cana... O que vocês acham disso? Percebem semelhanças?

**Aluna 19:** O que eu acho parecido é que tudo aqui é cana também... Nessa época era e agora também... É isso professora?

**Professora pesquisadora:** Sim... Digamos que a paisagem natural do lugar não mudou praticamente nada... No caso só aumentaram os partidos de cana... derrubando mais árvores... o que é uma coisa ruim.

**Aluno 7:** Professora... tudo aqui é cana mesmo... Eu e os meus amigos da rua... vamos chupar cana da usina... é uma aventura porque se o feitor do campo pega a gente ele briga. (Risos)

**Professora-pesquisadora:** (Risos) Não tem medo de ser pego? (Risos) Bom... voltando ao texto... e analisando as duas usinas agora... a fictícia e a real próxima à nossa cidade... Vocês acham que ela faz bem à sociedade/população em sua volta?

**Aluna 9:** Eu acho que faz bem e faz mal.

**Professora-pesquisadora:** Por que?

**Aluna 9:** Do jeito que José Lins do Rego conta das caldas nos açudes... aqui ainda tem... eu acho que isso não faz bem pra gente... Tem tempo que fede muito... O bom é que gera emprego.

**Professora-pesquisadora:** Muito bem! Existe um problema... por um lado mas gera emprego por outro.

Neste momento, seguimos com o capítulo que destaca algumas cidades da região. A professora-pesquisadora buscou verificar se os alunos detectavam no texto essa semelhança. Seguem abaixo os trechos discutidos na roda de leitura:

A várzea era só cana. A vitória da Bom Jesus do dr. Juca sobre a São Félix do dr. Luís na compra do engenho Marreira, serviu de comentários nos trens. – Disse o dr. Luís – se não fosse meu fracasso na compra do engenho Santa Rosa, a várzea inteira do Marreira seria minha. Uma única voz mandaria na região que ia de Santa Rita à Pilar. (REGO, p.189)

Em Pernambuco, poucas usinas estariam tão aparelhadas como a bom Jesus. A Bom Jesus só precisara mesmo de irrigação e isto estava ali perto. As várzeas do rio Paraíba eram ótimas. Queria em Goiana haver terras de um massapê que era mesmo que estrume pra cana. (REGO, p.197)

A verdade é que ele sentira que tirara a família daquela miséria que era moer em engenho banguê. O que eram hoje os parentes de Itambé morrendo para enriquecer os comerciantes de Goiana? (REGO, p.214)

Foi realizada novamente a leitura dos trechos em sala, por uma aluna que se prontificou. Em seguida, os alunos começaram a comentar sobre o texto. E a professora escreveu, em seu diário de campo, as observações. A Figura 7 mostra o momento em que a aluna faz a leitura para todos da sala:

**Figura 7** – Aluna realizando leitura



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Finalizando o momento da leitura dos trechos dos livros citados acima, o Aluno 1 deu início à sua fala, possibilitando o seguinte diálogo:

**Aluno 1:** Professora... fiquei surpreso quando li esse pedaço ele fala o nome das cidades direitinho como são.

**Aluno 11:** Ele fala em Itambé... Goiana... só não fala em Juripiranga.

**Aluna 5:** Mas ele fala em Pilar... e aqui pertencia a Pilar nesse tempo... Não era professora... Diga aí... diga.

**Professora-pesquisadora:** A obra literária de José Lins do Rego... especificamente... Usina... traça bem as memórias de lugar... Tudo que ele escreve é baseado nas suas vivências de menino... ouvindo histórias das negras velhas da cozinha... Ele estudou em Itabaiana... foi criado por essa região... Por isso a escolha desse livro... para que vocês pudessem enxergar exatamente isso que estamos debatendo... o passado e o presente... como também a importância que a obra literária possui para preservação da memória do lugar... E sim Juripiranga pertencia a Pilar... não era cidade... existia praticamente serrinha de baixo<sup>7</sup>... e a boca da mata<sup>8</sup>.

As conversas, durante a roda de leitura, foram muito pertinentes para nossa pesquisa. Através delas, a professora-pesquisadora conseguiu fazer uma sondagem com os alunos, proporcionando o primeiro contato da maioria deles com a Literatura, instigando-os ao reconhecimento de espaço/lugar quando os trechos do livro mencionam as cidades ao redor, o modo de trabalho de uma usina e a paisagem do lugar repleta de canas. É perceptível que a leitura da obra possibilitou aos alunos a compreensão e o reconhecimento como sujeitos pertencentes a uma história. Chegamos nesta conclusão, após analisar os diálogos da roda de leitura/conversa. Os alunos apontaram várias questões do livro, associando ao cotidiano de hoje, além de tirar as dúvidas causadas pela curiosidade que tanto esperávamos. Trabalhar com a História Local é isso, trazer noção de pertencimento aos alunos.

Após esta etapa, a professora-pesquisadora aplicou a proposta de atividade acerca da leitura, a qual pode ser melhor compreendida no próximo tópico.

### 3.3.1 Atividade de Interpretação

A atividade proposta pela sequência didática consistiu na metodologia de interpretação do texto lido a partir da contextualização histórica. De acordo com Cosson (2018), o objetivo desta etapa é levar o aluno a traduzir a impressão do título e o impacto que ele teve sobre o texto. Utilizamos a contextualização histórica para relacionar o texto ao social e ao recorte temporal. Destacamos a quarta questão sobre a Literatura como fonte para a História Local. A questão refere-se a um trecho da obra que retrata a paisagem do lugar e solicita que os alunos escrevam o que de semelhante eles observaram. Destacamos as respostas dos alunos 5 (Figura 8) e 7 (Figura 9).

---

<sup>7</sup> Serrinha de Baixo, lugar onde a cidade de Juripiranga começou, hoje em dia ainda existe quem chama essa parte da cidade por essa nomenclatura. Porém, atualmente a rua se chama Antenor Navarro.

<sup>8</sup> Boca da Mata é uma das ruas mais antigas de Juripiranga, fica mais próxima ao centro da cidade. Atualmente, sua nomenclatura é rua Paraná. Como a outra já mencionada, ainda há que a chame de Boca da Mata.



**Figura 8** – Resposta da Aluna 5 da Atividade 1

4º) Leia o trecho retirado da obra Usina. Sublinhe as partes e palavras que lhe trazem semelhança, depois argumente fazendo uma ponte entre o documento e o cotidiano local do presente.

A várzea era só cana. Tudo era cana, tinham botado à baixo os cajueiros. E foi indo, assim, até o dia de hoje. Não morava mais ninguém na várzea. Até no cemitério velho, que diziam que fora dos caboclos, plantavam cana. E as caldas fedorentas da usina se despejavam no rio. Fedia de longe.

Aquela porcaria se embebia na areia e os urubus passavam o dia em cima. Ia fedendo de rio a baixo. Ninguém podia mais tomar banho com o rio seco. (REGO, 2010, p.201)

A várzea era só cana. A vitória da Bom Jesus do dr. Juca sobre a São Félix do dr. Luís na compra do engenho Marreira, serviu de comentários nos trens. – Disse o dr. Luís – se não fosse meu fracasso na compra do engenho Santa Rosa, a várzea inteira do Marreira seria minha. Uma única voz mandaria na região que ia de Santa Rita à Pilar. (REGO, p. 189)

Em Pernambuco poucas usinas estariam tão aparelhadas como a bom Jesus. A Bom Jesus só precisara mesmo de irrigação e isto estava ali perto. As várzeas do rio Paraíba eram ótimas. Queria em Goiana haver terras de um massapê que era mesmo que estrume pra cana. (REGO, p. 197)

A verdade é que ele sentira que tirara a família daquela miséria que era moer em engenho banguê. O que eram hoje os parentes de Itambê morrendo para enriquecer os comerciantes de Goiana? (REGO, p. 214)

Os trechos possuem palavras de nomes de cidades que ficam perto da minha jurisdição e do rio que ainda existe.

Na história local precisamos de algo que faça a gente entender o passado. Como a professora falou esse esse livro de literatura e o documento que faz a gente entender como era no passado. A ponte da calda fedorenta e da paisagem de como parece com hoje.

Fonte: Acervo da professora-pesquisadora

Essa atividade proporcionou aos alunos a discussão e aprendizagem sobre o conceito de lugar a partir da perspectiva de nossa proposta, o diálogo da Literatura com a História Local, atrelado aos conceitos de identidade. Ao explorar a interpretação sobre a resposta dada à referida atividade, com ênfase na argumentação da aluna, verificamos que ela inicia frisando as cidades citadas na obra que fazem parte de sua região e o rio Paraíba. A aluna interpretou o texto na perspectiva local e do uso da Literatura como documento de investigação do passado, isso nos mostra que um dos objetivos desta pesquisa foi compreendido pela aluna. Ela faz o uso de palavras da professora durante as explicações das aulas. A Figura 9 representa a resposta do Aluno 7.

**Figura 9** – Resposta do Aluno 7 da Atividade 1

4º) Leia o trecho retirado da obra Usina. Sublinhe as partes e palavras que lhe trazem semelhança, depois argumente fazendo uma ponte entre o documento e o cotidiano local do presente.

*A várzea era só cana. Tudo era cana, tinham botado à baixo os cajueiros. E foi indo, assim, até o dia de hoje. Não morava mais ninguém na várzea. Até no cemitério velho, que diziam que fora dos caboclos, plantavam cana. E as caldas fedorentas da usina se despejavam no rio. Fedia de longe.*

*Aquela porcaria se embebia na areia e os urubus passavam o dia em cima. Ia fedendo de rio a baixo. Ninguém podia mais tomar banho com o rio seco. (REGO, 2010, p.201)*

*A várzea era só cana. A vitória da Bom Jesus do dr. Juca sobre a São Félix do dr. Luís na compra do engenho Marreira, serviu de comentários nos trens. – Disse o dr. Luís – se não fosse meu fracasso na compra do engenho Santa Rosa, a várzea inteira do Marreira seria minha. Uma única voz mandaria na região que ia de Santa Rita à Pilar. (REGO, p. 189)*

*Em Pernambuco, poucas usinas estariam tão aparelhadas como a bom Jesus. A Bom Jesus só precisara mesmo de irrigação e isto estava ali perto. As várzeas do rio Paraíba eram ótimas. Queria em Goiana haver terras de um massapê que era mesmo que estrume pra cana. (REGO, p. 197)*

*A verdade é que ele sentira que tirara a família daquela miséria que era moer em engenho banguê. O que eram hoje os parentes de Itambé morrendo para enriquecer os comerciantes de Goiana? (REGO, p. 214)*

EU PERCEBI QUE O NOME DAS CIDADES AINDA SÃO OS MESMOS, AINDA TEM MUITA CANA, TALVEZ MAIS DO QUE NESSA ÉPOCA. TAMBÉM TEMOS UMA USINA NA REGIÃO QUE DEIXA A CIDADE FEDENDO COMO NO LIVRO. É ISSO QUE ACHO PARECIDO, DEPOIS DE TANTOS ANOS.

**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

O Aluno 7 foi sucinto em sua resposta, resumidamente, ele citou as semelhanças identificadas por ele, assim como a Aluna 5 na resposta anterior. Falou das cidades, relacionou a paisagem do livro com a de sua região, problemas que a usina causa parecidos com o da obra. No entanto, ele não menciona a relação da Literatura com a História Local, um dos objetivos principais desta pesquisa. A partir dessas respostas, percebe-se que os alunos compreenderam o objetivo das aulas de História Local/Regional, mesmo que de forma mais sucinta, outros compreenderam de forma mais concreta. As disparidades são existentes durante a aprendizagem. A atividade de livre interpretação demonstra, nas entrelinhas, a percepção dos alunos acerca do texto e a realidade em sua volta. Sobre a formação da identidade de lugar dos alunos 5 e 7, identificamos que ainda deve ser intensificada nas aulas.

A produção e representação dos sentidos expressados nas respostas das atividades mostram a afetividade gerada a partir da identificação com o texto. Dubar (1997, p.104)



evidencia que a “identidade nunca é dada, é sempre construída”. Esses alunos não apenas se identificaram com a noção do seu lugar, mas também com a identidade do nordestino, que, por muitas vezes, é vítima da xenofobia. Assim como explica Albuquerque Jr. (2011), a identidade do nordestino é, muitas vezes, relacionada apenas à caracterização de sofrimento, seca, pobreza. Isto é o que foi proposto e perceptível como resultado.

Após o término das leituras, atividade de interpretação e aulas de campo com viagens, a professora-pesquisadora trabalhou com os alunos uma produção textual, mais precisamente, o gênero artigo de opinião, com a finalidade de ser publicado no Jornal da Escola. A professora-pesquisadora dividiu a turma em equipes, para que escrevessem sobre o tema em 15 a 20 linhas. Cada equipe escreveu sobre um determinado momento da sequência didática, a partir da seguinte divisão:

- a) O livro Usina e sua representação.
- b) Vida e Obra de José Lins do Rego.
- c) Relação Juripiranga e Pilar.
- d) Visita ao Engenho Corredor.
- e) Visita ao Museu José Lins do Rego.

A atividade foi realizada extraclasse e entregue à professora no último encontro. A seguir, veremos as produções textuais realizadas pelas equipes do 9º ano A, começando pela Equipe 1, conforme se verifica na Figura 10.

**Figura 10** – Atividade 2 da Equipe 1

Escola Municipal de Ensino Fundamental Salvino João Pereira  
Aluno(a): Equipe 1 9º A

**ATIVIDADE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA:**

Literatura e História Local: José Lins do Rego em sala de Aula

1º Esta questão incorpora o momento de conclusão do que vocês compreenderam ao decorrer da aplicação da sequência e durante as viagens como aulas de campo. Sua equipe estará responsável para escrever um artigo para o nosso Jornal Escolar.

**Tema:** O livro Usina e sua representação

- Deve conter no mínimo 15 linhas e no máximo 20.
- O artigo deve conter um resumo do livro e o que ele representou nas aulas de história.

1 Durante nossa leitura do livro usina, conseguimos  
2 entender coisas importantes. Ele é sempre bom, mas  
3 estamos escrevendo para você que nunca leu o  
4 livro. Este livro usina, fala sobre um senhor  
5 de engenho que tem o sonho de mudar de vida  
6 e transformar seu engenho em usina. E assim ele faz  
7 a história conta todo o processo de transformação e  
8 a mudança de vida do usineiro quando ele tem  
9 sucesso. Ele gostava muito de ostentar, se exibia com  
10 um carro bom da época. Ele disputava qual  
11 era a melhor usina a dele, ou da vizinha  
12 chamada usina São Félix.  
13 A população sofria muito com o crescimento da  
14 usina, eles não podiam plantar nada para eles, as  
15 terras eram da usina e tudo tinha que ser cana.  
16 Com o tempo e as iniciativas de modernização  
17 da usina o dr. Juca vai tendo problemas e  
18 acaba perdendo tudo. O dinheiro acabou, ficou  
19 avante e ainda veio uma enchente do rio Paraíba,  
20 e mesmo assim paralela que atravessa o rio  
barra.  
Com isso a história acaba. E se a leitura  
representou para gente foi muito bom. Saber que a  
cana faz parte daqui há tanto tempo foi muito  
legal.

**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Os alunos da Equipe 1 se posicionaram com uma escrita de modo informativo, ou seja, eles contaram aos leitores a história do livro como incentivo de leitura na coluna do Jornal da Escola. Retrataram passagens da história com o intuito de trazer curiosidade aos que ainda não leram. Dessa forma, nós percebemos com essa atividade que os alunos da equipe externaram seus conhecimentos acerca da obra. Como esta atividade foi pensada para o desenvolvimento do Jornal, a equipe buscou retratar ao seu modo as informações necessárias para fazer o leitor compreender a obra. Na Figura 11, podemos observar a produção de texto da Equipe 2.

**Figura 11** – Atividade 2 da Equipe 2

Escola Municipal de Ensino Fundamental Salvino João Pereira  
 Aluno(a): Equipe 2 9º A

**ATIVIDADE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA:**

Literatura e História Local: José Lins do Rego em sala de Aula

1º Esta questão incorpora o momento de conclusão do que vocês compreenderam ao decorrer da aplicação da sequência e durante as viagens como aulas de campo. Sua equipe estará responsável para escrever um artigo para o nosso Jornal Escolar.

**Tema:** Vida e Obra de José Lins do Rego

- Deve conter no mínimo 15 linhas e no máximo 20.

1 O autor José Lins do Rego nasceu em  
 2 Pilar - PB no Engenho Corredor, zona rural  
 3 de Pilar, no ano de 1901 do dia 03 de  
 4 junho.  
 5 Perdeu sua mãe ainda criança e  
 6 foi criado pelo avô paterno. O seu  
 7 pai era esquisito fútil.  
 8 Estudou em Itabaiana, João Pessoa e Recife.  
 9 Na sua infância vivia com os  
 10 meluques negros do Engenho pelos campos  
 11 e canaviais todos os seus livros são  
 12 memórias de sua infância por isso  
 13 esses traços tão marcantes do  
 14 regionalismo.  
 15 Seus livros foram traduzidos em  
 16 muitas línguas.  
 17 Na cidade de Pilar existe uma praça  
 18 e uma escola com seu nome uma  
 19 fundação com o nome da sua  
 20 primeira obra memórias de engenho  
 publicada em 1932.  
 O livro que estamos usando é de 1936  
 faz parte do ciclo da cana-de-açúcar.  
 José Lins do Rego é um autor muito  
 importante para a Paraíba e o Nordeste.

**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Analisando a produção textual dos alunos da Equipe 2, que se prontificaram a escrever sobre a vida e obra de José Lins do Rego, produziram um breve texto biográfico seguindo as explicações de aulas, e sobre as explicações dos Guias de Turismo durante as viagens. No final do texto, posicionaram-se acerca do livro, considerando-o muito importante não só para Paraíba, como também para a região Nordeste. Neste momento da escrita de pensamento dos alunos, percebemos a importância de tratar a História Local/Regional, seu Estado, dentro da disciplina de História, independente de qual disciplina e etapa estejam.



Segundo Bittencourt (2009), a História Local, geralmente, se liga à história do cotidiano, da memória e do regional. O seu papel no ensino remete à configuração identitária dos alunos, que é um dos aspectos relevantes para considerar os estudos da História Local. Na produção textual da Equipe 2, conseguimos observar esta ligação entre as linhas 8 a 14. Na escrita da equipe “Estudou em Itabaiana, João Pessoa e Recife. Na sua infância vivia com os moleques negros do engenho”, os alunos descreveram o cotidiano descrito no livro e, já no fim do texto, remetem o autor como pessoa muito importante para o Estado da Paraíba. Percebemos, assim, a relevância de trabalhar em sala de aula um autor conterrâneo que destaca a cultura local e memórias do lugar.

É importante salientar que as atividades estão dentro do nosso caminho teórico-metodológico, trazendo a percepção não só dos significados locais, mas também do Nordeste em geral. Através desses diálogos sobre as memórias do cotidiano da região pertencente geograficamente à região Nordeste, os alunos devem sentir a própria cultura. Na Figura 12, visualizamos um breve relato sobre a história da relação Juripiranga e Pilar, ambas na Paraíba.

**Figura 12** – Atividade 2 da Equipe 3

Escola Municipal de Ensino Fundamental Salvino João Pereira  
Aluno(a): Equipe 3 9º A

**ATIVIDADE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA:**

Literatura e História Local: José Lins do Rego em sala de Aula

1º Esta questão incorpora o momento de conclusão do que vocês compreenderam ao decorrer da aplicação da sequência e durante as viagens como aulas de campo. Sua equipe estará responsável para escrever um artigo para o nosso Jornal Escolar.

**Tema:** Relação Juripiranga e Pilar

- Deve conter no mínimo 15 linhas e no máximo 20.

1 A nossa cidade Juripiranga foi distrito por  
2 muito tempo da cidade Pilar, uma das  
3 cidades mais antigas da Paraíba. Então  
4 para essa relação é muito interessante  
5 para nós.  
6 Começamos a compreender melhor os vizinhos  
7 a as cidade na semana cultural que  
8 aconteceu em Lameirão a foi bem  
9 de Rego.  
10 Depois de Juripiranga emancipada  
11 da Pilar em 1962 os países a  
12 cidade foi perdendo o vínculo.  
13 Antes de emancipada, tudo da  
14 cidade era resolvido em Pilar  
15 os votos das eleições mesmo depois  
16 de emancipada eram contados  
17 lá.  
18 Nossa história foi fundada a  
19 partir de Pilar muito embora  
20 tão antiga hoje em dia se  
encontra praticamente igual aos  
seus distritos.

**Fonte:** Acervo da Professora-pesquisadora

Durante a análise da resposta da Equipe 3, percebemos que os alunos não foram assíduos em sua pesquisa para realizar a produção textual. No entanto, eles escreveram um pequeno relato sobre o que já sabiam e a curiosidade que eles descobriram durante a viagem à Pilar-PB. Esta parte se encontra nas linhas 15 a 17, quando se referem à contagem de votos das eleições, onde mesmo emancipada, essa parte do processo eleitoral era realizado na antiga cadeia de Pilar, que hoje em dia se tornou a Fundação Menino de Engenho. Aqui, mais do que nunca, encontramos o conceito de lugar compreendido pelos alunos. A Equipe 3 associa lugar ao conceito histórico e também geográfico, podemos notar isso quando eles começam o texto falando sobre o pertencimento de Juripiranga à Pilar, associando questões territoriais.

**Figura 13** – Atividade 2 da Equipe 4

Escola Municipal de Ensino Fundamental Salvino João Pereira  
Aluno(a): Equipe 4 9º A

**ATIVIDADE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA:**

Literatura e História Local: José Lins do Rego em sala de Aula

1º Esta questão incorpora o momento de conclusão do que vocês compreenderam ao decorrer da aplicação da sequência e durante as viagens como aulas de campo. Sua equipe estará responsável para escrever um artigo para o nosso Jornal Escolar.

**Tema:** Visita ao Engenho Corredor em Pilar-PB

- Deve conter no mínimo 15 linhas e no máximo 20.
- O artigo deve conter uma descrição e aspectos interessantes que a equipe observou.

1 A viagem ao Engenho Corredor que fica na nossa cidade  
2 vizinha, foi o melhor momento das nossas aulas.  
3 A professora levou a gente primeiro para conhecer  
4 a Fundação Menino de Engenho que fica logo na  
5 entrada de Pilar. Lá tem muitos quadros com  
6 imagens de José Lins, vimos até a edição de Menino de  
7 Engenho que foi dele. Tava bem enfeitado. Da colada  
8 da fundação vimos a "casa rosa" que mora  
9 as tias que ajudaram a cuidar dele e ela ainda é rosa.  
10 Depois a gente foi para o engenho, nossa foi muito  
11 bom, foi muito legal. A gente sentiu como se  
12 tivesse numa moçela de gelo. A gente nos  
13 falou que lá tem aproximadamente 200 anos, nossa  
14 muito tempo.  
15 O casarão é lindo, tem fotos do avô de  
16 José Lins do Rego, tem uma geladeira dos anos  
17 1960, do lado da casa tem onde pagavam  
18 o açúcar e a cachaca.  
19 A gente amou muito. Foi muito legal conhecer  
20 e descobrir que nossa cidade juripiranga  
faz parte de Pilar e que tudo isso também  
faz parte da gente.

**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora



Nesta última produção de texto, os alunos da Equipe 5 produziram um texto sobre a viagem ao Museu José Lins do Rego. Ao analisarmos o texto escrito, verificamos que eles elaboraram de forma sucinta, descrevendo o que viram de importante e como reagiram ao descobrir características da história do autor paraibano como eles.

Esta segunda atividade elaborada pela professora-pesquisadora serviu para investigar se os alunos tinham absorvido alguns conteúdos trabalhados nas aulas em sala e nas aulas em campo. As atividades de verificação são de grande importância. Para os objetivos desta pesquisa do ensino de História Local/Regional mediante a Literatura de José Lins do Rego, as atividades sempre foram com propostas de escrita e fala. Podemos dizer, então, que seus resultados foram bons, haja vista que era o primeiro contato de muitos alunos com a Literatura e que eles não tinham o hábito de leitura. As atividades da sequência estavam sob a ordem da sequência literária básica, sendo mais precisas na última etapa, a Interpretação. Se o aluno soube interpretar e escrever sobre o que foi estudado. Com as atividades de interpretação e descrição, conseguimos enxergar questões sociais, econômicas e culturais. Dentro desta análise, baseamo-nos em Clot (2001, p.6):

A atividade não é somente aquilo que se faz. O real da atividade é também o que não se faz, aquilo que não se pode fazer, o que se tenta fazer sem conseguir – os fracassos – aquilo que se desejaria ou poderia fazer, aquilo que não se faz mais, aquilo que se pensa ou sonha poder fazer em outro momento. [...] As atividades suspensas, contrariadas ou impedidas, e mesmo as contra-atividades, devem ser admitidas na análise assim como as atividades improvisadas ou antecipadas.

Para encerrar, observamos que as atividades de interpretação e produção textual acompanhadas de uma leitura e procedimentos da aula, seguido por um planejamento baseado em uma sequência didática, torna-se um método menos desagradável. Também observamos que atividades burocráticas causam desprazer nos alunos e falta de estímulo, o que não era nosso objetivo.

### **3.4 Visita ao Centro Cultural Museu José Lins do Rego**

A proposta da viagem para o Museu José Lins do Rego, localizado dentro do Espaço Cultural de João Pessoa-PB, configurando-se aula de campo interdisciplinar, promoveu o enriquecimento e aprofundamento dos conteúdos vistos no decorrer da sequência didática, sobre História Local/Regional, identidade, memória e cultura. Para a concretização dessa viagem, a professora-pesquisadora solicitou à direção e à Secretaria de Educação do município de Juripiranga-PB a disponibilidade de um transporte, assim como requisitou aos



pais a permissão da viagem, através do termo de responsabilidade. Assim, a viagem realizada no dia 11 de maio de 2019 contou com a presença de 90% da turma, além da professora-pesquisadora, presença dos coordenadores escolares, a diretora escolar e a professora de Matemática. A viagem aconteceu em um sábado, dia não letivo, para não atrapalhar o andamento das aulas. A Figura 15 mostra os alunos no Museu José Lins do Rego, João Pessoa-PB.

**Figura 15** – Aula de campo no Museu José Lins do Rego, João Pessoa-PB



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

A aula de campo teve início no percurso da viagem de Juripiranga à João Pessoa. A partir da observação da paisagem, que ofereceu aos alunos momentos de discussões, foi possível a identificação na prática da mesorregião da zona da mata paraibana (Juripiranga e Pilar) ao litoral (João Pessoa). Os alunos perceberam que a paisagem canavieira se estende até o litoral, boa parte do percurso é formado por canaviais verdes, incluindo uma outra usina de açúcar que produz álcool. A professora-pesquisadora auxiliava os alunos nas possíveis dúvidas, além de ressaltar os pontos que deveriam ser observados pelos alunos.

Ao chegar no Museu José Lins do Rego, localizado no Espaço Cultural de João Pessoa, que também leva o seu nome, os alunos foram orientados pela professora-pesquisadora, com a ajuda dos coordenadores da escola, a seguirem para a sala que conservam as memórias do autor. Adentrando à sala, foram recebidos pelo guia, que explicou



o que cada elemento que compunha o lugar representava. As Figuras 16 e 17 mostram os alunos observando as fotos de familiares de José Lins do Rego e conhecendo sua história.

**Figura 16** – Alunos observando as fotos de familiares de José Lins do Rego



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

**Figura 17** – Alunos dentro do museu conhecendo a história do autor



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Esses momentos de aula de campo com os alunos incrementaram a sequência didática de forma lúdica e diferenciada. Os alunos mostraram-se satisfeitos elaborando perguntas ao guia. Os meninos ficaram surpresos em saber que José Lins do Rego amava futebol. Ao presenciar este momento, os alunos ficaram atentos aos objetos que pertenciam à José Lins do

Rego, como, por exemplo, a sua biblioteca com boa parte de sua coleção de livros. A Figura 18 mostra a biblioteca montada exatamente como era em sua casa.

**Figura 18** – Biblioteca/Escritório da casa do Rio de Janeiro de José Lins do Rego



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

A representação da biblioteca de José Lins do Rego mostra o gosto estimado do autor pela Literatura. Durante o tempo que passamos dentro do museu, o guia contou um pouco sobre a vida e obra do autor, muitos alunos já conheciam uma parte de sua história, pelas aulas em sala de aula ministradas pela professora-pesquisadora. Na Figura 19, temos o registro de todos os envolvidos na viagem, alunos, coordenadores, gestora escolar e a professora-pesquisadora.

**Figura 19** – Foto no pátio do Espaço Cultural José Lins do Rego



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora



A viagem realizada em diálogo com a sequência didática trouxe momentos de diversão e aprendizagens aos alunos. O objetivo de fazer o aluno conhecer o autor da obra com mais profundidade, observando artigos e objetos pertencentes ao autor, foi estabelecido. O guia do museu falou sobre a vida de José Lins do Rego na cidade de Pilar e sobre suas obras com histórias voltadas ao cenário da vida de interior no Nordeste do início do século XX. Os alunos perceberam a importância da literatura nordestina em vários aspectos, tanto históricos como culturais. A identidade do aluno nordestino é marcada, inicialmente, pelo seu lugar, conhecer suas importâncias e representações para então se sentir representado.

### 3.5 Visita ao Engenho Corredor, Pilar-PB

Esta foi a última viagem vivenciada pelos alunos e também a mais produtiva. Nesta aula de campo, os alunos entenderam na prática a importância da preservação da História Local/Regional e da cultura. As paisagens do lugar, o cenário da casa grande, foram interpretados por eles como elementos que preservam a memória e constroem identidade. Os espaços observados nas Figuras a seguir foram suficientes para compreender o porquê de Juripiranga e Pilar serem tão ligadas.

**Figura 20** – Chegada dos alunos ao Engenho Corredor, Pilar-PB (Casa Grande)



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Logo no início da viagem, ainda dentro do ônibus, a professora-pesquisadora pediu aos alunos que utilizassem os seus aparelhos celulares para registrar tudo que achassem de

interessante. Fazendo uma ressalva, a professora explicou o objetivo da aula de campo, que aconteceu em um sábado, no dia 31 de maio de 2019, o sábado foi escolhido para não atrapalhar as aulas durante a semana, assim como a viagem anterior. Nesta aula, também estiveram presentes os coordenadores da escola para auxiliar a professora-pesquisadora no controle dos alunos. A professora-pesquisadora preparou o termo de consentimento que deveria ser assinado pelo responsável pelos alunos.

Adiante, chegamos na cidade de Pilar e fizemos nossa primeira parada na Fundação Menino de Engenho, que funciona na antiga Casa de Câmara e Cadeia, edificada no período do Brasil Império, sendo o único da Paraíba. A cidade foi visitada no mês de dezembro de 1859 por D. Pedro II, Imperador da época, que pernitoou na cidade de Pilar, recebendo a sociedade paraibana que veio e foi concedido aos visitantes o “beija-mão”.<sup>9</sup> Abaixo, na Figura 21, podemos visualizar a imagem da Fundação, bem como registros dos alunos durante a visita (Ver Figuras 22, 23, 24, 25 e 26).

**Figura 21** – Faixada da Fundação Menino de Engenho Pilar-PB



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

---

<sup>9</sup> Esta informação foi coletada durante a visitação da Fundação, contada pela Guia Cultural da cidade.

**Figura 22** – Visita com os professores da Escola Salvino<sup>10</sup>



Fonte: Acervo da professora-pesquisadora

**Figura 23** – Alunos na Faixada da Fundação



Fonte: Acervo da professora-pesquisadora

**Figura 24** – Alunos dentro da Fundação



Fonte: Acervo da professora-pesquisadora

<sup>10</sup> Nesta Figura, constam os professores da Escola Salvino, *lócus* da pesquisa. Esta foto foi registrada uma semana antes da visita dos alunos ao local. A professora-pesquisadora achou por bem colocá-la, por apresentar uma imagem melhor que a dos alunos, que se recusavam a tirar fotos em frente à Fundação.



**Figura 25** – Alunas dentro da Fundação assinando o livro de visitantes



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

**Figura 26** – Exposição de obras do autor e quadros de artistas da cidade



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

As Figuras acima mostram o primeiro momento da viagem. Os alunos tiveram contato com várias edições de livros do autor e quadros pintados por artistas da terra, que podemos observar ao fundo e lateral do espaço. A Fundação possui um térreo e um andar, logo na entrada, por ser a antiga casa de câmara e cadeia ainda existe uma cela onde ficavam os presos.

Na Figura 25, as alunas estão na primeira sala onde ficam livros antigos e objetos pertencentes à antiguidade da prefeitura da cidade. As Figuras 24 e 26 fazem parte do primeiro andar, que estava recheado de exposições de imagens e obras do autor. A viagem foi

realizada, justamente, em um dos dias da XXI Semana Cultural José Lins do Rego. Na Figura 23, na fachada da Fundação, podemos visualizar um banner com a propaganda da Semana Cultural, que durou três dias na cidade de Pilar. Escolhemos a data da viagem propositalmente, para que os alunos pudessem ter uma experiência maior com o autor, a Literatura, a cultura e a História Local.

A segunda parte da viagem seguiu para o Engenho Corredor, lugar onde José Lins do Rego foi criado depois que saiu da casa das tias no centro de Pilar. A casa era chamada de casa rosa, ainda hoje ela existe e pertence a familiares do autor. Ela fica quase em frente à Fundação e ainda possui a cor rosa, os alunos tiveram a oportunidade de conhecê-la por fora e a história foi explicada pelo guia cultural. Abaixo, na Figura 27, podemos visualizar a casa.

**Figura 27** – Casa Rosa em 2019



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Tivemos a explicação que a casa é preservada com sua antiga arquitetura e ainda moram pessoas dentro dela. Saímos da cidade e fomos em direção à zona rural onde se localiza o Engenho Corredor, aproximadamente, uns 15 minutos da cidade. Ao chegar no Engenho, os alunos ficaram encantados com a configuração do espaço. O guia cultural mostrou, inicialmente aos alunos, uma antiga senzala localizada ao lado da chegada, mantendo uma distância de 200 a 300 metros da Casa Grande. Observando esse contexto, os alunos puderam compreender o porquê de José Lins do Rego inserir personagens negros em suas narrativas, tendo em vista que, durante sua infância, conviveu com as negras que trabalhavam para seu avô e ouviu muito de suas histórias, readaptando-as para suas narrativas. Abaixo, na Figura 28, temos a representação da senzala.

**Figura 28** – Antiga senzala pertencente ao Engenho Corredor



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Seguindo o percurso orientado pelo guia cultural, chegamos à casa grande do senhor de engenho. Os alunos ficaram surpresos, sobretudo, quando adentramos à casa. O guia nos explicou que a casa deve ter mais de 150 anos, antes dela ser construída, o avô de José Lins morava em uma menor, que ainda existe e fica ao lado da casa grande, esta deve constar quase 200 anos. A casa, com estilo de fazenda, é rodeada por varandas e colunas grossas, por dentro, os quartos das mulheres eram próximos das salas, e os móveis, em sua maioria, ainda são os mesmos, literalmente uma viagem no tempo.

Os móveis são de estilos imperiais de madeira maciça. Tivemos acesso a uma parte da casa, como sala de jantar, sala de estar, dois quartos que possuíam duas portas, uma que dava para a sala de estar, e outra para o corredor que mantinha os outros quartos da casa, e, por fim, a cozinha. A outra parte da casa, onde ficava o quarto dos avós de José Lins do Rego e dos homens, foi modernizada por dentro para acomodar a família quando vem visitar nos dias atuais. A dona da casa é uma prima de José Lins do Rego que mora na capital João Pessoa, ao herdar as terras do engenho, ela restaurou a casa grande e a casa de purgar (armazém), para manter visitas e preservar a memória do lugar.

Os alunos acompanharam tudo atentamente, fazendo comentários sobre a casa e o seu tempo:

**Aluna 5:** Professora estou me sentindo como num cenário das novelas das seis da globo... É tudo muito lindo!

**Aluna 9:** É uma viagem no tempo... Queria poder tirar fotos<sup>11</sup>.

**Professora-pesquisadora:** Realmente é tudo muito lindo! Que bom pessoal que vocês estão achando tudo interessante... Prestem atenção em tudo... depois vamos escrever sobre.

<sup>11</sup> No comentário da aluna 9, quando ela diz: “Queria poder tirar fotos”, implica dizer que não foi permitido fotografar dentro da casa grande, é uma restrição que os donos, família de José Lins fazem. Desta forma, nada foi fotografado por dentro, nenhum cômodo da casa. Todas as fotos são externas.



A partir dessas falas, percebemos que os alunos se envolveram com o lugar, e como já tinham realizado a leitura dos trechos do livro e conhecido sobre o autor a partir das aulas em sala e na visita ao Museu José Lins Rego, conhecer o cenário onde o autor fez suas memórias trouxe mais realidade aos estudos de História Local. Falamos história mesmo envolvendo outra cidade que não é Juripiranga, pelo fato de a mesma ter surgido através de Pilar, além de pertencê-la como vila (distrito), por muito tempo. A história de Juripiranga e Itabaiana está conectada a de Pilar, assim como as histórias de outras cidades da mesorregião. Nas Figuras 29 e 30, respectivamente, podemos visualizar as imagens da antiga casa do avô de José Lins do Rego e da casa grande.

**Figura 29** – Casa antiga do avô de José Lins do Rego



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

**Figura 30** – Casa Grande do Engenho



**Fonte:** Acervo da professora-pesquisadora

Após a visitação da casa grande, o guia nos levou à casa de pulgar (armazém), local em que eram reservadas as comidas (verduras, frutas e cereais), além da fabricação de rapadura. Um espaço grande separado da casa grande e ao lado do Engenho onde faziam o processo de fabricação da cachaça e do melaço, e no qual trabalhavam as pessoas que cuidavam da parte dos serviços pertencente à casa grande. Na casa de pulgar ainda existem objetos da época, como as formas em madeira para a fabricação da rapadura e os pilões onde era produzido o açúcar. Porém, o que mais chamou a atenção dos alunos foi um buraco enorme no chão com paredes de tijolos. O guia nos informou que ali era o reservatório do açúcar. Na Figura 31, podemos ver as imagens que representam esse lugar.

**Figura 31** – Reservatório de açúcar no chão da casa de pulgar



Fonte: Acervo da professora-pesquisadora

**Figura 32** – Casa de purgar (armazém)



Fonte: Acervo da professora-pesquisadora



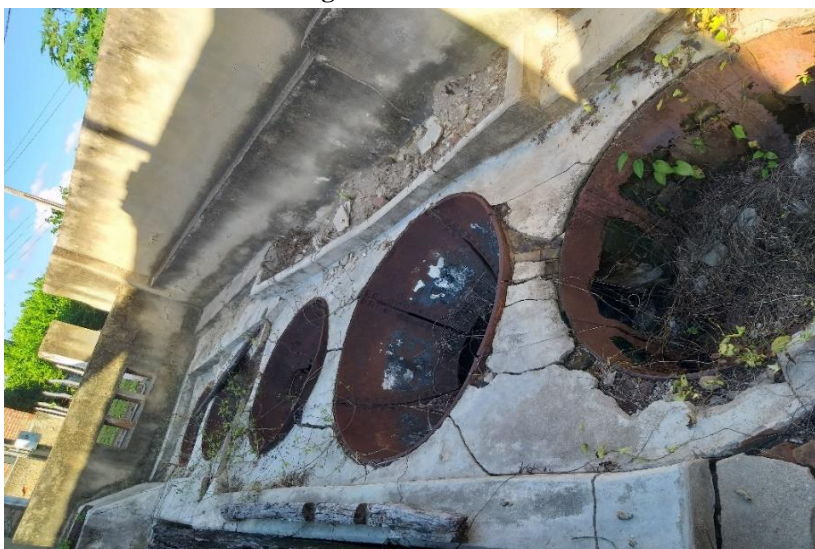
Saindo do espaço da casa de purgar, fomos às ruínas do engenho, lá os alunos puderam ver os caminhos por onde o caldo da cana percorria até chegar nas caldeiras. As caldeiras de ferro ainda existem, no entanto, não há mais teto no lugar, apenas as paredes. Vejamos na Figura 33:

**Figura 33** – Ruínas do Engenho de açúcar



Fonte: Acervo da professora-pesquisadora

**Figura 34** – Caldeiras



Fonte: Acervo da professora-pesquisadora

Nesta etapa da visita, o guia explicou aos alunos como era realizado o processo feito com a cana para atingir o objetivo da fabricação da cachaça, do açúcar e do melaço. Falou também sobre a decadência dos engenhos a partir da modernização das usinas. Neste momento, a professora-pesquisadora complementou a fala do guia, explicando que José Lins

do Rego, por vivenciar todo esse processo, escreveu o ciclo da cana-de-açúcar, narrativas que contam sobre a vida e sociedade do meio canavieiro, além de narrar o processo de decadência dos engenhos e de ascensão das usinas. O livro “Usina” abordado na sequência didática retrata exatamente esse processo de mudança dos engenhos para usinas.

Desse modo, a viagem proporcionou aos alunos uma experiência singular e um aprendizado contextualizado, uma vez que eles conseguiram inferir sobre os conceitos de lugar, memória, cultura canavieira e identidade nordestina. As formações da aprendizagem foram construídas e realizadas conforme planejado pela professora-pesquisadora a partir do modelo de sequência didática para aula de História Local, com o objetivo de efetivar a construção da identidade do aluno e consciência histórica. Portanto, este capítulo trouxe a análise de todas as atividades realizadas com os alunos, desde a leitura dos capítulos da obra até os exercícios de interpretação e os diálogos acerca do livro “Usina” (literatura regional), finalizando com as viagens.

Para finalizar o processo de atividades, e para registrar, de certo modo, o que foi aprendido durante as aulas, a professora-pesquisadora pediu aos alunos que fizessem uma produção de texto estilo artigo de jornal, para que pudessem publicar no Jornal da escola suas experiências, como também induzir os leitores a conhecer o escritor e suas obras, valorizando a História Local e Regional.

### **3.6 Jornal Escolar**

O momento inicial desta etapa final da sequência didática retomou os artigos escritos pelas equipes que formam a turma do 9º ano A, já citados neste capítulo. O jornal já existe na escola desde 2018, essa será sua quarta publicação, os professores utilizam o jornal como meio metodológico para aulas diferentes. A partir disso, a professora-pesquisadora aproveitou essa atmosfera de entusiasmo dos alunos e pediu os artigos e fotos que eles registraram para publicar no Jornal da Escola e servir como um memorial dos alunos, finalizando o processo da sequência. A impressão do Jornal foi feita na Secretaria Municipal de Educação, de forma simples, depois exposto nos quadros de aviso da escola.

Abaixo, nas Figuras 35 a 38, visualizamos como ficou o jornal do 9º ano A da escola Salvino.

Figura 35 – Capa do Jornal

# JORNAL SALVINO

---

QUARTA-FEIRA 12 DE JUNHO DE 2019      FUNDADO EM AGOSTO DE 2018      Ano 2 n. 4 Junho/2019

---

## APRENDENDO SOBRE HISTÓRIA LOCAL

### PROFESSORA UTILIZA LITERATURA REGIONAL DE JOSÉ LINS DO REGO COMO DOCUMENTO PARA AULAS DE HISTÓRIA LOCAL OBJETIVANDO A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO

A professora de história, Leonora Cavalcante, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, utilizou nossa escola para realizar uma pesquisa em história local mediante a literatura regional de José Lins do Rego, autor paraibano que enaltece as paisagens da nossa região e cultura canavieira. A pesquisa concedeu aos alunos a experiência de aula interdisciplinar que envolveu na aula de história o uso da literatura como fonte de pesquisa ao passado.

As aulas foram realizadas nas quartas-feiras com a sala cedida pelo professor titular da turma. A sequência foi planejada para não atrapalhar o seguimento das aulas normais nem atrasar os alunos. A sequência foi concluída em seis encontros que variavam de uma a duas aulas e as viagens realizadas aos sábados.

As viagens consistiram em tornar a sequência mais prazerosa, além de trazer aos alunos o conhecimento da consciência histórica e de quão importante é a preservação da memória.



Professora-pesquisadora

Fonte: Acervo da professora-pesquisadora

Figura 36 – Colunas escritas pelas equipes do 9º ano A

2

**Notícias**

*O livro Usina e sua representação*

Durante nossa leitura do livro Usina, conseguimos entender coisas importantes. Ler é sempre bom. Mas estamos escrevendo para você que nunca leu o livro. Usina fala sobre um senhor de engenho que tem o sonho de mudar de vida e transformar seu engenho em usina. E assim ele o fez. A história conta todo o processo de transformação e a mudança de vida do usineiro quando se tornou rico. Ele gostava muito de ostentar, se exibia com um carro bom da época. Ele disputava qual era a melhor usina, a dele ou a do vizinho chamada São Félix.

A população sofria muito com o crescimento da usina, eles não podiam plantar nada para eles, as terras eram da usina e tudo tinha que ser cana. Com o tempo e as invenções de modernização da usina o dr. Juca vai tendo problemas e acaba perdendo tudo. O dinheiro acabou, ficou doente e ainda veio uma enchente do rio Paraíba, mesmo rio paraibinha que atravessa o nosso sítio barra.

Com isso a história acaba. E o que a leitura representou pra gente, foi muito bom. Saber que a cana faz parte daqui há tanto tempo foi muito legal.

*Colunistas: Equipe 1*

*Vida e Obra de José Lins do Rego*

O autor José Lins do Rego Cavalcanti, nasceu em Pilar-PB no Engenho Corredor zona rural de Pilar-PB, no ano de 1901 do dia 03 de Junho. Perdeu sua mãe ainda criança e foi criado pelo avô paterno. Estudou em Itabaiana, João Pessoa e Recife.

Na sua infância convivia muito com os moleques negros da bagaceira, pelos campos e canaviais todos os seus livros são baseados nas memórias de sua infância.

Seus livros são caracterizados pelo estilo regionalista, pois trata muito do espaço, de lugar, e paisagem. Seus livros foram traduzidos em muitas linguas. Na cidade de Pilar existe uma praça com seu nome, uma fundação com o nome Menino de Engenho, sua primeira obra publicada em 1932.

O livro que utilizamos em sala se chama Usina e foi publicado em 1936, ele faz parte do ciclo da cana de açúcar. José Lins do Rego é um ator muito importante para a Paraíba e o Nordeste.

*Colunistas: Equipe 2*

*Relação Juripiranga e Pilar*

A nossa cidade Juripiranga tem muito haver com Pilar. Foi distrito por muito tempo da cidade Pilar. Pilar é uma das cidades mais antigas da Paraíba onde até Dom Pedro imperador do Brasil passou. Falar sobre essa relação é muito interessante para nós.

Começamos a compreender melhor ao visitar a cidade na semana cultural que acontece a 21 anos em homenagem a José Lins do Rego.

Depois de Juripiranga emancipada de Pilar em 1962, aos poucos a cidade foi perdendo o vínculo. Antes de emancipada, tudo da cidade era resolvido em Pilar, os votos das eleições mesmo depois de emancipada eram contados lá.

Nossa história foi fundada a partir de Pilar, muito embora tão antiga, economicamente hoje em dia se encontra praticamente igual as cidades que foram seus distritos.

*Colunistas Equipe 3*



Fonte: Acervo da professora-pesquisadora



**Figura 37 – Colunas escritas pelas equipes e pela pesquisadora**

**Visita ao Engenho Corredor**

A viagem ao engenho corredor que fica na nossa cidade vizinha Pilar foi o melhor momento das nossas aulas. A professora levou a gente primeiro para conhecer a Fundação Menino de Engenho que fica logo na entrada de Pilar. Lá tem muitos quadros com imagens de José Lins do Rego, vimos até a edição de Menino de Engenho que foi do próprio, tava bem velhinha. Da calçada da fundação vimos a "casa rosa" que morava as tias que ajudaram a cuidar dele e ela ainda é rosa.

Depois a gente foi para o engenho, nossa foi muito bom! Foi muito legal! A gente sentiu como se tivesse numa novela da globo. A guia nos falou que lá tem aproximadamente 200 anos, nossa, muito tempo.

O casarão é lindo! Tem fotos do avô dele, tem ele pequeno, tem uma geladeira do anos 60, do lado da casa tem onde faziam o açúcar e a cachaça.

A gente amou muito! Vale muito a pena conhecer e descobrir que nossa cidade Juripiranga pertenceu a Pilar e que tudo isso também faz parte da gente.

*Colunistas Equipe 4*

**Visita ao Museu José Lins do Rego**

A viagem foi um máximo! O Museu de José Lins do Rego fica no Centro Cultural de João Pessoa. Lá conhecemos um pouco de sua vida, o escritório dele e os livros dele foram montados do mesmo jeito que era em sua casa no Rio de Janeiro. Vimos muitas fotos de sua família. Lá descobrimos ele gostava muito de futebol e seu time do coração foi o flamengo. Para você que nunca foi ao museu de José Lins do Rego, nossa turma do 9º ano A da Escola Salvino, damos a dica que vá. Foi muito bom saber que alguém tão importante é paraibano.

*Colunistas Equipe 5*

**Cultura por Profª. Leonora Cavalcante  
XXI Semana Cultural de Pilar-PB**

Durante os dias 01, 02 e 03 de junho o evento artístico e cultural, homenageia José Lins do Rego, mostrando e ressaltando sempre sua contribuição para a literatura regional. O evento contemplou grandes apresentações. A XXI Semana Cultural José Lins do Rego tem a realização da Fundação Menino de Engenho e da Prefeitura Municipal de Pilar.

Os alunos do 9º A e B da Escola Salvino presenciaram esse evento rico para a história, literatura e cultura local/regional.

Os três dias contaram com apresentações das escolas, exposições sobre vida e obra de José Lins do Rego, feira de artesanato, comida típica, palestras.



Alunos no Engenho Corredor



Juripiranga-PB



Pilar-PB

Fonte: Acervo da professora-pesquisadora

**Figura 38 – Parte final do jornal do 9º ano A**

**Jornal**

As colunas deste Jornal Escolar, abrangem sempre, eventos da própria escola e região, ou seja, todas as atividades aplicadas aos alunos. Esta é 4ª edição do jornal deste ano. A ideia para que a Escola possuísse m jornal veio dos coordenadores como uma atividade lúdica para os alunos. Funciona da seguinte forma, os alunos precisam escrever pequenos artigos sobre os acontecimentos da Escola, que passam pelo Editor chefe, no caso o aluno 13 do 9º ano A, sendo ele orientado por um professor, geralmente de português. Esta edição foi orientada pela professora-pesquisadora como também montado.

**Passatempo Caça-Palavras**

D	C	A	N	E	N	L	O	P	R	A
N	A	M	A	N	L	U	C	Q	E	B
H	L	Z	V	G	P	F	L	A	G	E
I	D	X	W	E	Q	G	H	X	O	R
L	U	S	I	N	A	Ç	U	C	A	R
A	P	A	Z	H	B	A	L	B	R	O
S	T	U	B	O	M	J	E	S	U	S
C	O	L	B	Y	H	O	J	P	U	I

Resp. usina, açúcar, bom Jesus e engenho.

**Indicações de Livros:**

José Lins do Rego em Quadrinhos do autor BURITI, Iranilson.  
Açúcar Amargo do autor PUNTEL, Luiz.  
Menino de Engenho do autor REGO, José Lins.

**Na feira de artesanato da XXI Semana Cultural**  
1 Coordenador do Salvino, 2 Guia Turística de Pilar, 3 Professora de História, 4 Coordenadora do Salvino e 5 Professora-pesquisadora.

**Entrada da feira de artesanato.** A esquerda, no chão, uma foto do autor paraibano José Lins do Rego.

**Pintura de José Lins do Rego** exposta na exposição da XXI Semana Cultural, no prédio da Fundação Menino de Engenho.

**Alunos no Museu José Lins do Rego** em João Pessoa.

Fonte: Acervo da professora-pesquisadora

A importância desta sequência didática foi revelada através da satisfação dos alunos em participar de aulas diferenciadas, que os transformavam em sujeitos da aula com várias funções: leitores, colunistas de jornal, viajantes e aprendizes. A História Local e Regional, em nossa perspectiva, possibilitou o entendimento do lugar Juripiranga. Desse modo, vimos que, para compreender esta história, deveríamos procurar onde a região se iniciou, neste caso, começou pela cidade de Pilar-PB, que está entre as cinco primeiras vilas da Paraíba com a idade de 261 anos. A cidade de Pilar possuía alguns distritos, dentre eles, Juripiranga. Portanto, para falar sobre a história de Juripiranga, temos que falar antes sobre Pilar.

A Literatura Regional de José Lins do Rego foi essencial para mantermos o elo com o passado, os alunos puderam ler sobre algo que representava sua região, sua paisagem, até mesmo, um pouco do cotidiano, apesar da narrativa se passar em outra época. Desse modo, a Literatura Regional se tornou mais valorizada e conhecida pelos alunos, pois promoveu aulas prazerosas e informações que formaram os alunos em prol do conhecimento e construção da identidade paraibana.

Nossa pesquisa, fundamentada em vários teóricos que discutem sobre História Local e Regional, Literatura, Memória, Identidade e Educação, se mostra relevante a partir da construção da identidade do aluno e planejamento de aulas do professor, resultando no objetivo de uma melhor aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, vimos que a Literatura Regional pode ser um elemento de auxílio ao professor de História para aulas de História Local. As teorias implementadas pela História Cultural e pela Nova História dizem respeito às novas possibilidades de pesquisas no campo da História.

O conceito de História Cultural que utilizamos combina as abordagens da Antropologia e da História, quando as tradições da cultura popular e interpretações culturais determinaram o conceito de representação dentro da pesquisa histórica. Desta forma, também se encontra a Nova História, uma corrente historiográfica surgida na década de 1970, correspondente à terceira geração da Escola dos Anales, que possibilitou às pesquisas de História um trabalho com diferentes fontes documentais. Portanto, na perspectiva da História no plano acadêmico e escolar, percebemos que, embasados nestes contextos, temos um amplo panorama para trabalhar em sala de aula com fontes culturais como a Literatura Regional.

O ensino de História Local para alunos do Ensino Fundamental anos finais é indispensável para construir, através da memória e do cotidiano, a representação e valorização da sua própria história e cultura. Este trabalho utilizou a memória do lugar, descrita na obra “Usina”, de José Lins do Rego, como apoio aos temas transversais trabalhados em sala de aula, geralmente, utilizados de forma teórica na academia, com pouca frequência no ambiente pedagógico, contribuindo para uma tentativa de diminuição da fronteira entre a academia e a escola, com estudos e práticas que favoreçam o ensino na Educação Básica.

Nossa pesquisa esteve fundamentada nas questões teóricas pouco articuladas e testadas, tais como: a História Local/Regional; a Literatura em diálogo com o ensino de História, geralmente utilizado no âmbito acadêmico e não escolar; memória; identidade e cultura. O nosso *corpus* de análise contemplou o ensino da História Local através da Literatura Regional, aplicados em uma sequência didática de um mês de duração. Na aplicação da sequência, foram contatados pontos de aprendizagem sobre a importância da memória para construção da identidade dos alunos e um dos meios para isto é o caminho da História Local.

A aplicação da sequência didática levou em consideração aspectos metodológicos que trouxeram, sobretudo, a vivência dos alunos, valorizando o que eles conhecem sobre os conteúdos trabalhados. A sequência didática foi aplicada e dividida em quatro partes: motivação, introdução, leitura e interpretação. Este modelo de sequência é intitulado de sequência literária básica e busca tornar a leitura de um livro mais prazerosa e diferente. Além



das atividades em sala e leitura de trechos da obra, os alunos participaram de aulas de campo para facilitar o conhecimento com o passado, podendo tocar e ver o lugar de inspiração para a obra literária que registra o passado.

Esta pesquisa trouxe possibilidades ao ensino de História Local/Regional através da Literatura como campo de ensino e aprendizagem. A Literatura Regional como mediação para o ensino de História trouxe a reflexão dos alunos pós-leitura, o que consideramos essencial, pois é através disto que podemos considerar traços de entendimento dos alunos, além do início da formação da identidade cultural como sujeitos. Muito do que os alunos leram formava o retrato da paisagem do lugar, José Lins do Rego, autor regionalista e memorialista, narra em suas obras literárias o social, o cotidiano, e o cenário de uma sociedade baseada na economia açucareira, além de articular com a cultura nordestina, promovendo o autorreconhecimento dos alunos. Assim, houve a evidenciação de que a Literatura Regional pode dialogar com a História e servir de apoio documental para investigação do passado no plano de aulas da disciplina de História a partir do contexto de História Local.

Dessa forma, podemos dizer que o objetivo geral da nossa pesquisa foi alcançado, uma vez que se desenvolveu uma proposta didática que levou em consideração o método interdisciplinar como objeto de mediação entre a História Local e a Literatura, a partir de atividades e leituras que pudessem contribuir para a aprendizagem e aceitação dos alunos em relação ao conteúdo e tema trabalhados. Isso pode ser comprovado através dos registros escritos em atividades pelos alunos em suas produções textuais para o Jornal da Escola, que coincidem com suas falas registradas pela professora-pesquisadora no diário de campo. A partir disto, formulamos um produto final chamado de Guia do Professor, que contém instruções para trabalhar a Literatura Regional em aulas de História Local, com atividades e sugestões de leituras como material de apoio aos professores da escola *lócus* da pesquisa.

Este produto final é requisitado pelo Mestrado Profissional em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba. O guia ficou mais amplo do que a própria sequência didática, isto se explica a partir das observações feitas pela professora-pesquisadora, que percebeu a possibilidade de trabalhar com mais leituras e atividades. Dessa forma, o professor que utilizar o Guia terá opções de escolha de leituras e atividades para trabalhar com os alunos.

Nessa conjuntura, compreendemos que as contribuições da nossa pesquisa vão além do contexto pesquisado, uma vez que as observações e intervenções com as atividades interdisciplinares podem servir de apoio pedagógico para as comunidades escolares que pertencem ao cenário da nossa região, haja vista que a cidade dos alunos, Juripiranga-PB,

possui um elo de passado com a cidade vizinha Pilar-PB, de modo que a história de uma dependeu da outra.

Dessa maneira, percebemos que o objetivo de implementar a História Local/Regional no planejamento do professor do Ensino Fundamental dos anos finais se faz importante como método de representação cultural, formação da identidade do aluno, além do conhecimento do passado do seu lugar, fazendo o aluno entender, de certa forma, a importância da disciplina de História.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, G. **O pensamento burguês no Seminário de Olinda**. Ibitinga: Humanidades, 1993.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADA, M. F. Memória sobre a reforma de estudos da capitania de São Paulo. *In*: RIBEIRO, J. Q. **A memória de Martim Francisco sobre a reforma de estudos da capitania de São Paulo**. Separata do Boletim LIII da FFCL/USP. São Paulo, n.5, 1945.
- ANDRADE, António Alberto Banha de. **A reforma pombalina dos estudos secundários no Brasil**. São Paulo: EDUSP/Saraiva, 1978.
- AZANHA, José Mário Pires. **Uma ideia de pesquisa educacional**. São Paulo: EDUSP – FAPESP, 2010.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5.ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BASSANEZI, Pinsky Carla. **Novos Temas nas aulas de história**. 1. ed. São Paulo: Contexto 2010.
- BERUTTI, Flávio. **Ensinar e aprender história** – Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e Métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez 2009.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História** – novas perspectivas, São Paulo: UNESP, 1991.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB / Lei nº 9.394/96)**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Ministério da Educação: Brasília, 1998.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC. 4ª versão. Brasília, DF, 2018.

BRODEBECK, Marta de Souza Lima. **Vivenciando a história: metodologia de ensino da história.** Curitiba: Base Editorial, 2012.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura.** 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Conversas e controvérsias: o ensino de história no Brasil (1980 – 1998).** Passo Fundo: UPF, 2001.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação escola e Cultura(s): construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação,** 2003.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CASTRO, Paula Almeida de. **Tornar-se aluno: identidade: perspectivas etnográficas.** Campina Grande: EDUEPB, 2015.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e Consciência histórica.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil.** 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COUTINHO, Edilberto. **O Romance do açúcar.** Rio de Janeiro: J. Olympio: INL, 1980.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Tradução de Mara Manuela Galhardo. Editora Bertrand Brasil, 1990.

CHIAPPINI, Ligia. **Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura.** São Paulo: USP, 1995.

D'ANDREA, Moema Selma. **A Tradição re(des)coberta.** Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

DENCKER, Ada de Freitas M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** 4. ed. São Paulo: Futura, 2000.

DUBAR, C. **Para uma teoria sociológica da identidade.** Em A socialização. Porto: Porto Editora, 1997.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes médicas, 1993.

GALEFFI, Dante. O rigor nas pesquisas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. *In*: MACEDO, Roberto Sidnei (org.). **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciência humana**. Salvador: EDUFBA, 2009.

GIARDINETTO J.R. B. Afinal, **O Que Se Entende Por Vida Cotidiana, Saber Cotidiano e Escolar**. UEP, Paraná, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *In*: **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história**. 13. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

Haidar, M. de L. M. **O Ensino Secundário no Brasil Império**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

HALL, Stuart, 1932-2014. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro, Lamparina, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. SP: Centauro, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

MARTINS, Marcos Lobato. **História Regional**. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de História**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTINS, Jorge Santos. **O trabalho com projeto de pesquisa: do ensino fundamental ao médio**. Campinas: Papyrus, 2001.

MATTOS, CLG; CASTRO, PA. **Etnografia e Educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. (Coleção temas sociais)

MONTEIRO, Charles. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. **MÉTIS: história e cultura**, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006.

OLIVEIRA, Regina Soares de. **A reflexão e a prática no ensino de história**. São Paulo: Blucher, 2012.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

OLIVEIRA NETTO, Alvim Antônio de. **Metodologia da Pesquisa Científica Guia Prático para trabalhos acadêmicos**. 3. ed. Florianópolis: Visual Books, 2008.

PAGNAN, Celso Leopoldo. **Manual de Literatura Brasileira: Desfaio do saber no ensino fundamental**. 1º ed. São Paulo: Rideel, 2011.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2. ed. Caixas do Sul: Educ, 2008.

PINTO, Júlio Pimetel. **Ensino de história: diálogos com a literatura e a fotografia**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

REGO, José Lins. **Usina**. 20. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2013.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**. Araxá/MG, n. 04, maio de 2008.

SAVIANE, Demerval. **Escola e Democracia**. Ed. Autores Associados, São Paulo, 1997.

SANCHEZ FILHO, S. E. M. **Escritos Literários: Regionalismo**. Vitória da Conquista: UESB, 2009.

SELONK, Marcus José Takashi. **A inserção da História Local e Regional na Historiografia e sua abordagem na sala de aula**. UENP – Paraná, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SINACEUR, M. A. Questões de Interdisciplinaridade. **Rev. Inte Sci. Soci**. São Paulo, 1977.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Literatura e História no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

SOUZA, Miranda de. **Interdisciplinaridade**. Vertíces. v. 3. Rio de Janeiro, 2003.

THARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação de professores**. 11º ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa Ação**. São Paulo: Atlas, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre Artmed, 2004.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BARROS, José D'Assunção. **A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos**. 2011. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/%20cadernohistoria/article/viewFile/987/2958>. Acesso em: 15/10/2018

CAIMI, Flávia Eloísa. **A História na Base Nacional Comum Curricular: pluralismo de ideias ou guerra de narrativas**. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistadolhiste/article/download/65515/39462>. Acesso em: 13/02/2019.

CUNHA, Luiz Antonio. **O legado da ditadura para a educação brasileira**. -2104- Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v35n127/v35n127a02.pdf>. Acesso em: 29/04/2019.

FALCON, Francisco José Calasãs. **As reformas pombalinas e a educação e seu impacto sobre a colônia**. 1992. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/29223/16158>. Acesso em: 25/04/2019.

FALCON, Francisco José Calasãs. **História cultural e história da educação**. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a11v11n32.pdf>. Acesso em: 13/02/2019.

FARIA, Ederson de.; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores**. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/04.pdf>. Acesso em: 05/12/2018

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Uma questão de tempo: os usos da memória nas aulas de história**. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n82/09.pdf>. Acesso em: 27/05/2019.

SANTOS, Evyllaine Matias Veloso Ferreira. **O ensino de geografia mediado por folhetos de cordel**. 2018. Dissertação (Mestrado em Formação de Professores) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/browse?type=author&value=Santos%2CEvyllaine+Matias+Veloso+Ferreira>. Acesso em: 04/12/2018.

SANTOS, J. J. PCNS e o ensino de história: uma análise reflexiva. **Revista Vox Fases**, v. 3, p. 1-7, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6945538-Pcns-e-o-ensino-de-historia-uma-analise-reflexiva.html>. Acesso em: 10/04/2019.

SAVIANE, Dermeval. **O legado educacional do regime militar**. -2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a02v2876.pdf>. Acesso em: 29/04/2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história**. 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso em: 10/10/2018

VILLAS-BÔAS, Lúcia. **História, memória e representações sociais: por uma abordagem crítica e interdisciplinar**. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n156/1980-5314-cp-45-156-00244.pdf>. Acesso em: 21/01/2019

## **APÊNDICES**



## PERFIL DO CORPO DOCENTE – ENSINO DE HISTÓRIA

Lócus da Pesquisa: Escola Municipal de Ensino Fundamental Salvino João Pereira

PROFESSOR(A) \_\_\_\_\_

DATA DE NASCIMENTO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### 1. FORMAÇÃO:

CURSO DE GRADUAÇÃO	DE	ANO DE CONCLUSÃO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO
LICENCIATURA EM:			
_____		_____	_____
CURSO DE GRADUAÇÃO	PÓS	ANO DE CONCLUSÃO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO
Especialização	em:		
_____		_____	_____
Mestrado	em:		
_____		_____	_____
Doutorado	em:		
_____		_____	_____

### 2. TEMPO DE EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA:

( ) Menos de dois anos.

( ) De dois a cinco anos.

( ) De seis a dez anos.

( ) Mais de dez anos.

### 3. PARTICIPA DE ATIVIDADES DE ATUALIZAÇÃO OU CAPACITAÇÃO?

( ) SIM ( ) NÃO

### 4. CARGA HORÁRIA SEMANAL

\_\_\_\_\_

### 5. POSSUI OUTROS VÍNCULOS?

( ) SIM ( ) NÃO

### 6. QUANTIDADE DE TURMAS QUE LECIONA NA ESCOLA SALVINO JOÃO PEREIRA? \_\_\_\_\_

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS DOCENTES DE HISTÓRIA**

**Lócus da Pesquisa:** Escola Municipal de Ensino Fundamental Salvino João Pereira

1. Por que ensinar história – que finalidade (s) tem o Ensino de História?
2. Como você seleciona os conteúdos a serem ensinados? Os alunos participam da seleção? De que forma?
3. Você realizou estudos sobre a história local? De que tipo? Quando?
4. O que significa para você trabalhar em sala de aula com temáticas:
  - a) Locais;
  - b) Regionais;
  - c) Nacionais;
  - d) Internacionais;
5. Você considera interessante o trabalho interdisciplinar na sala de aula?
6. Você já utilizou a literatura como apoio para as aulas de história?
7. Se já utilizou a literatura, qual obra, autor você trabalhou?
8. Se já, como você avalia essa experiência?
9. Como os alunos reagem quando trabalham com a interdisciplinaridade, principalmente cultural?
10. Você realiza (já realizou) trabalhos de pesquisa com seus alunos em relação história local/regional?
11. Como os alunos reagem a esse tipo de trabalho?
12. Quais dificuldades você identifica no trabalho com a história local/regional?
13. Quais sugestões você faria para melhorar o ensino de história?
14. Como você reorganizaria o currículo de História da Rede Municipal de Juripiranga para ter uma melhor abordagem das relações entre aspectos locais e culturais no processo histórico?
15. Você trabalha com a BNCC?
16. Em sua compreensão o que é “Local”?
17. Você considera que o ensino de história deve se tratar principalmente de acontecimentos locais/regionais? Por que?
18. Que problemas você identifica no ensino de história da atualidade?
19. O ensino de história local pode contribuir para a melhoria do ensino da história hoje?

## **ANEXOS**

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** LITERATURA REGIONAL: HISTÓRIA LOCAL E IDENTIDADE CULTURAL JOSÉ LINS DO REGO EM SALA DE AULA

**Pesquisador:** LEONORA CAVALCANTE DE LIMA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 07302918.1.0000.5182

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.306.104

**Apresentação do Projeto:**

O projeto apresenta uma proposta interdisciplinar entre o campo de História e de Literatura, partindo da análise da obra "Usina" de José Lins do Rego, utilizando-a como fonte documental, que possibilita aos alunos construir representações, associando a obra a fatos dos seus cotidianos. Enfatiza a importância do ensino da História local, especialmente na etapa do ensino fundamental II. Consiste em pesquisa qualitativa nos moldes da pesquisa-ação a ser desenvolvida em uma escola municipal da cidade de Juripiranga.

**Objetivo da Pesquisa:**

Discutir a inclusão do ensino de história local/regional, no ensino fundamental II, através da relação interdisciplinar com a literatura de José Lins do Rego. Evidenciando a importância do ensino de história local e regional com seus aspectos socioculturais, no plano de ensino escolar do professor de história da educação básica de Juripiranga. Além de refletir sobre a identidade cultural que pode ser construída nos alunos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisadora afirma que há riscos mínimos, tais como constrangimento, inibição, que são comuns mesmo em atividades cotidianas. Todavia, compromete-se a adotar as medidas previstas nas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016.

**Endereço:** Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário  
**Bairro:** Bodocongó **CEP:** 58.109-753  
**UF:** PB **Município:** CAMPINA GRANDE  
**Telefone:** (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA  
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 3.306.104

Como benefícios, destacam-se contribuições para o conhecimento das práticas, concepções e representações do ensino de história local e regional com o intuito de contribuir com a construção da identidade cultural dos alunos, como também pelo incentivo da constante formação dos professores no quesito de ensino.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa apresenta fundamentação teórico-metodológica coerente e consistente, relevância e pertinência, levando-se consideração a ponderação entre riscos e benefícios, bem como exequibilidade.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A apresentação dos termos encontra-se de acordo com a lista de checagem para protocolo de pesquisa conforme exigência da plataforma brasil, prevista na Resolução nº 466/2012.

**Recomendações:**

Apresentar relatório final por meio da Plataforma Brasil.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Considerando a consistência teórica-metodológica, bem como sua exequibilidade, somos de parecer favorável à sua realização.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1214065.pdf	10/04/2019 15:21:11		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_LEONORA.pdf	10/04/2019 15:19:34	LEONORA CAVALCANTE DE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TERMO_DE_ASSENTIMENTO.pdf	10/04/2019 15:14:38	LEONORA CAVALCANTE DE LIMA	Aceito
Outros	TERMO_AUTORIZACAO_GRAVACAO_VOZ.pdf	10/04/2019 15:11:47	LEONORA CAVALCANTE DE LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DE_CONCORDANCIA_ORIENTADOR.pdf	07/02/2019 00:43:17	LEONORA CAVALCANTE DE	Aceito

**Endereço:** Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário  
**Bairro:** Bodocongó **CEP:** 58.109-753  
**UF:** PB **Município:** CAMPINA GRANDE  
**Telefone:** (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA  
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 3.306.104

Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DE_CONCORDANCIA_ORIENTADOR.pdf	07/02/2019 00:43:17	LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DO_PESQUISADOR.pdf	07/02/2019 00:41:40	LEONORA CAVALCANTE DE LIMA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_LEONORA.pdf	24/09/2018 08:44:54	LEONORA CAVALCANTE DE LIMA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_DE_USO_FOTOS_VIDEOS.docx	03/09/2018 23:52:51	LEONORA CAVALCANTE DE LIMA	Aceito
Outros	TERMO_AUTORIZACAO_INSTITUCIONAL.docx	03/09/2018 23:45:17	LEONORA CAVALCANTE DE LIMA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAMPINA GRANDE, 07 de Maio de 2019

Assinado por:

Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário  
**Bairro:** Bodocongó **CEP:** 58.109-753  
**UF:** PB **Município:** CAMPINA GRANDE  
**Telefone:** (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br



**GOVERNO  
MUNICIPAL**

**PREFEITURA DE JURUPIRANGA**



ESCOLA MUNICIPAL DE ENS. INF. E FUND. SALVINO JOÃO PEREIRA.


MEC/INEP: 25088912 CNPJ: 01.926.152/0001-82

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

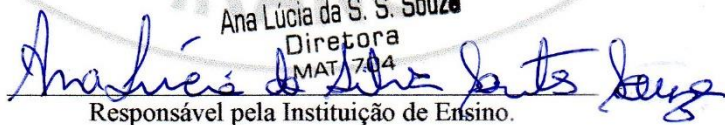
Estamos cientes da intenção da realização do projeto intitulado “LITERATURA REGIONAL: HISTÓRIA LOCAL E IDENTIDADE CULTURAL JOSÉ LINS DO REGO EM SALA DE AULA” desenvolvido pela aluna LEONORA CAVALCANTE DE LIMA, do programa de pós-graduação em formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob orientação do professor Dr. Luciano Barbosa Justino.

Juripiranga – PB, 28 de junho de 2018.

Esc. Mun. Ens. Inf. e Fundamen  
Salvino João Pereira  
Lei de Criação nº 371/2006 05/09/  
Resolução de Funcionamento do CA  
nº 01/2007 Parecer nº 01/2007

  
Gestão Escolar

Ana Lúcia da S. S. Souza  
Diretora  
MAT 704

  
Responsável pela Instituição de Ensino.




## DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA


Título da pesquisa:

**LITERATURA REGIONAL: HISTÓRIA LOCAL E IDENTIDADE CULTURAL  
JOSÉ LINS DO REGO EM SALA DE AULA**

Eu, **Luciano Barbosa Justino**, professor do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) da Universidade Estadual da Paraíba, portador do RG 1444-481, CPF 019.700.574-83, declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em acompanhar seu desenvolvimento no sentido de que se possam cumprir integralmente as diretrizes da Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande-PB, 01 de Fevereiro de 2019.

  
Leonora Cavalcante de Lima  
Pesquisador(a) Responsável

  
Luciano Barbosa Justino  
Orientador(a)



**GUIA DO PROFESSOR**

**HISTÓRIA LOCAL  
IDENTIDADE  
E  
LITERATURA**

**ORGANIZADORES  
LEONORA CAVALCANTE DE LIMA  
LUCIANO BARBOSA JUSTINO**

**CAMPINA GRANDE  
2019**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES

## **HISTÓRIA LOCAL, IDENTIDADE E LITERATURA**

**Elaborado por:**

Leonora Cavalcante de Lima

**Coordenado por:**

Luciano Barbosa Justino (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba

Campina Grande – Paraíba  
2019

# HISTÓRIA LOCAL, IDENTIDADE E LITERATURA

**Desenvolvido por:**

**Leonora Cavalcante de Lima**



**Atualmente, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba e Professora licenciada no curso de História pela Universidade Federal de Campina Grande.**

**Luciano Barbosa Justino**



**Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco e Licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.**

# Aos Professores

Este guia foi elaborado com a finalidade de auxiliar o professor com um material de apoio para ensinar de forma interdisciplinar, aulas de história local/regional aos seus alunos, como uma proposta de trabalho complementar.

O guia está dividido em duas partes:

**Primeira parte:** expõe a proposta do guia para o ensino de história local/regional, descreve princípios norteadores, apresenta a metodologia e indicações de leitura para o professor.

**Segunda parte:** apresenta uma sequência didática para ensino de história local/regional através da literatura. Neste guia, a literatura proposta foi o livro Usina (1936) do autor paraibano José Lins do Rego. No entanto os professores podem se basear na metodologia usando quais e quantos autores e romances regionais desejem.

## A SEQUÊNCIA DIDÁTICA:

É mais uma modalidade de abordagem de conteúdos e desenvolvimento de habilidades. Nesta sequência proposta, definimos quais conteúdos serão trabalhados e seus respectivos objetivos. No encaminhamento da sequência, o professor encontrará orientações didáticas e estratégias, passo a passo, para contemplar os objetivos definidos.

Desejamos um bom trabalho durante o desenvolver desta sequência didática. Também reiteramos que, apesar de fazer parte de uma sequência didática, os textos e atividades poderão ser realizados da forma que o desejarem, como em projetos didáticos de intervenção que possam lhe auxiliar.

Cordialmente,  
Os autores.

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

### PARTE I

1. Objetivos\_\_\_\_\_ 8
2. Ensino de História local/regional\_\_\_\_\_ 8
3. História e literatura: proposta interdisciplinar\_\_\_\_\_ 9
4. José Lins do Rego e a Obra Usina\_\_\_\_\_ 9
5. Uma breve história da Paraíba\_\_\_\_\_ 11

### PARTE II

6. Indicadores de Aprendizagem\_\_\_\_\_ 16
7. Sequência Didática\_\_\_\_\_ 17
- Bibliografia\_\_\_\_\_ 25

# INTRODUÇÃO

O professor de história enfrenta muitos desafios na sala de aula. O maior dele talvez venha da dificuldade de leitura que alguns alunos apresentam. Como ensinar uma disciplina que a leitura é essencial se os alunos não conseguem descobrir o prazer da leitura e as possibilidades de viajar no passado através da literatura? Pinto (2012), afirma que o diálogo entre literatura e história é um dos mais eficazes métodos que o professor pode usar em sala de aula. A interdisciplinaridade deve ser trabalhada com os alunos para a obtenção de uma aprendizagem diversificada e moderna.

Este Guia do Professor é originado através de um projeto de pesquisa, em nível de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba. Desta forma, este Guia de orientações didáticas contendo uma sequência literária básica (sequência didática), são produtos desta pesquisa. A proposta aqui definida, é sobre aulas interdisciplinares como o mecanismo central que movimenta a literatura regional como fonte/documento de busca ao passado para a história local. Utilizamos a obra literária Usina de José Lins do Rego para dialogar com a história e assim apresentar as representações identitária e culturais aos alunos. No entanto, o professor que utilizar este guia e desejar trabalhar com outras obras literárias seguindo os modelos de atividades que sugeridos na sequência didática podem se sentir à vontade.

A reflexão aqui apresentada, é sobre a importância de os estudos envolverem as questões locais e cotidianos dos sujeitos alunos para a sala de aula. Fomentando a identidade cultural do aluno a partir dos conceitos de memória, história local e regional.

Este trabalho visa auxiliar os professores de história e disciplinas afins, a melhorar a qualidade de suas aulas com uma ideia que dinamizem suas aulas.

# PARTE 1

# 1.OBJETIVOS

## **Objetivo Geral:**

Promover o conhecimento da história local/regional para fortalecimento da identidade cultural dos alunos, a partir da obra Usina de José Lins do Rego.

## **Objetivos Específicos:**

- Verificar a percepção dos alunos na ligação dos textos da narrativa, com o social e a paisagem da região da zona da mata paraibana.
- Observar por meio de roda de discussões se houve representações identitárias dos alunos a partir da leitura do livro.
- Promover reflexões sobre a importância das representações via literatura, cujas narrativas remontam representatividades do cotidiano de vida dos alunos.
- Fomentar a importância da interdisciplinaridade no ensino de história.

## 2. ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL/REGIONAL

Nos últimos tempos, a história local e regional ganhou mais significado no espaço acadêmico. As pesquisas realizadas nas universidades acerca deste tema vêm demonstrando o quanto a região e o local possibilita tornar o ensino de história na educação básica mais significativo e voltado para a realidade de vida dos alunos.

Mesmo que esta evolução, ainda seja tímida não podemos negar que é algo inovador e de grande importância para o saber histórico entre os educadores do Brasil. De acordo com Silva (2013), estudos de história local e regional nem sempre tiveram importância no mundo acadêmico Isso só foi possível graças a uma nova concepção historiográfica que surgiu na França em 1929 denominada “Nova História”. A partir disto nota-se o quanto é importante abordar em sala de aula temas relacionados a essa concepção historiográfica, uma vez que os livros didáticos e módulos privilegiam apenas um tipo de



conhecimento histórico, universalizando em temas de História Geral e do Brasil, muitas vezes sem significado para os alunos.

### **3.HISTÓRIA E LITERATURA: PROPOSTA INTERDISCIPLINAR**

O texto literário é consideravelmente novo no campo da pesquisa histórica. De acordo com Albuquerque Junior (2007), a relação história e literatura é um dos temas mais recorrentes nos últimos anos pelos historiadores eles debatem que a narrativa é uma possibilidade da qual se pode construir uma noção de temporalidade articulando-a ao passado.

Em nossa perspectiva a relação história e literatura está dentro das questões de interdisciplinaridade. Voltados para estudos direcionados a educação básica, a interdisciplinaridade é um mecanismo que promete dialogar com várias ciências ao mesmo tempo, uma dando auxílio a outra, demonstrando que dentro de um assunto pode ser trabalhada várias disciplinas objetivando uma aprendizagem mais diversa.

Neste Guia, a história utiliza a literatura regional como documento que possibilita a pesquisa ao passado. Esse diálogo estabelece o conceito de representações em determinada realidade, portanto, passíveis de análise historiográfica. Sendo assim, estabelecidas como fontes de pesquisa em sala de aula para o professor e alunos.

### **4.JOSÉ LINS DO REGO E A OBRA USINA**

Neste Guia orientador, você professor tem como base de autor e obras regionalistas, o paraibano José Lins do Rego e sua obra Usina. A escolha do autor se justifica pela sua influência na região. Viveu em Pilar durante sua infância e adolescência. Neste período do início do século XX, a cidade de Pilar-PB era o polo principal da região possuindo alguns distritos inclusive a nossa cidade Juripiranga, conhecida na época como Serrinha.

José Lins do Rego nasceu em 03 de junho de 1901, perdeu sua mãe ainda criança, seu pai o entregou ao avô paterno e foi viver em um outro engenho de açúcar. No Engenho Corredor pertencente ao seu avô, José Lins do Rego viveu aventuras com os meninos da bagaceira, estudou na cidade de Itabaiana e na capital João Pessoa, até que chega seu tempo de faculdade e ele se muda para Recife para estudar Direito. Nesse período conhece Gilberto Freyre um sociólogo, historiador e escritor regionalista que influencia José Lins do Rego a terminar seu primeiro livro e publicar, livro intitulado “Menino de Engenho” de 1932. Com a influência do Manifesto Regionalista escrito por Gilberto, José Lins se caracteriza pelas suas narrativas memorialistas, quase biográfica. A maioria de suas obras são escritas a partir de suas memórias de infância no meio dos canaviais. A vida dele foi estabelecida em meio a cultura canavieira e isto é tão forte que ele escreveu cinco obras baseadas em suas memórias e vivências acerca deste tema que originou o ciclo da cana-de-açúcar no qual a obra Usina está incluída.

Usina data de sua publicação em 1936 do século passado. É baseado na paisagem e cotidiano de uma região que viveu e vive baseada na economia canavieira. Usina problematiza questões ambientais e a queda do engenho e a ascensão das usinas de açúcar, detalhando o processo de fábrica, da sociedade que precisa trabalhar para a usina além dos prejuízos que ela pode causar a natureza. A escolha deste livro se justifica pelo cenário que é descrito pelo autor, no caso a cidade de Pilar-PB e região, muitas cidades da narrativa existem até os dias atuais. Isso estabelece representação já que nossa história depende da de Pilar.

## 5. UMA BREVE HISTÓRIA DA PARAÍBA

### ➤ A Conquista e Fundação da Paraíba

Quando o Governador Geral (D. Luís de Brito) recebeu a ordem para separar Itamaracá, recebeu também do rei de Portugal a ordem de punir os índios responsáveis pelo massacre, expulsar os franceses e fundar uma cidade. Assim começaram as cinco expedições para a conquista da Paraíba. Para isso o rei D. Sebastião mandou primeiramente o Ouvidor Geral D. Fernão da Silva. Conquista da Paraíba Para as jornadas o Ouvidor Geral Martim Leitão formou uma tropa constituída por brancos, índios, escravos e até religiosos. Quando aqui chegaram se depararam com índios que sem defesa, fogem e são aprisionados. Ao saber que eram índios Tabajaras, Martim Leitão manda soltá-los, afirmando que sua luta era contra os Potiguaras (rivais dos Tabajaras). Após o incidente, Leitão procurou formar uma aliança com os Tabajaras, que por temerem outra traição, a rejeitaram. Depois de um certo tempo Leitão e sua tropa finalmente chegaram aos fortes (São Felipe e São Tiago), ambos em decadência e miséria devido as intrigas entre espanhóis e portugueses. Com isso Martim Leitão nomeou outro português, conhecido como Castrejon, para o cargo de Frutuoso Barbosa. A troca só fez piorar a situação. Ao saber que Castrejon havia abandonado, destruído o Forte e jogado toda a sua artilharia ao mar, Leitão o prendeu e o enviou de volta à Espanha. Quando ninguém esperava, os portugueses se unem aos Tabajaras, fazendo com que os Potiguaras recuassem. Isto se deu no início de agosto de 1585. A conquista da Paraíba se deu no final de tudo através da união de um português e um chefe indígena chamado Piragibe, palavra que significa Braço de Peixe.

### **Fundação da Paraíba**

Martim Leitão trouxe pedreiros, carpinteiros, engenheiros e outros para edificar a Cidade de Nossa Senhora das Neves. Com o início das obras, Leitão foi a Baía da Traição expulsar o resto dos franceses que permaneciam na Paraíba.

Leitão nomeou João Tavares para ser o capitão do Forte. Paraíba foi a terceira cidade a ser fundada no Brasil e a última do século XVI.

### **Primeiras Vilas da Paraíba na Época Colonial**

Com a colonização foram surgindo vilas na Paraíba. A seguir temos algumas informações sobre as primeiras vilas da Paraíba.

**Pilar:** O início de seu povoamento aconteceu no final do século XVI, quando fazendas de gado foram encontradas pelos holandeses. Hoje uma cidade sem muito destaque na Paraíba, foi elevada à vila em 5 de janeiro de 1765. Pilar originou-se a partir da Missão do Padre Martim Nantes naquela região. Pilar foi elevada à município em 1985, quando o cultivo da cana-de-açúcar se tornou na principal atividade da região.

**Sousa:** Hoje a sexta cidade mais populosa do Estado e dona de um dos mais importantes sítios arqueológicos do país (Vale dos Dinossauros), Sousa era um povoado conhecido por "Jardim do Rio do Peixe". A terra da região era bastante fértil, o que acelerou rapidamente o processo de povoamento e progresso do local. Em 1730, já viviam aproximadamente no vale 1468 pessoas. Sousa foi elevada à vila com o nome atual em homenagem ao seu benfeitor, Bento Freire de Sousa, em 22 de julho de 1766. Sua emancipação política se deu em 10 de julho de 1854.

**Campina Grande:** Sua colonização teve início em 1697. O capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo instalou na região um povoado. Os indígenas formaram uma aldeia. Em volta dessa aldeia surgiu uma feira nas ruas por onde passavam camponeses. Percebe-se então que as características comerciais de Campina Grande nasceram desde sua origem. Campina foi elevada à freguesia em 1769, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Sua elevação à vila com o nome de Vila Nova da Rainha se deu em 20 de abril de 1790. Hoje,

Campina Grande é a maior cidade do interior do Nordeste. São João do Cariri: Tendo sido povoada em meados do século XVII pela enorme família Cariri que povoava o sítio São João, entre outros, esta cidade que atualmente não se destaca muito à nível estadual foi elevada à vila em 22 de março de 1800. Sua emancipação política é datada de 15 de novembro de 1831.

**Pombal:** No final do século XVII, Teodósio de Oliveira Ledo realizou uma entrada através do rio Piranhas. Nesta venceu o confronto com os índios Pegas e fundou ali uma aldeia que inicialmente recebeu o nome do rio (Piranhas). Devido ao seu sucesso da entrada não demorou muito até que passaram a chamar o local de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em homenagem a uma santa. Em 1721 foi construída no local a Igreja do Rosário, em homenagem à padroeira da cidade considerada uma relíquia história nos dias atuais. Sob força de uma Carta Régia datada de 22 de junho de 1766, o município passou a se chamar Pombal, em homenagem ao famoso Marquês de Pombal. Foi elevada à vila em 3/4 de maio de 1772, data hoje considerada como sendo também a da criação do município.

**Areia:** Conhecida antigamente pelo nome de Bruxaxá, Areia foi elevada à freguesia com o nome de Nossa Senhora da Conceição pelo Alvará Régio de 18 de maio de 1815. Esta data é considerada também como a de sua elevação à vila. Sua emancipação política se deu em 18 de maio de 1846, pela lei de criação número 2. Hoje, Areia se destaca como uma das principais cidades do interior da Paraíba, principalmente por possuir um passado histórico muito atraente.

### **ANÁLISE ECONÔMICA**

Na época colonial, a Paraíba ofereceu no aspecto econômico um traço digno de registro. Entre os principais produtos e fontes de riqueza, destacavam-se o pau-brasil, a cana-de-açúcar, o algodão e o comércio de negros.

A cana-de-açúcar, que foi a principal riqueza da Paraíba com os seus engenhos, veio do Cabo Verde. Foi plantada inicialmente na Capitania de Ilhéus. A cana não se aclimatou na Europa. Na idade média o açúcar era um produto raro de preço exorbitante. Figurava em testamento no meio das joias. Isto provou

bem a importância do açúcar, de que resultou o desenvolvimento e progresso das colônias brasileiras. Na primeira década da fundação da Paraíba, já se encontravam dez engenhos montados.

**Atualmente a economia do açúcar:**

- Cana-de-açúcar: Possui grande importância econômica, pois dela se fabrica o álcool usado como combustível. As principais áreas de cultivo são os vales, os tabuleiros e o litoral.

**PRINCIPAIS REVOLTAS:**

- Revolta dos Quebra Quilos
- Ronco da Abelha
- Revolução de 30

# PARTE II

# INDICADORES DE APRENDIZAGEM

Tendo em vista a perspectiva de trabalho interdisciplinar sugerida neste guia do professor, pretende-se trabalhar na perspectiva da Cultura, Identidade, História Local através de obras Literárias Regionais, e espera-se que os alunos:

- Identifiquem a literatura como fonte de representações do passado.
- Reconheçam sua região local e Nordeste no geral, como ponto para a construção de sua identidade e memória.
- Reconheçam as semelhanças e diferenças da sociedade canavieira de hoje e da obra literária.
- Agucem o gosto e apreço pela leitura.
- Compreendam a importância do estudo e interdisciplinaridade.



# SEQUÊNCIA DIDÁTICA

## 1º MOMENTO

### MOTIVAÇÃO

O primeiro encontro será direcionado para a motivação. Esse primeiro passo da sequência didática consiste em preparar o aluno para entrar no texto. Este momento estabelecerá laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. Inicialmente a professora aplicará com os alunos um questionário de sondagem que buscar investigar se eles já participaram de aulas de história local a partir da leitura literária. Os alunos responderão o questionário para ser entregue a professora no mesmo encontro. Em seguida será feita a leitura de uma poesia “O Açúcar” de Ferreira Gullar, como gancho para a conversação sobre as atividades que se seguirá nesta sequência básica.

### O Açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café  
nesta manhã de Ipanema  
não foi produzido por mim  
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.  
Vejo-o puro  
e afável ao paladar  
como beijo de moça, água  
na pele, flor  
que se dissolve na boca. Mas este açúcar  
não foi feito por mim.  
Este açúcar veio  
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dona da mercearia.  
Este açúcar veio  
de uma usina de açúcar em Pernambuco

ou no Estado do Rio  
e tampouco o fez o dono da usina.  
Este açúcar era cana  
e veio dos canaviais extensos  
que não nascem por acaso  
no regaço do vale.  
Em lugares distantes, onde não há hospital nem escola,  
homens que não sabem ler e morrem de  
fome aos 27 anos  
plantaram e colheram a cana  
que viraria açúcar.  
Em usinas escuras,  
homens de vida amarga e dura  
produziram este açúcar  
branco e puro  
com que adoço meu café esta manhã  
em Ipanema.

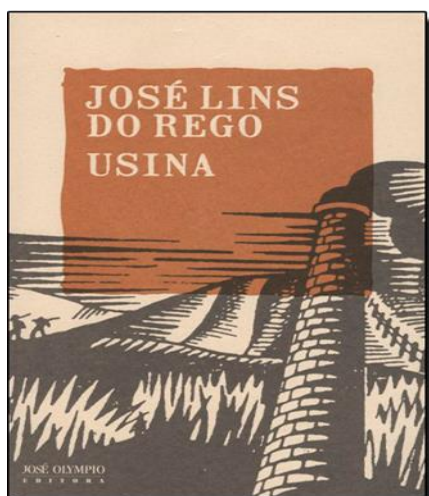
*Ferreira Gullar*

## CONHECENDO O AUTOR – 2º momento

### Introdução

#### Vida e Obra de José Lins do Rego:

Nasceu em 03 de junho de 1901 no Engenho Corredor pertencente a Pilar na Paraíba. O mundo rural canavieiro do Nordeste lhe serviu de inspiração. No ano de 1957 na cidade do Rio de Janeiro o Brasil perdia um de seus maiores escritores, já representado na Academia Brasileira de Letras. Suas obras foram traduzidas na Alemanha, Espanha, Estados Unidos, Itália, entre outros. Seu primeiro livro publicado foi Menino de Engenho em 1932, a partir desse momento criou-se o ciclo da cana-de-açúcar na literatura com as obras Doidinho (1933), Banguê (1934), Moleque Ricardo (1935), Usina (1936) e Fogo Morto (1943). Além de livros José Lins do Rego também escreveu crônicas.



#### **Professor (a):**

**Apresente a obra aos alunos. Pode ser a de sua preferência, caso escolha trabalhar com outra obra literária!!**

## PROFESSOR (A), INSTRUÇÕES PARA VOCÊ!

Ainda no 1º momento, haverá a apresentação do autor e da obra que será trabalhada nas aulas de História Local. Inicialmente a professora apresentará o livro folheando e permitindo o contato com a obra. Será explanada a história de vida e obra do autor paraibano José Lins do Rego, ao conhecimento dos alunos. Neste primeiro momento, o professor também deverá explicar o objetivo desse trabalho nas aulas de história e o porquê do uso da literatura.

### 3º MOMENTO: POSSIBILIDADE DE AULA DE CAMPO LEITURA

Para o segundo encontro, no ambiente da sala de aula organizada em círculo, a professora proporcionará o primeiro contato dos alunos com a **leitura de trechos do Livro Usina**. Antecedendo este momento, será determinada a leitura de um resumo da história da Usina Olho D'água existente na região. Em seguida a professora seguirá com um debate acerca do que José Lins do Rego trata em sua narração, quando o mesmo descreve a região e cita uma cidade não fictícia, iniciando desta forma, a história da evolução do Engenho Banguê para Usina. Neste encontro a aula será guiada com a apresentação de fotos da usina e conteúdo da aula através de slides.

#### □ **A Usina Olho D'água**

Nossa história começou há 97 anos atrás, em 1920, quando nosso fundador Artur Tavares de Melo adquiriu o velho Engenho Banguê Olho D'Água no município de Camutanga, em Pernambuco. Em 1928, Arthur Tavares de Melo se associou ao sogro Samuel Hardman e ao cunhado José Hardman e transformou o engenho na Usina Central Olho D'Água. A Usina gera cerca de 4.500 empregos, ajudando na renda de famílias das cidades vizinhas a usina. Estas cidades são Camutanga, Itambé, Ferreiros e Timbaúba em Pernambuco e Juripiranga e Pilar na Paraíba. A Usina se localiza na divisa estadual entre os estados de Pernambuco e Paraíba.

Disponível em: <http://www.grupoolhodagua.com.br/2013/empresa.php> acessado em:

16/12/2018

## Sugestão de Atividade:

A professora deverá dividir a turma em grupos para a realização desta e das próximas atividades.

- Deve ser sugerido aos alunos, que realizem uma pesquisa sobre a experiência de trabalho dos pais, avós, vizinhos que trabalharam e trabalham atualmente na Usina Olho D'água, através de uma entrevista. (Caso a professora, escolha outra obra literária, é interessante atividades em grupo)
- Pedir aos alunos a elaboração de um roteiro de perguntas para ser aplicado na entrevista gravada pelo celular, oriente essa formulação de perguntas.

**Professor (a), leve os alunos para uma aula de campo!!!**

**Relacionado a este tema, temos algumas sugestões:**

**1º Engenho Corredor Pilar-PB** – Consiste no lugar que José Lins do Rego foi criado. Este passeio permite ao aluno, realizar uma viagem no tempo.

**2º Usina Central Olho D'Água Camutanga-PE** – Permite aos alunos conhecer o método de produção representado na obra de José Lins do Rego.

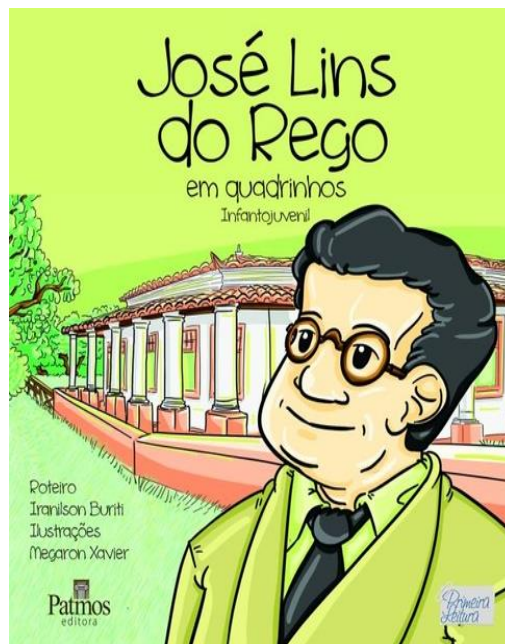
## VAMOS DE LEITURA COMPLEMENTAR?!

Professor (a), como este momento é o foco da leitura da obra, para melhorar a compreensão dos alunos sobre o que José Lins do Rego escreve, sugerimos o Cordel “UM MENINO DE ENGENHO CHAMADO ZÉ LINS DO REGO<sup>12</sup> e “JOSÉ LINS DO REGO EM QUADRINHOS<sup>13</sup>. Os dois são textos mais curtos e transmitirá leveza à leitura dos alunos.

<sup>12</sup> Autor, Manoel Monteiro. Campina Grande-PB. Cordel disponível em: <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/litcord/litcord66171.pdf>.

<sup>13</sup> Autor, Professor Dr. Iranilson Buriti de Oliveira – Universidade Federal de Campina Grande.

## AS OBRAS COMPLEMENTARES



### O cenário da região sendo descrito na narrativa Usina

Nesta etapa, o professor (a) deverá formar uma roda de leitura na sala de aula, com intuito de ler os trechos que segue entre as páginas 188-189, 197 e 214, que retratam nomes de algumas cidades que fazem parte da região. Neste momento a professora mostrará aos alunos as possíveis relações e a importância da representação do lugar na narrativa de José Lins do Rego. Abaixo citações do livro Usina (2010):

A várzea era só cana. A vitória da Bom Jesus do dr. Juca sobre a São Félix do dr. Luís na compra do engenho Marreira, serviu de comentários nos trens. – Disse o dr. Luís – se não fosse meu fracasso na compra do engenho Santa Rosa, a várzea inteira do Marreira seria minha. Uma única voz mandaria na região que ia de Santa Rita à Pilar. (REGO, p. 189)

Em Pernambuco, poucas usinas estariam tão aparelhadas como a bom Jesus. A Bom Jesus só precisara mesmo de irrigação e isto estava ali perto. As várzeas do rio Paraíba eram ótimas. Queria em Goiana haver terras de um massapê que era mesmo que estrume pra cana. (REGO, p. 197) A verdade é que ele sentira que tirara a família daquela miséria que era moer em engenho banguê. O que eram hoje os parentes de Itambé morrendo para enriquecer os comerciantes de Goiana? (REGO, p. 214)

## SUGESTÃO DE ATIVIDADE!

Depois das aulas de campo e leitura da obra, aplique com os alunos um debate sobre o negativo e o positivo de uma Usina. Divida a sala em duas partes, um lado a favor da Usina Olho' D'Água no outro contra.

# DEBATE!!!!

## 4º Momento: Interpretação

---

Neste encontro, os professores devem elaborar métodos em sala.

Nós temos algumas sugestões!

---

- Um sorteio para iniciar a discussão sobre o final do livro e sua representação cultural, econômica e indenitária dos alunos. Como em aulas anteriores será debatido passagens do livro que abordam situações parecidas com a vivência dos alunos e o contato com a usina direta ou indiretamente. Nesta fase de aplicação da sequência, a professora já conhecerá o perfil de cada aluno, cujo o questionário de sondagem foi aplicado no início. Portanto, as discussões sempre estarão interligadas com os encontros anteriores e sempre se fará roda leitura.

### Sugestão de atividade:

- Neste momento os alunos juntos, sob orientação da professora de história irão escrever uma produção textual com os relatos das entrevistas que fizeram no início, falando sobre o projeto, sobre o autor, relatando as visitas ao Engenho Corredor e Usina Olha D'água para a coluna do Jornal da Escolar.
- Pode ser sugerido aos alunos a construção de um mapa da região que represente a comunidade canavieira em todos os seus aspectos, para também ser publicado no Jornal da Escola.



## MAPA CANAVIEIRO – MEU LUGAR

Nesta atividade, os alunos devem construir/desenhar um mapa sobre o lugar deles, contendo a paisagem local, os cenários...

Deixe aqui registrado o seu lugar!



Se liga no **YOUTUBE!**

Sugestões de Filmes e Curtas

Filmes:

**Lisbela e o Prisioneiro**

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=q3E0\\_EJ9sBY](https://www.youtube.com/watch?v=q3E0_EJ9sBY)

**Menino de Engenho O Filme**

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hBzh6otY4BM>

Curta Metragem:

**Menino de Engenho em Cordel**

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GWw554NLp0o>

## BIBLIOGRAFIA

BASSANEZI, Pinski Carla. **Novos temas nas aulas de história**. 1.ed. – São Paulo Contexto, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PINTO, Júlio Pimentel. **Ensino de História: diálogos com a literatura e fotografia**. 1.ed. – São Paulo : Moderna, 2012.

REGO, José Lins do, 1901-1957. **Usina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. 20.ed.